Fundador: Francisco Pinto Balsemão

Expresso

23 de agosto de 2024
2704 • €5 • Semanário

Diretor: João Vieira Pereira
Diretores-Adjuntos: David Dinis, Martim Silva, Miguel Cadete e Paula Santos
Diretor de Arte: Marco Grieco

expresso.pt

24h

Sousa Tavares e Bugalho regressam

A crónica de Miguel Sousa Tavares está de regresso nesta edição. Também Sebastião Bugalho retoma, na pág. 36, a sua coluna de opinião, interrompida quando foi anunciada a sua candidatura a eurodeputado pelo PSD.

75 mortos por afogamento

Morreram 75 pessoas afogadas em Portugal continental até final de julho, o terceiro valor mais alto dos últimos cinco anos. A maioria das vítimas são homens entre os 20 e os 24 anos.

Jornalistas sofrem pressão na Madeira

O Sindicato dos Jornalistas denunciou haver "um clima de pressões e restrições" impostas pelo Governo Regional da Madeira aos jornalistas que estão a fazer a cobertura dos incêndios na ilha.

Morreu José Guilherme

José Guilherme, o construtor da Amadora que ficou conhecido pela oferta de €14 milhões a Ricardo Salgado, morreu aos 78 anos.

Integram esta edição semanal, além deste corpo principal, os seguintes cadernos: **ECONOMIA, REVISTA E**

PSD junta Leonor Beleza à lista de candidatos a Belém

Hugo Soares recusa, em entrevista, o referendo do Chega: "É completamente desenquadrado." E desafia o PS a negociar Orçamento: "Vai ter a responsabilidade que lhe compete"

O líder parlamentar do PSD e braço-direito de Luís Montenegro considera, em entrevista ao Expresso, que a ex-ministra da Saúde e atual presidente da Fundação Champalimaud "é uma excelente candidata à Presidência". Hugo Soares lança o nome de Leonor Beleza por mote próprio e coloca-a a par de outros como Marques Mendes, Durão Barroso ou Passos Coelho. Soares refere que Beleza "participou em sessões partidárias e estava sentada ao lado do presidente do PSD no Pontal", considerando-a "uma referência da social-democracia". P9

FOTO NUNO FOX

TURISMO Os restaurantes das zonas mais turísticas de Lisboa têm menus a preços mais baixos só para portugueses. Os valores "oficiais" praticados nestes estabelecimentos são feitos à medida dos bolsos dos visitantes, e os donos, que não querem perder a clientela local, passaram a ter duas cartas: uma à vista e outra escondida. Especialistas alertam que a prática é ilegal. Associação da Hotelaria e Restauração desconhece o assunto. P18

Plano recusado dava apoios imediatos à Madeira

Proposta chegou ao Governo Regional em 2020. Albuquerque espera que os Canadair apaguem fogo político

O convite da Agência de Gestão Integrada de Fogos Rurais permitia que os Serviços Regionais de Florestas e a Proteção Civil integrassem os trabalhos de preparação do plano nacional de prevenção e combate aos incêndios. P14

Médicos estrangeiros preferem privados ao SNS

Só um em cada quatro dos clínicos imigrantes registados na Ordem optaram por trabalhar no serviço público P16

Lisboa entre as cidades europeias a abrir mais hotéis

Capital portuguesa deverá acolher 36 novos hotéis até 2026, apenas atrás de Londres e Istambul E6

Oferta de quartos para estudantes duplica, mas preços não param de subir E18

Kamala ganhou fôlego, Trump já prepara o contra-ataque

Contra a união dos democratas, Trump chama equipa de 2016 para o combate P6

A nova vida de António Costa em Bruxelas R16

Taça América, a regata dos iates voadores P30

João Vieira Pereira

A ARMADILHA DAS PENSÕES

Existe um problema evidente com a remuneração dos pensionistas. Os valores das pensões são, na sua maioria, muito baixos. Em média, o valor mensal é de €509 e mais de um milhão de pessoas recebe até €462. Isto porque há quem não tenha tido uma carreira contributiva e há quem tenha descontado poucos anos. Os reformados com pensões de velhice têm, em média, apenas 29 anos de descontos. Depois há aqueles que optaram pela informalidade, fugindo ao sistema ou declarando menos rendimentos dos que efetivamente recebiam.

O resultado é um quadro de miséria e de difícil resolução. Até porque estamos a falar de um total de 3 milhões de pensões pagas todos os meses. Qualquer mudança na sua remuneração representa um custo enorme para um sistema que é já altamente deficitário. Se às pensões da Segurança Social juntarmos as da Caixa Geral de Aposentações, o esforço financeiro é tão elevado que o sistema há muito que deixou de ser suportado apenas pelos descontos de quem trabalha e passou a depender dos impostos cobrados. Todos os anos, o Orçamento do Estado já tem de contribuir com vários milhares de milhões de euros para equilibrar as contas.

Há 16 anos foi alterada a forma de cálculo para a atualização das pensões. Considerada demasiado generosa em momentos de crescimento económico e inflação alta, a fórmula não foi aplicada vários anos por decisão política. E a razão é sempre a mesma: o custo é demasiado elevado. Apesar de a lei que a aprovou prever uma revisão da fórmula cinco anos depois da sua aplicação, nunca houve coragem política para o fazer. Que o diga António Costa, que tentou preparar esse caminho e teve de recuar assim que se percebeu a sua intenção.

Mas a discussão sobre a revisão da forma como é calculada a atualização das pensões é necessária. Até porque é preciso ligar diretamente os aumentos das pensões com a remuneração do trabalho, já que é este que deve suportar o sistema. Se a economia crescer mas as remunerações não a acompanharem, a atual fórmula só vai desequilibrar ainda mais as contas. As atuais e as futuras, porque quando olhamos para o sistema de pensões é obrigatório ter uma visão de longo prazo. Este é talvez um dos maiores problemas que o país tem de ultrapassar: fazer uma reforma impopular que só terá efeitos daqui a dezenas de anos. Para quem o ousar fazer será sempre uma espécie de haraquíri político. Mas é nestas alturas que se descobre de que matéria é feito um primeiro-ministro.

Luís Montenegro foi à festa do Pontal anunciar novo bónus para os pensionistas, uma prática que se parece ter normalizado desde 2017. Quem tem pensões abaixo de €1527,78, brutos, receberá um suplemento de €100. No total, este cheque chegará a cerca de 2,4 milhões de pensionistas e custará qualquer coisa como €422 milhões.

A medida foi recebida com estupefação. Não só o PSD está a repetir as mezinhas do PS como mostra que continua a governar como se estivesse em plena campanha. Montenegro a piscar o olho ao tradicional eleitorado socialista e a tentar fazer as pazes com os muitos pensionistas que ainda olham com desconfiança para o PSD após o período da *troika*.

> **Falta descobrir se Montenegro vai ter coragem de mexer na fórmula de atualização das pensões ou se, tal como António Costa, vai meter a viola no saco mais rápido do que a tentou tirar**

De forma fria, todos os governos têm apetência para privilegiar os pensionistas como estratégia política. Isso nunca vai mudar. Pelo que será sempre preferível um qualquer complemento extraordinário para tentar minorar o facto de existirem pensões de miséria do que aumentos absurdos de pensões. Os bónus acontecem quando as contas públicas os permitem, os aumentos são para sempre. Falta apenas descobrir se Montenegro vai ter coragem de mexer na fórmula de atualização das pensões ou se, tal como António Costa, vai meter a viola no saco mais rápido do que a tentou tirar. A minha aposta é que ainda não é desta que o bom senso triunfa.

jvpereira@expresso.impresa.pt

Duelo

Montenegro prometeu mais dois cursos superiores de Medicina, já lançados no tempo de Costa. Mas os médicos resistem. Quem tem razão?

Marta Temido

Eurodeputada do PS e ex-ministra da Saúde

Carlos Cortes

Bastonário da Ordem dos Médicos

PRECISAMOS DE MAIS ESTUDANTES DE MEDICINA?

SIM Se tem dúvidas sobre a resposta certa, pergunte aos portugueses. Aos utentes sem médico de família. Aos diretores clínicos com escalas de urgência incompletas. Aos administradores de hospitais de concursos desertos. E se as dúvidas persistirem, aos próprios médicos do SNS que lutam com falta de tempo; para os seus doentes e para as suas vidas. Adicionalmente, se acha que as políticas públicas devem ser baseadas em evidência e não apenas em perceções, leia, por exemplo, o recente "Relatório do Grupo de Trabalho para a avaliação das necessidades formativas em Medicina". De resto, as medidas tomadas pelo anterior Governo, no apoio à retoma do curso de Medicina em Aveiro, à sua abertura em universidades privadas, à sua preparação em Évora e Trás-os-Montes, e as recentes declarações do Primeiro-Ministro não são, sequer, de sinal contrário.

Mas, então, porquê o constante regresso à pergunta? Talvez porque os argumentos de quem defende que não precisamos de mais estudantes de Medicina ainda não foram suficientemente rebatidos. Quem recusa a necessidade, repete que Portugal não tem falta de médicos porque, ano após ano, a OCDE coloca o país nos primeiros lugares em termos de médicos por habitante. Omite, porém, que esta informação é sempre acompanhada por uma nota de rodapé que sublinha que os números incluem "todos os médicos autorizados a exercer, o que se traduz numa larga sobrestimação, que para Portugal se calcula de 30%"; como omite que 26% desses médicos têm mais de 65 anos. Quem recusa a necessidade, argumenta, também, que o número de escolas médicas não diverge da Europa e que aumentar o número de vagas nas atuais escolas agravaria a degradação da qualidade do ensino. Mas desvaloriza o papel da A3ES, entidade independente, com a função de avaliação e acreditação de ciclos de estudos e instituições de ensino superior. E remata sempre com a afirmação de que o problema é a falta de condições para que os médicos que se formam no SNS nele continuem. Esquece o investimento feito; esquece a alteração de preferências das novas gerações, que mais do que nunca anseiam por "tempo"; esquece, sobretudo, que o problema da falta de médicos está longe de se limitar ao SNS ou ao sistema de saúde português.

> **Se tem dúvidas pergunte aos utentes sem médico e aos diretores com escalas incompletas**

Num contexto de necessidades crescentes, não precisamos apenas de mais estudantes de Medicina, precisamos de mais estudantes de todas as áreas da saúde; não apenas para o SNS, mas para todo o sistema de saúde e para todos os países. Porque continuamos, então, a perguntar o mesmo?

NÃO A necessidade de criar mais cursos de Medicina baseia-se numa premissa errada e desatualizada, que precisa de ser corrigida urgentemente para não gerar falsas expectativas. Não existe uma ligação direta entre o número de estudantes e de médicos especialistas no SNS. Este tema merece uma análise técnica rigorosa, longe de populismos e preconceitos ideológicos. Nos últimos 25 anos foram criados oito novos cursos de Medicina, totalizando 13. Os estudantes no 1º ano da faculdade passaram de cerca de 700 para 2065, um crescimento impressionante de 195%. Nos últimos 20 anos a Ordem dos Médicos inscreveu mais 34.724 médicos (56% do total atual de médicos), permitindo que Portugal seja reconhecido como o 2º país com mais médicos por habitante entre 37 países avaliados pela OCDE. Mas apenas 40% dos médicos especialistas ativos trabalham no SNS.

> **O país precisa de mais especialistas no SNS, não de mais estudantes**

Um relatório dos Ministérios da Saúde e do Ensino Superior do anterior Governo, publicado em março 2024, que avalia as entradas e saídas de médicos do sistema de saúde, prevê um acréscimo de 10271 médicos disponíveis nos próximos 10 anos, muito acima dos mais de três mil médicos que o Governo apontou como necessários para o SNS. Formar um médico especialista demora 13 anos. Os primeiros 136 médicos (previsão) dos dois novos cursos propostos serão especialistas somente em 2039. O custo médio para formar um diplomado em Medicina é de €40 mil (noutras fontes até €100 mil), ou seja, cerca de €5,4 milhões anuais no total dos dois cursos, sem garantias de que venham a integrar o SNS ou sequer ficar no país.

Um curso de Medicina não é apenas um projeto educativo; requer um corpo docente, instalações físicas e tecnológicas, o apoio de um hospital com todas as áreas médicas, médicos suficientes e tempo dedicado. A qualidade do ensino médico não pode ser negligenciada. Percebe-se, assim, que a proposta de aumentar o número de estudantes de Medicina é inconsequente, despesista e desnecessária. O país precisa de mais médicos especialistas no SNS, não de mais estudantes. O problema está na falta de capacidade para os atrair e reter, algo que precisa ser corrigido agora, e não daqui a 20 ou 30 anos!

As prioridades devem ser melhorar as condições de trabalho, valorizar a carreira médica, a formação, a investigação e a remuneração digna de uma profissão de grande desgaste, elevada diferenciação e enorme responsabilidade. Precisamos de mais competitividade, planeamento, organização, humanização e respeito pelos médicos e pelos demais profissionais de saúde. Esta é a solução para salvar o SNS, agora.

A Semana

Por **MARTIM SILVA**
mgsilva@expresso.impresa.pt

ALAIN DELON
Morreu aos 88 anos um dos ícones do cinema francês, Alain Delon, um dos maiores *sex symbols* das décadas 60 e 70 do século passado.

MADEIRA
Uma semana completa com a ilha da Madeira a arder, estimando-se terem ardido pelo menos 5 mil hectares. O combate às chamas gerou ainda forte polémica política, sobretudo motivada pela forma como Miguel Albuquerque teimou em manter-se de férias no Porto Santo durante parte dos dias. Albuquerque garante que o combate às chamas foi um "sucesso".

SUPERLUA
A primeira superlua do ano aconteceu esta semana.

REFERENDO
O partido de André Ventura desencantou a realização de um referendo sobre imigração como moeda de troca para negociar o Orçamento com o Governo de Montenegro.

ASTRONAUTAS
Barry Wilmore e Sunita Williams, astronautas, estavam no espaço para uma missão de oito dias, mas uma avaria na

nave Boeing que os devia trazer de volta à Terra faz com que possam ficar retidos oito meses na Estação Espacial Internacional.

MORTE NO IATE
As férias de luxo em iates no Mediterrâneo também podem acabar em tragédia, como aconteceu com o "Bayesian", um veleiro apanhado numa violenta tempestade que naufragou a poucas centenas de metros da costa da Sicília. Uma das vítimas foi o empresário britânico no sector tecnológico Mike Lynch.

RONALDO
O astro português lançou-se na criação de um canal no YouTube, que um dia após ter sido criado já somava 20 milhões de subscritores. Chama-se UR e destina-se a mostrar o dia a dia do futebolista.

EUA
Uma semana com os democratas unidos em Convenção para demonstrar apoio a Kamala Harris, na luta contra Donald Trump pela presidência dos Estados Unidos. Lá estiveram os Clintons e os Obamas, entre outros.

CESSAR-FOGO
Não é nem a primeira nem a segunda semana que chega ao fim com vários pré-anúncios e anúncios de que está para breve um acordo de cessar-fogo para a guerra em Gaza. Mas a verdade é que as armas continuam a fazer-se ouvir.

ÁGUA
Embora seja considerado um Direito Humano, consagrado pela ONU, a verdade é que mais de metade da população mundial não tem acesso a água potável, de acordo com um estudo divulgado pela revista "Science".

Miguel Sousa Tavares

Dias de Verão

"Só o Verão vale a pena ser vivido"
R. M. Rilke

Viver o ano inteiro onde os outros passam férias é um privilégio especialmente sentido quando acaba o Verão e os outros partem e eu fico. Mas também quando o Verão vai entrando aos poucos e eles vão chegando, sôfregos de praia e de mar, e eu dou-me ao luxo de seleccionar, de Maio a Outubro, apenas os dias sem vento para ir à praia. Este ano, e cada ano parece pior, o vento, mesmo no Sotavento algarvio, só deu alguns dias de tréguas por volta de 7 de Agosto. Não era a nortada infernal que vai de Caminha até Faro sem misericórdia, mas um sudoeste que estraga os dias de praia e que, em contrapartida do que sucede na extensa linha da nortada, cai ao fim do dia sem que a temperatura desça mais do que dois graus, servindo então noites mediterrânicas incomparáveis e, quando de lua cheia, absolutamente mágicas. Mas, a partir da segunda semana de Agosto, aconteceram três ou quatro dias de sueste na Ria Formosa, daqueles de apetecer ficar na praia quase até o sol se pôr, até tudo o resto deixar de fazer sentido.

Este mês longe da escrita, longe do mundo, e que me é radicalmente necessário até para a justiça e honestidade com que olho para tudo, foi passado a devorar livros, a um ritmo ainda maior do que nos desterrados Invernos a sul. Aqueles projectos que fazemos de acumular livros para quando tivermos tempo para os ler foram todos cumpridos: esgotei a reserva, a estante, esgotei as livrarias locais. Nos romances, entre muitos outros, atirei-me à Ferrante, adiada há muito e sem achar a amiga genial, li o Vargas Llosa terminal e o suposto romance póstumo do Gabriel García Márquez — póstumo sim, pois que publicado pelos filhos 10 anos após a sua morte, mas suposto porque ele já não estava na posse das capacidades que o fizeram o enorme romancista que foi e, consciente disso, deixou dito que o "Vemo-nos em Agosto" não era para ser publicado, mas sim para ser destruído, desejo traído pela ganância dos herdeiros. Também, e como gosto, muita história — cujo conhecimento hoje faz tanta falta a quem manda e decide — e biografias e autobiografias — estas, quase todas, mesmo as de quem viveu vidas únicas e as deveriam testemunhar, miseravelmente reduzidas a um repositório de vaidades pessoais difíceis de compreender e digerir.

Chegámos ao feriado de 15 de Agosto, voltou o vento desagradável, e a política acordou das suas breves tréguas com a triste festa do Pontal, no triste calçadão da Quarteira. Nas fotografias, Luís Montenegro está de braços ao alto em pose de herói olímpico, empolgado e imaginando-se empolgante perante uma plateia de 500 laranjinhas agradecendo o poder ou aspirando às migalhas do poder. Com mais de metade das maternidades do país fechadas porque os médicos foram de férias, anunciou duas novas Faculdades de Medicina para daqui a 10 anos e, com o dinheiro dos contribuintes, prometeu 422 milhões para os reformados em Outubro e um passe da CP para quem quiser castigar-se a conhecer o país nos comboios inter-regionais. E louvou-se de estar a resolver os problemas, tendo pago as promoções retroactivas aos professores e o subsídio de risco aos polícias e à GNR. É o futuro a ser construído, jurou, que só os comentadores não vêem.

Do Algarve para Lisboa, passando pelo Pontal e pela Ericeira, sem esquecer, lá longe, Israel. Felizmente, há luar e ainda é de graça e para todos ao mesmo tempo

Subi então a Lisboa, onde já não ia há mais de um mês, para uma semana de férias das férias (ou de trabalho, o que vem a dar na mesma). A cidade estava invadida de cartazes do PSD, para prolongar o efeito pretendido do Pontal, garantindo que "Portugal está no bom caminho", graças a "um Governo para as pessoas". À força de esbarrar com os cartazes em cada esquina comecei a pensar nas suas mensagens, uma coisa sempre perigosa. Um Governo para as pessoas? O que quererá isso dizer? Não é suposto todos os Governos serem para as pessoas? Então haveriam de ser para quem ou para quê? E Portugal está no bom caminho? E qual é esse bom caminho? Pagar os retroactivos aos professores, como se fossem os únicos que sofreram durante a intervenção da *troika*? Equivaler os PSP e GNR aos PJ? Satisfazer com o dinheiro dos contribuintes todas as reivindicações das corporações públicas e chamar a isso problemas resolvidos? Formar médicos e enfermeiros no ensino público para depois os deixar ir de borla para o sector privado? Continuar a ter o Estado indefeso perante chantagens recorrentes de corporações que prestam serviços públicos essenciais, como os camionistas, os estivadores, os bombeiros, os maquinistas da CP? Aumentar cegamente a aposta no turismo de massas e na agricultura intensiva sem querer saber da escassez de água e da falta de mão de obra para sustentar esse modelo de crescimento? Onde, como e desde quando é que Portugal passou a estar no bom caminho? Só porque o PSD passou a estar no poder?

Maldito cepticismo o meu, defeito de comentador: pode ser que Portugal não esteja — ainda, claro! — no bom caminho, apesar da pose triunfante de Montenegro e da garantia dos cartazes do PSD. Mas Lisboa estava exuberante, apesar de um calor de ananases. É verdade que quase não vi lisboetas nem portugueses, quase só estrangeiros, até a Volta a Espanha em Bicicleta a arrancar da Torre de Belém. Tive de explicar a uns camones, "in english, please", como é que se pagava o parque de estacionamento do Corte Inglés e a outros que bloqueavam a entrada do parque dos Restauradores como é que se punha em andamento um carro eléctrico. Mas senti-me prestável, senti que também eu estava no bom caminho, a ajudar ao PIB. Porém, a cidade era uma delícia, sem trânsito, sem pressas, sem buzinas, só não era um paraíso rodoviário porque não há uma via rápida, uma avenida, uma rua, nem mesmo o Beco da Triste e Feia, em Alcântara, onde não haja um radar emboscado a contribuir não para a segurança rodoviária mas para o assalto fiscal aos condutores. Porém, quase conseguia fazer toda a zona ribeirinha, por pouco até conseguia ter passado no Terreiro do Paço e na Ribeira das Naus, disputando o exclusivo dos *tuk-tuks* e das trotinetes, como se fosse terra portuguesa, mas adiante vi com desgosto que os exuberantes canteiros centrais da 24 de Julho morreram por falta de rega. Em contrapartida, descobri uma nova zona da cidade que desconhecia e que está a nascer/renascer das cinzas — Marvila, uma espécie de Greenwich Village, auto-imaginada, fora de mão e do planeado, nas traseiras do horrendo e milionário quarteirão imobiliário assinado por Renzo Piano na frente do Tejo. Mas, de futuro, já sei onde é que um algarvio de arribação há-de passar o insuportável mês de Agosto, em que os lisboetas de estimação descem até ao Algarve: em Lisboa, pois claro.

ILUSTRAÇÃO HUGO PINTO

Num dia saí de Lisboa e fui até à Ericeira, onde há muitos anos tive uma casa alugada ao ano, lá no alto, de onde avistava a vila, entre montanhas verdes e o mar azul, parecia a Irlanda. Hoje, os flancos das montanhas estão todos caoticamente urbanizados, a pequena vila submergiu debaixo de construções viradas para todos os pontos cardeais, e tudo aquilo é um pesadelo de deboche urbanístico, verdadeiro hino aos horrores do poder local. Mas continua-se a conseguir comer um peixe maravilhoso, que nem no Algarve. E ali, num restaurante sobre a praia de São Lourenço, comi um peixe que na minha infância no Algarve era considerado um peixe pobre, apenas usado na caldeirada: o rascaço. Hoje, descoberto pelos *chefs*, é uma raridade, tão bonito à vista como sumptuoso no sabor, até às espinhas. Daqui a 10 anos, se eu ainda for vivo, quando por aqui já só houver peixes de aquário e noites de nortada, hei-de lembrar-me do rascaço da Ericeira como a coisa melhor deste querido mês de Agosto.

Porém, é preciso voltar ao mundo. Apesar de noites de luar insinuando uma paz ao alcance da mão, lá longe o mundo continua a gritar pela guerra, desde a agora esquecida guerra na Ucrânia até à da Palestina, abandonada pela boa consciência ocidental ao desvario genocida de um criminoso chamado Benjamin Netanyahu. 600 mil crianças palestinianas terão de ser vacinadas urgentemente nas próximas semanas, sob pena de a paralisia infantil causada pelo massacre israelita se disseminar como fogo sobre toda uma geração de crianças em Gaza, a juntar às 18 mil que os bravos soldados de Israel já liquidaram. Acordo? Netanyahu acrescenta sempre novas exigências à última da hora, porque prefere continuar a matar palestinianos do que trazer reféns israelitas de volta a casa, e o mundo dito civilizado concorda e consente: chamam-lhe legítima defesa. Felizmente, como dizia o Sttau, há luar e ainda é de graça e para todos ao mesmo tempo.

Miguel Sousa Tavares escreve de acordo com a antiga ortografia

ALTOS

Paulo Macedo
Presidente da Comissão Executiva da Caixa Geral de Depósitos

Com a decisão de entregar ao Estado um dividendo extra de €300 milhões, a Caixa Geral de Depósitos anunciou que, sete anos depois, devolveu ao Estado os cerca de €2,5 mil milhões em dinheiro dos contribuintes que foi preciso injetar no banco público. É um bom princípio aquele que procura ressarcir os cofres públicos das obrigações extraordinários que por vezes são chamados a suprir. E é bom que crie escola para outros negócios que fazem parte do sector empresarial do Estado.

Cristiano Ronaldo
Jogador e empresário

A marca portuguesa mais global de sempre parece imparável. O jogador tornado estrela mundial tem um novo canal no YouTube que já é um sucesso. Duas horas após ser lançado, tinha mais de dois milhões de seguidores, aos quais foram prometidos conteúdos exclusivos focados em futebol, claro está, mas não só. Ronaldo terá ainda convidados e abordará temas como "família, bem-estar, nutrição, recuperação, educação e negócios". Mais uma potencial máquina de fazer dinheiro, que vem provar que CR7 se está a tornar num empresário profissional.

E BAIXOS

Miguel Albuquerque
Presidente do Governo Regional da Madeira

Desastre é a melhor forma para adjetivar como Miguel Albuquerque está a gerir politicamente os fortes incêndios que assolam a Madeira. Sim, a enorme complexidade do terreno da ilha não ajuda. Sim, as condições meteorológicas não são as melhores. Mas melhor prevenção, algum planeamento e uma boa dose de humildade podiam ter acelerado a ajuda ao combate. Não há nada que desculpe o atraso na ajuda àquela região.

António Leitão Amaro
Ministro da Presidência

Sabemos que a responsabilidade primeira do caos no ex-SEF (agora AIMA) tem de ser atribuída ao anterior Governo. Só por causa deste dossiê, Eduardo Cabrita e Ana Catarina Mendes mereciam um lugar cativo aqui nos "baixos". Mas os meses vão passando e o atual ministro da Presidência, que tutela a AIMA, está longe de conseguir trazer resultados e paz àquele organismo. Nem diálogo parece existir para evitar o agravar da situação.

João Vieira Pereira
jvpereira@expresso.impresa.pt

EM DESTAQUE

ECONOMIA Leia "Mike Lynch, o 'Bill Gates britânico', morreu no mar" E30

Sicília Como um iate "inafundável" se afundou

A viagem terminou em tragédia, mas construtor diz que era "um dos barcos mais seguros do mundo"

Seis pessoas morreram e outra está desaparecida após um iate de luxo britânico se ter afundado ao largo da costa de Palermo, em Itália. Uma tempestade violenta e inesperada está a ser apontada como a causa do acidente, após o barco ter sido engolido pela água em poucos minutos.

O veleiro viajava ao longo da costa da Sicília desde 14 de agosto para celebrar recente absolvição num processo de fraude de Mike Lynch, magnata da tecnologia britânico e apelido de 'Bill Gates britânico'. A bordo estavam 22 pessoas, das quais dez eram membros da tripulação.

Dos passageiros, 15 conseguiram chegar ao bote salva-vidas e foram resgatados, mas sete ficaram inicialmente desaparecidos. A primeira vítima mortal encontrada foi o chefe de cozinha e o único tripulante desaparecido. Os restantes seis eram Mike Lynch e a sua filha, Hannah, de 18 anos, o presidente do banco Morgan Stanley International, Jonathan Bloomer, o advogado Chris Morvillo, do escritório Clifford Chance, e as esposas de ambos, Judy Bloomer e Neda Morvillo. Apenas Hannah Lynch continua desaparecida.

As buscas decorrem desde a manhã de segunda-feira com várias dificuldades devido ao reduzido espaço na embarcação e com apenas 12 minutos por mergulho em consequência da profundidade.

O ponto de viragem deu-se quando os bombeiros conseguiram entrar através do casco do iate, que está a cerca de 50 metros de profundidade.

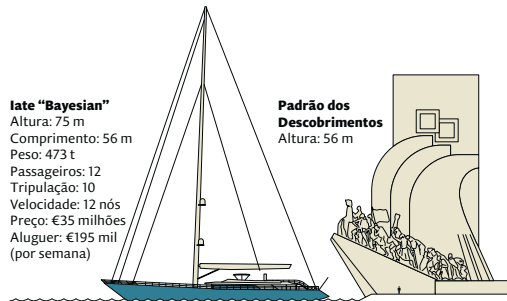
Iate era "inafundável", garante o diretor da construtora

Quando a tempestade ocorreu às 4h30 [locais] na segunda-feira, o iate batizado de 'Bayesian' com 56 metros de comprimento, virou e acabou por afundar. "Não estávamos à espera" da tempestade, foi a única afirmação aos jornalistas de James Catfield, capitão do iate. Entretanto já foi entrevistado durante duas horas pela procuradoria italiana, que abriu uma investigação para apurar as causas do naufrágio.

O mastro de mais de 70 metros (o segundo mais alto do mundo) coloca mais pressão no topo. "A embarcação está a flutuar, se eu colocar peso em cima tem tendência a virar até bater com o mastro na água", explica João Ciriaco, comandante do histórico veleiro Santa Maria Manuela.

Giovanni Costantino, fundador e diretor-geral da empresa The Italian Sea Group, que detém a construtora do iate, considera que o barco era "inafundável. Claro: a não ser que se encha de água". O acidente de "um dos barcos mais seguros do mundo" só foi possível devido às ações da tripulação, que revelam "uma lista muito longa de erros", alega.

A hora a que ocorreu a tempestade também pode ter propiciado o naufrágio, lembra o João Ciriaco. Quando acontece uma situação grave durante a madrugada, em que só costuma estar um membro de vigia, o tempo de reação é mais lento, o que significa que, entretanto, "já passaram cinco ou dez minutos" e pode ser "demasiado tarde".

Eunice Parreira
colaboradordi28@expresso.impresa.pt

O Cartoon de António Por mares já dantes navegados

Justiça Não há provas (para já) de que haja polícias no 1143

Caso é investigado pelo contraterrorismo da PJ e pela secção de combate ao crime especialmente violento do MP

Na última semana, o porta-voz do Grupo 1143, Mário Machado, disse ao "Jornal de Notícias" que havia polícias e militares entre os membros desta organização inorgânica com conotações neonazis. Não referiu números, mas indicou que se estes alegados elementos das forças de segurança "forem descobertos, serão expulsos", ou serão alvo de "processos disciplinares" nas suas corporações.

Mas uma fonte judicial diz que não há, pelo menos por enquanto, qualquer prova que "confirme esta informação". O que não quer dizer que a hipótese esteja totalmente afastada. A investigação, a cargo do contraterrorismo da Polícia Judiciária e da secção de crime especialmente violento do Ministério Público, está concentrada em identificar quem são os membros do grupo e os eventuais crimes praticados.

Bluff de Machado?

Esta não é a primeira vez que se levantam suspeitas de que possa haver polícias e militares nas fileiras daquele grupo extremista. A 10 de junho, durante as duas manifestações organizadas por este movimento e por associações antifascistas, junto ao Padrão dos Descobrimentos, em Lisboa, e em que os desacatos acabaram por ser travados pela Polícia de Segurança Pública, foram partilhadas algumas fotografias nas redes sociais que mostravam um elemento do Grupo 1143 a cumprimentar um agente da PSP que integrava o perímetro policial que delimitava os dois protestos antagónicos.

As fontes policiais contactadas pelo Expresso dividem-se sobre o assunto. Um alto responsável, que pediu o anonimato, defende que as afirmações de Mário Machado citadas pelo "JN" não passam de um "mero *bluff*", apenas para dar maior "visibilidade" ao grupo que lidera. Outras duas fontes admitem, no entanto, que possa haver "dois ou três polícias" ligados ao movimento extremista, salientando que serão "casos muito pontuais". Mas não há ainda provas da sua existência.

Autoridades não descartam a hipótese de haver "dois ou três polícias" no Grupo 1143

Os investigadores analisam os milhares de mensagens, fotografias e vídeos partilhados nos vários canais do Grupo 1143 no X (ex-Twitter) e no Telegram, em que os visados são sobretudo as comunidades imigrantes oriundas do Indostão. Os Serviços de Informações de Segurança (SIS) monitorizam igualmente o grupo de extrema-direita radical que é liderado pelo fundador do *chapter* em Portugal dos Hammerskins, organização neonazi responsável por vários crimes racistas que acabaram com condenações em tribunal.

Hugo Franco e Rui Gustavo
hfranco@expresso.impresa.pt

INCÊNDIOS Leia ainda “Madeira recusou aderir ao plano nacional” P14

Miguel Albuquerque numa conferência de imprensa com o secretário regional da Proteção Civil
FOTO HOMEM DE GOUVEIA/LUSA

Reforço Albuquerque tenta acabar com o incêndio e com a frente política que, dentro e fora do PSD, consome o presidente regional

Fogo já alastra ao PSD Madeira

MARTA CAIRES

Ao oitavo dia de fogo, e debaixo de críticas, Miguel Albuquerque entrou no Serviço Regional de Proteção Civil para anunciar a chegada de dois aviões pesados de combate a incêndios. Os tais que, um dia antes e pela voz de Pedro Ramos, o secretário regional da Saúde, não se adequavam à orografia da Madeira. A mudança de opinião não engasgou o presidente do Governo Regional, já que, depois de rondar casas e de ter corrido por quatro concelhos, o lume ardia na cordilheira central e, por isso, estavam criadas as condições para usar aeronaves.

Os aviões, oriundos de Málaga e acionados ao abrigo do Mecanismo Europeu de Proteção Civil, nunca foram testados na Madeira — os ensaios de 2017 foram feitos com aeronaves mais pequenas —, mas ao fim de uma semana Albuquerque tem agora pressa. Por um lado, as chamas podem atingir a Central Hidroelétrica da Fajã da Nogueira ou avançar para sul, em direção ao Funchal. E, depois de tudo o que correu mal, não quer correr riscos. Se é certo que, em dados, o balanço é positivo — sem mortos, sem feridos e sem casas ardidas —, a gestão política levantou um clamor de indignação.

Quando o incêndio deflagrou a 14 de agosto numa encosta, na Serra de Água, o presidente do Executivo estava de férias em Porto Santo, ilha que fica a 20 minutos de avião do Funchal. O ano foi complicado: um processo judicial no qual é arguido, eleições internas dentro do PSD e eleições regionais antecipadas. Albuquerque ganhou todas, mas está agora nas mãos do Parlamento regional e tem dentro do partido um adversário assumido e que agora não sai de cena. Ainda assim, com o fogo descontrolado serra acima, decidiu que não era motivo para interromper o descanso nem razão para pedir ajuda a Lisboa.

A decisão caiu mal, sobretudo dentro do PSD, e Manuel António Correia, o adversário que Albuquerque não esquece nos discursos partidários, foi o primeiro a emitir um comunicado na página do Facebook exigindo a presença do presidente na Madeira. O que acabou por acontecer, mas por pouco tempo, exacerbando ainda mais os críticos, que, no entanto, não querem fazer xeque-mate ao líder, mas não esquecem que o Governo está em terreno ainda mais instável e ainda mais dependente do Parlamento.

Executivo pode não passar de janeiro

E desta vez não terá a justificação de que a Madeira não pode ficar sem programa de Governo e sem Orçamento, já que a partir de 26 de novembro a Assembleia Legislativa pode ser dissolvida. Por isso, entre a oposição interna há a ideia de que este Executivo não passa de janeiro. Mais tarde ou mais cedo, nestes próximos meses, acredita a oposição interna, o Chega irá tirar o tapete e provocar eleições. Certo é que, enquanto o fogo rondava as casas em Serra de Água, Miguel Castro — o líder regional do Chega — ia ao terreno pedir responsabilidades, não a Miguel Albuquerque, mas aos responsáveis pelas florestas e pela proteção civil regional.

> HÁ QUEM ACREDITE QUE ALBUQUERQUE É UM POLÍTICO CANSADO, A FAZER EXATAMENTE O QUE FEZ JARDIM NO FIM DO MANDATO

A oposição externa também pede responsabilidades. Paulo Cafôfo apareceu em todas as televisões a comentar a situação e já anunciou uma comissão de inquérito, o Juntos pelo Povo (JPP) quer ouvir Albuquerque no Parlamento e até o aliado José Manuel Rodrigues, do CDS, entende que é preciso tirar ilações. Miguel Albuquerque parece já ter tirado da cartola dois aviões Canadair para apagar o incêndio, um trunfo para tentar calar também quem o acusa de ter gerido mal a crise.

E ter gerido mal uma crise — terreno onde até os adversários lhe reconhecem mérito — é o mais estranho. Dentro do PSD há quem lembre que o Miguel Albuquerque das cheias de 2010 e dos incêndios de 2012, ou até da pandemia de covid, não teria cometido tantos erros como ter retomado as férias quando na Madeira o povo deitava água nos telhados das casas e combatia as chamas próximas do quintal. Há quem acredite que o presidente do Governo é um político cansado, a fazer exatamente o que fez Jardim no fim do mandato.

Miguel Albuquerque é um sobrevivente que tenta, desde as eleições internas do partido, eliminar adversários da Administração Pública e das entidades públicas. O processo não parou. Fê-lo ainda antes das regionais, continuou depois com o afastamento de diretores regionais, e para esses saneamentos contou com o apoio de Pedro Ramos. Foi o secretário regional da Saúde e da Proteção Civil que fez campanha junto de médicos, enfermeiros e técnicos de saúde para votarem a favor de Albuquerque nas eleições internas, mas ninguém sabe se, depois desta crise, em que disse que os meios eram suficientes, que os aviões não serviam e de ter voltado atrás, resiste no Governo. Não caiu bem ter dito na RTP Madeira que tinha retomado as férias porque precisava de fechar a casa.

politica@expresso.impresa.pt

YouTube
Ronaldo com 20 milhões no seu canal

Capitão da seleção nacional criou um canal onde irá publicar vídeos seus para o aproximar dos seguidores

Apenas na primeira hora, o novo canal de YouTube de Cristiano Ronaldo já tinha angariado mais de um milhão de subscritores. Mas o número não tardou em multiplicar-se várias vezes. Chama-se UR Cristiano, foi criado na tarde de quarta-feira e até ao fecho desta edição (um dia depois) já contava com mais de 20 milhões de subscritores.

A ideia do canal, segundo o próprio Cristiano Ronaldo, “é de poder estar mais perto” dos fãs. “É a plataforma ideal para poder partilhar um pouco a minha vida, as minhas coisas, em conteúdos originais”, disse o atleta de 39 anos do Al Nassr, da Arábia Saudita, ao lado da sua mulher, Georgina Rodríguez, que apresentou nos últimos dias a terceira temporada da série biográfica “Eu, Georgina”, em exibição na plataforma de *streaming* Netflix.

O nome do canal de YouTube UR Cristiano lê-se “You Are Cristiano”, o que em português significa “Tu És Cristiano”. “UR é uma forma de chamar as pessoas para que estejam do nosso lado, para que se sintam parte do conceito”, explica Cristiano.

O canal terá conteúdos focados em futebol mas também abordará outros assuntos. Ronaldo e os seus convidados falarão de temas caros ao desportista, “incluindo família, bem-estar, nutrição, recuperação, educação e negócios”. Até à tarde desta quinta-feira já foram publicados 20 vídeos.

Num dos primeiros vídeos, com o título “This is how I felt when I discovered paradise” (“Foi assim que me senti quando descobri o paraíso”), pode ver-se o jogador português a elogiar o Mar Vermelho, que banha a costa oeste da Arábia Saudita. “Se tiver de mencionar um lugar romântico, recomendo que todo o mundo visite esta paz espetacular... o Mar Vermelho”, recomenda Cristiano.

Há também espaço para o desenvolvimento pessoal, em vídeos em que Cristiano explica como gere a pressão de ser um dos melhores jogadores de futebol de sempre (“Não sou perfeito, mas sinto-me capacitado para assumir as pressões quando tenho de as assumir”) ou como supera a adversidade (“Agradeço por passar por algumas dificuldades, porque quando estamos no cimo da montanha é difícil ver o que está cá em baixo”). Os *clips* têm todos curta duração e misturam conteúdos novos filmados de propósito para o canal com intervenções antigas do futebolista português.

GONÇALO ALMEIDA
galmeida@expresso.impresa.pt

NO FIM ERA O VERBO

PRÉMIO HISTÓRIA DA CAROCHINHA
“Vocês lembram-se da ‘Alice no País das Maravilhas’? A Rainha de Copas dizia assim: ‘Primeiro corta-se a cabeça e depois faz-se o julgamento.’ Isso não é maneira de atuar”
Miguel Albuquerque
Presidente do Governo Regional da Madeira, a propósito da responsabilidade política nos incêndios

PRÉMIO ERRAR É HUMANO
“A tolerância que a sociedade tem ao erro do polícia é muito baixa, e aos profissionais da Unidade Especial de Polícia a tolerância ao erro é nula”
Luís Carrilho
Diretor nacional da PSP

PRÉMIO ESPERAMOS PARA VER
“As medidas [para travar a falta de meios humanos nos serviços de saúde] não passam exclusivamente, de maneira nenhuma, por encerramentos ou concentrações”
Ana Paula Martins
Ministra da Saúde

PRÉMIO OBÉLIX
“Em Portugal não gostam do meu trabalho”
Álvaro Siza Vieira
Arquiteto e Prémio Pritzker

PRÉMIO APANHEM-ME SE PUDEREM
“Todo o conceito ingénuo e ilusório das chamadas linhas vermelhas em relação à Rússia, que dominou a avaliação da guerra por parte de alguns parceiros, desmoronou-se”
Volodymyr Zelensky
Presidente da Ucrânia, sobre a ocupação de território russo em Kursk

PRÉMIO O TAMANHO IMPORTA
“Ele [Trump] usa apelidos infantis, teorias da conspiração malucas e tem uma estranha obsessão com o tamanho das plateias. E isso continua, continua e continua”
Barack Obama
Ex-Presidente dos EUA, na Convenção do Partido Democrata

PRÉMIO AMIGO DE PENICHE
“Eu gostava dele [Barack Obama], mas ele foi muito desagradável ontem à noite”
Donald Trump
Candidato republicano à presidência dos EUA, num comício

JOÃO PEDRO BARROS
jpbarros@expresso.impresa.pt

ELEIÇÕES EUA

Campanha Incapaz de contrariar a ascensão de Kamala Harris, Trump quer "trazer a banda de volta" e repetir a receita (vencedora) de 2016

Preparados? Vem aí o contra-ataque

FOTO TOM WILLIAMS/GETTY IMAGES

Durante quatro dias, mais de 20 mil apoiantes de Kamala encheram a Convenção de Chicago, agradecendo a Biden, vibrando com os Obamas e outros convidados. Trump esteve em campanha, sem poupar a adversária a adjetivos

FOTO MIKE SEGAR/REUTERS

RICARDO LOURENÇO
Correspondente nos EUA

A antiga primeira-dama americana e candidata democrata às presidenciais de 2016 Hillary Clinton resumiu o estado de espírito do partido na noite de segunda-feira, primeiro dia da Convenção Nacional.

Comparando a ex-procuradora-geral da Califórnia Kamala Harris ao magnata nova-iorquino Donald Trump, condenado na Justiça por 34 crimes de violação de registos contabilísticos — a sentença será conhecida a 18 de setembro —, lembrou que a Constituição dita que o trabalho principal de um Presidente é o de "zelar para que as leis do país sejam fielmente executadas".

Esse cuidado estará impresso no currículo de ambos. "No primeiro dia em tribunal, Kamala disse as palavras-chave que ainda hoje a inspiram: 'Kamala Harris pelo povo' ('Kamala Harris for the people')", destacou Clinton. "Eis algo que Donald Trump jamais perceberá, por isso não surpreende que minta sobre os feitos de Kamala Harris, que faça pouco do nome dela, da forma como ela se ri — soa-me bastante familiar. Mesmo assim, ele está em fuga."

Esta análise da corrida presidencial, cujo último mês consolidou a democrata Harris no topo das sondagens e obrigou o republicano Trump a redefinir planos, deixou a multidão em êxtase. "Prendam-no!" ("Lock him up!"), ouviu-se em uníssono numa paródia ao cântico "Prendam-na!" ("Lock her up!"), sobejamente repetido nos comícios do multimilionário.

Apesar da exaltação, Hillary apenas sorriu. "Ela saboreou aquele momento como poucos. A tempestade de calúnias de há oito anos fez estragos e teve a sua quota na derrota eleitoral. Hoje, curiosamente, Trump presta contas com a Justiça, corre o risco de ser preso e mostra-se desesperado para contrariar a ascensão de uma rival", afirmou ao Expresso Jerry Crawford, antigo diretor de campanha de Hillary Clinton nas presidenciais de 2016.

"Deixem Trump ser Trump"

As ações recentes do líder republicano refletem a urgência em reconquistar o entusiasmo do passado. "Ele quer trazer a banda de volta", contou ao Expresso Stephanie Grisham, antiga secretária de imprensa da Administração Trump — na terça-feira à noite discursou na convenção democrata, onde confessou arrependimento pelo passado. "Resta saber se a América está disposta a ouvir os mesmos temas, porventura já gastos."

Jason Miller, membro da equipa de Trump, assumiu a mudança de estratégia e confirmou-nos que, na última semana, foram contratados cinco antigos membros da equipa de 2016 para lugares de coordenação. Corey Lewandowski, ex-diretor de campanha, desempenhará o cargo de conselheiro-chefe e guiará o duo que comandou a equipa até hoje — Chris LaCivita e Susie Wiles —, reportando apenas ao antigo Presidente.

Lewandowski é o autor da máxima "Deixem Trump ser Trump", que serviu de título para o seu livro "Let Trump Be Trump: The Inside Story of His Rise to the Presidency", publicado em 2017, onde descreveu a ascensão do magnata ao poder. Alex Pfeiffer, Alex Bruesewitz, Taylor Budowich e Tim Murtaugh são os outros nomes na lista de regressados.

Contudo, todos os operacionais republicanos contactados para este trabalho — pró e anti-Trump — reconheceram que a peça principal da estratégia de há oito anos permanece insubstituível. Trata-se de Steve Bannon, o político populista que arquitetou a vitória de 2016 e cujo protagonismo suplantou a espaços o do próprio Trump.

Hoje, Bannon cumpre uma pena de prisão de quatro meses após desafiar uma intimação do Congresso, uma espécie de medalha de honra que prova um comprometimento absoluto com o trumpismo.

Na semana passada, a antiga popular pivô da Fox News Megyn Kelly suplicou para que Bannon voltasse ao controlo dos comandos da máquina política de Donald Trump. "Precisamos dele. Precisamos de alguém que saiba jogar sujo."

Em circunstâncias normais, existiria um detalhe a complicar os desejos de Kelly, ou seja, o facto de Bannon deixar o cárcere a 1 de novembro, quatro dias antes das eleições. "Não é a situação ideal, mas ele [Bannon] continua a inspirar uma audiência enorme", salienta Charlie Kirk, um velho aliado de Trump.

Nem a ausência do ideólogo do trumpismo do *podcast* "War Room", emitido a partir da cave da sua casa no centro de Washington, preocupa Kirk. "Motivou uma reação da base do partido que acabou por agregar ainda mais gente do que o próprio *podcast*. A base uniu-se em redor do mártir Bannon."

> **LEWANDOWSKI É O AUTOR DA MÁXIMA "DEIXEM TRUMP SER TRUMP". BANNON TAMBÉM ESTÁ EM CONTACTO, DA PRISÃO**

David Bossie, outro elemento próximo de Trump — ajudou a organizar a Convenção Nacional Republicana —, revelou que "Bannon continua a fazer um trabalho fundamental, que, mesmo a partir da prisão, terá enorme impacto no movimento e na campanha". Bossie, Kirk e Miller não desmentiram que Trump e Bannon comunicam diariamente por telefone, algo descrito ao Expresso por várias fontes próximas de ambos.

Sobre este ponto, na semana passada Trump referiu-se a Bannon como "vítima de um Departamento de Justiça sedento de vingança". Numa série de *posts* na sua conta da rede social Truth Social classificou a situação de "total e completa tragédia".

O "ajuste de contas" e o "velho esquema"

Anthony Scaramucci, o antigo diretor de Comunicações da Administração Trump que, tal como Stephanie Grisham, se tornou crítico do multimilionário, conhece Bannon desde a década de 90 e continua a testemunhar o poder da sua influência. "Ele colou-se à raiz do movimento trumpista e dita a sua agenda, mais do que a Fox News."

Durante uma breve conversa, Scaramucci alertou para o risco de as ideias de Bannon poderem vingar numa eventual segunda presidência de Trump, recordando a ameaça formulada pelo próprio quando, dias antes de entrar na prisão, admitiu no seu *podcast* que "o dia da tomada de posse de Donald Trump em 2025 será o dia do ajuste de contas". Minutos depois, no mesmo espaço, elaborou sobre a frase. "Não tem a ver com retribuição ou vingança, que terão outra ordem de magnitude. O nosso ajuste de contas terá a ver com justiça."

Tal como Hillary, outra ex-primeira-dama avisou Kamala, na convenção democrata, que Trump repetirá "o velho esquema". Michelle Obama e o marido, Barack, o primeiro Presidente afro-americano dos EUA, foram várias vezes alvo dele, alicerçado num discurso rico em "preconceito e mesquinhez". "Irá repetir as mesmas mentiras feias, misóginas e racistas, em vez de proferir uma ideia substantiva ou soluções para os problemas das pessoas. Ser pequeno nunca é a solução. Ser pequeno é o oposto do que ensinamos aos nossos filhos. Ser pequeno não é saudável e, francamente, não é próprio de um Presidente."

internacional@expresso.impresa.pt

ECONOMIA Leia a análise aos temas económicos que vão estar em destaque na campanha americana: "'Camarada' Kamala enfrenta campeão da guerra comercial" E28

FOTO SARAH RICE/THE WASHINGTON POST/GETTY IMAGES

FOTO JOHN MOORE/GETTY IMAGES

Guerra e Paz

Miguel Monjardino
guerraepaz.expresso@gmail.com

Um telegrama diplomático de Chicago

Data: *22 de agosto de 2024*
Tema: *a situação política nos EUA*
De: *ministra-conselheira na Embaixada de Portugal nos EUA*
Para: *S. Exa., ministro de Estado e dos Negócios Estrangeiros*

Uma época política que criou as condições internas para uma estratégia internacionalista está a terminar nos EUA. As convenções dos republicanos e democratas em Milwaukee e em Chicago, respetivamente, tornaram isto claro. Ambos os partidos entendem que o futuro da república liberal e democrática norte-americana está agora em risco. O país poderá iniciar um processo de reformas profundas no seu sistema político, económico e financeiro ou caminhar para uma crise nacional.

O argumento de Joe Biden em Chicago é que a situação económica dos EUA é boa. A maioria dos norte-americanos, todavia, não concorda e entende que a sua condição financeira piorou nos últimos anos. A plataforma política de Donald Trump e de J. D. Vance, com a defesa de um nacionalismo económico que privilegie os interesses das classes trabalhadora e média tem em conta este sentimento de desilusão afirmando que as famílias e as comunidades são mais importantes do que os mercados, as grandes empresas e a burocracia federal. Este facto, curiosamente, não tem impedido muitos multimilionários de Wall Street e Silicon Valley de apoiar a candidatura de Trump-Vance.

Durante o seu mandato, Biden tomou uma série de medidas de nacionalismo económico. Do seu ponto de vista, os EUA foram construídos pela classe média, os sindicatos e as indústrias. A dificuldade é que os norte-americanos não parecem ter ainda sentido os benefícios da alteração da posição de Washington em relação ao comércio internacional e à política industrial. Daí a necessidade de Kamala Harris-Tim Walz serem bastante mais explícitos em relação às suas prioridades económicas. A sua vitória em novembro dependerá da capacidade de mobilizarem uma nova coligação democrata e atraírem para o seu campo eleitores que poderão votar em Trump-Vance nos estados no centro-oeste dos EUA.

O mais natural é que as propostas dos democratas para as eleições presidenciais venham a incluir elementos de mais nacionalismo económico. Não devemos ignorar em Portugal e na Europa o impacto destas políticas. Serão um sinal de que Harris-Walz concluíram que o futuro da democracia nos EUA depende da renegociação do que resta do atual sistema de comércio internacional ou, mesmo, do seu abandono unilateral por Washington. Só assim será possível melhorar o nível de vida da classe média norte-americana e, simultaneamente, forçar Pequim e Berlim a aumentar os salários dos seus trabalhadores.

O verdadeiro significado do espetáculo político em Milwaukee e Chicago é assinalar o fim de uma época em que a maioria da sociedade norte-americana avaliou a integração comercial e financeira a nível internacional como muito vantajosa para o seu modo de vida e os interesses. A prazo, este nacionalismo patriótico levará à reorganização da globalização e, muito provavelmente, ao repensar da estratégia norte-americana.

A longa luta das mulheres nos EUA

LUTA Tornou-se a primeira mulher, a primeira negra e a primeira do sul da Ásia a ser eleita vice-presidente dos EUA. Agora, Kamala Harris quer voltar a fazer história, tornando-se a primeira Presidente dos EUA — cargo que pelo menos 31 mulheres pioneiras tentaram alcançar desde 1872. A luta feminina por um lugar na política, para ler aqui.

3

temas difíceis para Kamala: os preços dos bens de consumo e o aumento da imigração ilegal através da fronteira com o México são dois dos temas mais importantes para o eleitorado norte-americano, que penaliza a Presidência Biden-Harris. O apoio dos EUA a Israel também penaliza entre os mais jovens. Leia aqui

Como estão, afinal, as sondagens?

EMPATE A 11 semanas dos eleitores americanos escolherem o próximo Presidente dos EUA, as sondagens dão vantagem à candidata Kamala Harris a nível nacional. Mas a escolha final vai estar nas mãos de Estados-chave. Nos oito cujos resultados eleitorais em 2020 foram decididos por uma margem inferior a cinco pontos, a disputa mantém-se próxima. Leia aqui.

Democratas inflamados, mas cautelosos

Convenção encerrou as portas com unidade reforçada e uma nota mental: no tabuleiro do xadrez político ainda há muitas jogadas por fazer

De cotovelos prostrados sobre a barreira em frente ao United Center — onde decorreu a Convenção Nacional Democrata (CND) —, Mary Yarborough veste uma *T-shirt* que comprou há 20 anos. Era, então, o filho de Chicago que concorria à presidência da Casa Branca: Barack Obama, o primeiro Presidente negro do país. Yarborough, também ela afro-americana, garante que a energia de agora é a mesma de há duas décadas. A crença da idosa é genuína: "Acredito nela. Sinto-me muito feliz por votar nela."

Mary Yarborough fala de Kamala Harris. E não caminha só na sua convicção. Numa arena a rebentar pelas costuras, com cerca de 23 mil pessoas, o partido uniu as suas diferentes alas para abraçar a sua candidata.

Biden despediu-se, sem guardar mágoa aos que o empurraram, e passou o testemunho. Seguiram-se os casais Clinton e Obama, Nancy Pelosi, Bernie Sanders. E as estrelas democratas em ascensão, caso de Jasmine Crockett e Alexandria Ocasio-Cortez — para além dos sindicatos nacionais, ícones da música e da televisão, como Oprah Winfrey e até *influencers*.

"Não estamos apenas a eleger um Presidente. Estamos a elevar o nosso país", declarou Hillary Clinton, lançando o peão que os democratas moveram no seu tabuleiro da convenção: pôr o país acima das crenças pessoais e do partido, conquistar os republicanos e moderados insatisfeitos.

> "Estamos atrás no marcador. Mas estamos a atacar e temos a bola", afirmou Walz

Apesar do sucesso da Convenção — vista como uma das melhores da história do partido — as eleições não estão ganhas. O aviso chegou inflamado pelo casal Obama, que arrebatou o interior da arena e dos milhões que assistiram por outros canais. Em poderosos e infalíveis discursos contra Donald Trump, Michelle e Barack apelaram à união dos EUA, afirmando que "a esperança está de volta".

Passaram-se 20 anos, mas "a ousadia da esperança" que marcou a campanha de Obama é agora transportada para a de Harris. Com um aviso: "Há muito trabalho a fazer" até novembro. "Façam alguma coisa", vociferou, repetidamente, a antiga primeira-dama, num pedido ecoado, fervorosamente, das bocas dos presentes. No seu primeiro discurso marcante, o candidato a vice-presidente, Tim Walz, confirmou o diagnóstico: "É o quarto período. Estamos atrás no marcador. Mas estamos a atacar e temos a bola."

Uma identidade para Harris

Um casal negro puxa um carrinho carregado de *T-shirts* com o rosto de Kamala Harris imprimido, frente ao McCormick Place, onde decorrem os eventos diurnos da CND. Aproveitam a ocasião para um "bom negócio", mas são também adeptos de Harris: "Estou feliz por ver a primeira mulher negra Presidente."

Kamala Harris colocou na convenção os temas fortes da sua campanha: os direitos das mulheres, com foco no direito ao aborto e à fertilização *in vitro*, o plano republicano Projeto 2025 e (menos) o seu plano económico, o único já apresentado. Vários imigrantes subiram ao palco, mas de políticas migratórias pouco se falou.

Lá fora, ecoavam os protestos de outro tema difícil, o de Gaza: "Desde que foi nomeada, o Governo continuou o apoio a Israel e a enviar armas. Queria que ela condenasse isso", assinalou ao Expresso Treshaun Miller, de Milwaukee. No interior, os delegados 'descomprometidos' que dizem representar 700 mil eleitores, tentaram chamar a atenção para o tema, mas Kamala passou incólume nas raras intervenções que o abordaram.

A convenção democrata manteve o guião: deu a conhecer ao país a mulher, esposa, mãe e antiga procuradora distrital. E deixou claro que existem duas visões distintas entre a campanha democrata e a republicana: uma focada no passado, e uma no futuro. "Não voltaremos atrás", repete Kamala Harris a cada discurso (que falou à convenção após o fecho desta edição).

Porém, os dias decisivos ainda estão por vir. "Dada a natureza apertada da corrida, o debate entre Trump e Harris pode ser bastante impactante", considera Christopher Borick, professor de Ciência Política do Colégio Muhlenberg. Para o Partido Democrata ou para o Partido Republicano.

PAULA ALVES SILVA
em Chicago
internacional@expresso.impresa.pt

> "Apesar de toda a energia incrível que conseguimos gerar, esta será ainda uma corrida renhida, num país muito dividido"
>
> **Barack Obama**
> Ex-Presidente dos EUA

Robert Kennedy Jr. apoia Trump?

CANDIDATO O independente pode anunciar esta sexta-feira a sua saída da corrida presidencial — e estará a negociar com Trump um apoio, em troca de um lugar no seu Governo. Kennedy Jr., conhecido pela descendência familiar e pela luta contra as medidas de proteção contra a covid-19, chegou a ter boas sondagens, mas caiu com a escolha de Kamala.

Hugo Soares
Líder parlamentar do PSD

“Não é na praça pública que se fazem as negociações para o OE”

Textos EUNICE LOURENÇO e JOÃO DIOGO CORREIA
Foto RUI DUARTE SILVA

Na semana em que André Ventura impôs três condições, relacionadas com a imigração, para o Chega negociar o Orçamento do Estado (OE) com o PSD, Hugo Soares, líder parlamentar do PSD e braço direito do primeiro-ministro, recusa-as e responde com um aviso: “Começamos mal, as negociações não se fazem assim.” Ainda que com grandes críticas ao PS, é aos socialistas que apela para a viabilização do Orçamento.

P No Pontal, o primeiro-ministro anunciou o cheque para os pensionistas, mas também disse que, havendo possibilidade, as aumentará acima do previsto no próximo ano. A Administração Pública, havendo disponibilidade, também deve ter aumentos acima do previsto?
R É uma boa pergunta a fazer ao senhor primeiro-ministro. Havendo possibilidade, era bom fazermos isso em tudo. Havendo possibilidade, era bom podermos descer mais os impostos. Devemos continuar a valorizar os salários da Administração Pública, mas temos mesmo de reduzir drasticamente os impostos e os impostos da classe média.

P E é possível baixar impostos e aumentar pensões e salários?
R É, se conseguirmos pôr a economia a crescer. A questão económica é estrutural. Dou sempre o exemplo da reforma que se fez no IRC, que nós agora queremos fazer também. Nessa altura, com o apoio do líder do PS, António José Seguro, baixámos dois pontos percentuais do IRC e a receita aumentou, porque houve um estímulo económico.

P Isto não parece uma solução mágica?
R Não, não há uma solução mágica. Em primeiro lugar, o compromisso deste Governo com as contas públicas é absolutamente férreo. Isto dito, não é uma ‘bala de prata’, é um estímulo à economia, é confiança nos investidores. É preciso captar investimento estrangeiro, tirar burocracia à nossa economia e à nossa Administração Pública.

P O Chega apresentou esta semana exigências concretas para iniciar conversas sobre o OE 2025, que são um referendo à criação de quotas na imigração, reforço do controlo de fronteiras e alteração das regras de acesso a subsídios da Segurança Social para imigrantes e refugiados. O que é que o PSD acha de cada uma destas propostas?
R Vou ter de referir uma questão de princípio. Começamos mal, porque, do meu ponto de vista, as negociações não se fazem assim. Não é na praça pública que se fazem as negociações para o OE, ponto número um. Por muito esforço que alguns façam, não é assim que o Governo deve fazer e não é assim que o grupo parlamentar [do PSD] vai fazer. A questão do referendo não me parece ter nada a ver com a questão orçamental, é uma coisa completamente desenquadrada do debate orçamental. E quanto à substância, parece-me muito desenquadrada daquilo que têm sido as opções políticas que foram sufragadas pelos portugueses e que estão no programa do Governo.

P Há um parceiro preferencial ou é um “venha quem vier por bem”?
R Compete ao Governo liderar as negociações para o OE. Quando o primeiro-ministro diz que é o programa do Governo que deve estar espelhado no OE, é assim mesmo que deve ser. Não sei se há parceiros privilegiados. Há uma coisa que sei: há um partido que tem um grau de responsabilidade acima de todos os outros, que é o PS, e por duas ordens de razão. A primeira, porque é responsável pelo caos nacional a que o país chegou com os últimos oito anos de governação. Mas tem também uma questão de responsabilidade histórica. O PS é um partido fundador da democracia e um partido de grande responsabilidade em Portugal, pelo qual o PSD tem o maior respeito. E deve, pela assunção dessa responsabilidade também histórica, saber assumir o seu lugar. As vozes que se ouvem cada vez mais de gente moderada da área do PS, de gente que foi apoiante de Pedro Nuno Santos, a exigir outra postura, têm, creio, tornado o secretário-geral do PS num líder acossado, o que depois o leva a fazer declarações que são manifestamente perigosas.

P O esforço de aproximação não tem de ser dos dois lados?
R É tão legítimo aprovar um OE com o Chega, com o PCP, com o BE, como com o PS. É mais irrealista, e a antítese do que defendemos, aprovar com uns e não com outros. O que disse e repito é que o PS é o partido que deve ser mais responsável e responsabilizado nesta negociação no Parlamento.

> “O PS É O ÚNICO PARTIDO QUE NESTE MOMENTO TEM COISAS [JÁ APROVADAS] NO ORÇAMENTO”

P Receia que seja aprovado na generalidade e depois a oposição tente mudá-lo na especialidade?
R Não, estou absolutamente convencido de que o OE vai ser aprovado. E que, na especialidade, os partidos da oposição, designadamente o PS, vão ter a responsabilidade que lhes compete e vamos ter um bom OE aprovado.

P São sobretudo duas medidas fiscais que dividem PS e PSD: descida do IRC e IRS Jovem. Há margem para acordo?
R O Governo já deu vários sinais de abertura. É cedo para que se coloquem em cima da mesa todas as questões que têm a ver com o Orçamento. É agora, em setembro, que essa matéria deve ser iniciada. O Governo fez uma primeira reunião, os partidos estão ainda à espera, designadamente o PS, de um conjunto de dados que pediram para que possam também construir as suas propostas, que ainda não foram enviados. Portanto, temos tempo. É outra das curiosidades da política portuguesa nos últimos meses: o que é que sabemos hoje sobre o OE 2025? Dá-me vontade de rir ouvir o PS a ponderar se aprova ou não o OE. O PS é o único partido que neste momento tem coisas [já aprovadas] no Orçamento.

P Pode garantir que não há subida de qualquer outro imposto, como uma recalibragem da carga fiscal para compensar as descidas?
R Seria um contrassenso com o que temos vindo a defender.

P Já houve recomendações para descer aqueles subsídios que atenuam o preço dos combustíveis...
R Isso é diferente. Não é subir o ISP, é tirar os subsídios.Aí não sei qual é a margem para o Governo e não me quero comprometer.

P O IRS Jovem implica uma redução da receita fiscal muito considerável e a grande crítica que o PS faz é que é regressivo. Qual a margem para o PSD moderar esta medida?
R Este PS está perdido nos seus objetivos políticos. Temos agora o PS a tapar os olhos a um problema brutal que existe em Portugal: não estamos a ser capazes de fixar o nosso talento. Muitas vezes, pais e avós investem na educação dos filhos e dos netos e depois os nossos melhores saem para o estrangeiro, para desenvolver aquilo que aqui adquiriram. Temos que os reter. E é de facto muito dinheiro que estamos a investir no IRS Jovem. O PS tem razão: é mesmo muito dinheiro. Mas é precisamente para que se sinta.

P É capaz de garantir que esta medida vai ter efeito?
R Não sei, mas a política é isso mesmo, é arriscar, é tomar decisões. Um jovem pagar uma taxa máxima de 15% é, de facto, um atrativo muito grande. E é o país a dizer-lhes: “Nós queremos que vocês fiquem cá.” É durante um período substancial da sua carreira contributiva. O PS tem razão numa coisa: é que é mesmo muito dinheiro que o Estado português quer investir na fixação do nosso talento cá. E essa crítica é de um partido que está zangado e descrente dos jovens portugueses.

elourenco@expresso.impresa.pt

EXPRESSO.PT “Todas as sextas-feiras são dias de maior tensão” — leia a primeira parte da entrevista a Hugo Soares, só disponível no Expresso *online*

Beleza “é uma excelente candidata a Presidente”

A entrevista ao líder parlamentar do PSD foi gravada na terça-feira, em Moledo, onde Hugo Soares passa férias

Além de líder parlamentar, Hugo Soares é secretário-geral do PSD, partido que tem eleições diretas e congresso em setembro, abrindo um novo ciclo de dois anos, que inclui eleições autárquicas e presidenciais. Na pacatez de um fim de tarde em Moledo, onde decorreu a entrevista, diz que os nomes de Mendes, Durão e Passos são “excelentes” para Belém, mas lança mais um: Leonor Beleza.

P Vai continuar a acumular a liderança parlamentar e a secretaria-geral num período tão desafiante?

R Manterei certamente a liderança parlamentar até ao final do mandato. O exercício de funções de secretário-geral só o presidente do PSD, depois de ser reeleito, pode responder a isso.

P O que é que o PSD vai fazer para recuperar câmaras?

R Tem de fazer o mesmo que fez no país: estar muito próximo das populações, identificar os problemas das mesmas e apresentar as melhores soluções e os melhores candidatos, sejam eles quais forem. O PSD quer voltar a ser o partido maioritário da Associação Nacional de Municípios.

P A estratégia saída deste congresso deve já definir o perfil do próximo candidato a Presidente da República (PR)? Qual é para si o perfil desejado?

R Desde logo, alguém que tenha a noção do exercício das funções. Ser o mais alto magistrado da nação exige um compromisso político muito grande, por isso deve ser alguém de quem as pessoas conheçam o passado e o presente.

P Há alguém que os portugueses conhecem, porque está muito na televisão e que, inclusive, esteve no ano passado no Pontal...

R Há dezenas de pessoas que estão na televisão e de quem não se conhece uma ideia. Não estou a incluir nem a excluir ninguém com esta minha afirmação, apenas a dizer que, quanto mais conhecimento os portugueses tiverem, melhor. Não podemos ter um PR de quem não se conheça o pensamento, não pode ser apenas uma figura mediática ou porque é muito simpático.

P Há uma figura do PSD, Marques Mendes, que já admitiu essa possibilidade. Pode ser um candidato desejado ou o candidato possível?

R É sabido que sou amigo do Marques Mendes. É um político com uma carreira excecional, mas ele decidirá se deve ser candidato ou não.

P Há uma outra figura do PSD, aliás que gosta também muito de Moledo e que, em sondagens, tem testado relativamente bem, que é o dr. Durão Barroso...

R Não tenho nenhuma relação de amizade com o dr. Durão Barroso, como tenho, por exemplo, com o dr. Luís Marques Mendes, mas diria que é uma das personalidades mais ricas do ponto de vista da competência e da influência global que o país tem e que deve sempre aproveitar.

P O PSD poderia apoiar, como fez em 86, uma figura que, sendo da sua área política, não é do seu partido?

> “O PR NÃO PODE SER SÓ UMA FIGURA MEDIÁTICA OU MUITO SIMPÁTICA”

R Estamos a falar muito no abstrato, não me leve a mal...

P Estava a pensar numa pessoa em concreto: Paulo Portas.

R Não faço ideia se o dr. Paulo Portas tem interesse em ser candidato. Já que falou de duas pessoas, podia falar de mais da área do PSD.

P Passos Coelho...

R O dr. Pedro Passos Coelho tem exatamente as mesmas características de outros de quem já falámos aqui.

P E podia ser uma candidatura de grande reconciliação interna.

R Mas não há qualquer desconciliação interna no PSD. Qual é o ponto? O PSD foi a votos há dois anos e esta liderança ganhou como nunca nenhuma outra ganhou, um sinal de união inacreditável logo na eleição. Temos tido, em vários momentos nos últimos dois anos, todos os ex-líderes do partido e, vou dizer mais, personalidades de extrema importância no PSD, que têm aparecido, como nunca apareceram, como é o caso da dr.ª Leonor Beleza...

P Pode ser uma boa candidata à Presidência?

R É uma excelente candidata à Presidência. A dr.ª Leonor Beleza, que não aparecia na política portuguesa há anos, participou em sessões partidárias nas últimas eleições. E estava sentada ao lado do presidente do PSD no Pontal. Não desvalorizo uma presença como a da dr.ª Leonor Beleza. É, para mim, uma grande referência da social-democracia em Portugal e mais uma pessoa da nossa área política com todas as competências. Mas, para que fique claro: eu disse que a dr.ª Leonor Beleza era uma excelente candidata para a presidência de Portugal como disse do dr. Marques Mendes, do dr. Durão Barroso e do dr. Passos Coelho.

Trump ou Kamala? “Teria muita dificuldade” em escolher

Hugo Soares tem “discordâncias profundíssimas com a forma de estar e de fazer política de Donald Trump”, mas não suficientes para ter a certeza de que votaria em Kamala Harris. Se fosse eleitor nos EUA e tivesse de votar no sufrágio marcado para novembro, “teria muita dificuldade” em escolher entre o candidato do Partido Republicano e a do Partido Democrata. A entrevista do secretário-geral do PSD ao Expresso foi feita na terça-feira, poucas horas antes do aparecimento do casal Obama na convenção dos democratas, em Chicago, e, questionado sobre a disputa que está no centro da política internacional, Hugo Soares respondeu que conhece “muito pouco” de Kamala Harris, que não foi uma vice-presidente com “destaque que desse para o mundo conhecer profundamente o seu pensamento”.

CONTAS PÚBLICAS

PS e OE 2025: cada cabeça sua sentença

Há ideias para todos os gostos: **viabilizar sem negociar; não negociar nem viabilizar; negociar e viabilizar**

JOÃO PEDRO HENRIQUES

O tempo vai correndo, aproxima-se o início de negociações entre o Governo e o PS — em setembro — e entre socialistas vão-se multiplicando as vozes defendendo as mais variadas teses sobre como deve o partido enfrentar o desafio do OE 2025. Pedro Nuno Santos, a quem caberá a decisão final — tem carta branca do partido para isso — está cada vez mais cercado, dentro do seu partido, por um coro cacofónico de volume crescente em que nenhuma nota bate certo nem com a anterior nem com a seguinte.

O comentário mais relevante do ponto de vista do peso interno terá sido o de José Luís Carneiro, o deputado (e ex-ministro da Administração Interna) que no final do ano passado enfrentou Pedro Nuno Santos na disputa pela liderança do PS, obtendo 38% dos votos

Falando esta semana na CNN, começou por sublinhar a importância que os autarcas dão à aprovação da proposta orçamental. "Sabem bem que uma crise política com Orçamento em duodécimos estabelece limitações aos compromissos de caráter anual e plurianual", tendo por efeitos a "limitar muito a liberdade de ação e aproveitamento dos fundos europeus", afirmou,

Depois considerou que é ao Governo que compete tomar a iniciativa de negociar — "tem de dialogar com o maior partido da oposição". E pelo meio elogiou Pedro Nuno Santos, em termos que ao próprio não agradarão muito, dizendo que o PS até fez "o esforço de humildade democrática de se aproximar" do Executivo.

Dito isto, "o PS deve negociar". E mesmo sem ter medo de usar expressões como "linhas vermelhas" (terminologia que o líder tem recusado). Essas "linhas vermelhas", de acordo com o antigo MAI, terão de se concentrar em torno de um ponto: continuar a valorizar a exigência de "equilíbrio nas contas públicas", isto é, "aposta no défice zero e em manter uma trajetória de redução da dívida pública".

Pedro Nuno Santos faz discurso da *rentrée* dia 1 FOTO LUÍS FORRA/LUSA

Socialistas ainda fazem depender conversas com o Governo da existência de previsões de receita e despesa para 2025

Quanto aos "campos de negociações", eles deverão ser dois: modelo de crescimento económico — política fiscal; e definição das prioridades no investimento público. Quanto ao voto final, Carneiro faz depender da negociação mas, pelo que disse sobre o interesse dos autarcas em ter um OE 2025 aprovado, percebe-se que se inclina mais para a viabilização.

Quem também é a favor da ideia de negociação/viabilização é o ex-ministro das Finanças João Leão. "Sendo um Governo de minoria, é natural que tenha de negociar", afirmou o em entrevista à SIC Notícias, recomendando que essas negociações possam incidir sobre o IRS Jovem, "que tornem a proposta mais equilibrada"

Numa posição às avessas, surge o comentador político Miguel Prata Roque (que, não sendo militante do PS, tem o peso de ter sido secretário de Estado da Presidência do Conselho de Ministros entre 2015 e 2017). Numa entrevista ao "Público", Prata Roque reiterou que "não é compreensível para o eleitorado do PS que se viabilize um Orçamento que não inclua as suas propostas eleitorais".

No seu entender, a viabilização da proposta orçamental deve passar por entendimentos do Governo com os partidos à sua direita, incluindo o Chega: "A esquerda parlamentar tem 92 deputados. Os dois partidos que apoiam o Governo, juntamente com a IL, têm 90. Isto significa que o Presidente da República só designou o primeiro-ministro Luís Montenegro porque incluiu nessa contagem os votos do partido Chega. Entendeu que à direita do PS havia uma maioria eleitoral e social. O PSD só é Governo porque o Chega teve 50 deputados e 18% dos votos. O PSD tem um espaço natural de entendimento. Quando precisa de apoio parlamentar, tem que o ir buscar à sua direita."

Pelo meio, surge Álvaro Beleza, mandatário nacional da candidatura de Pedro Nuno Santos nas últimas legislativas. Entre o negoceia-se e viabiliza-se e o não se negoceia nem viabiliza, Beleza, dirigente nacional do PS, abre espaço a uma terceira via: "Eu deixava passar este Orçamento, mas não negociava nada." E isto "por uma questão de democracia": "Não faz sentido haver eleições, o Governo nem um ano tem."

Na direção do PS tudo parece ainda estar num ponto prévio: saber se o Governo quer mesmo negociar ou não. As conversas deverão começar em setembro (a proposta do OE 2025 tem de ser entregue até 10 de outubro). Contudo, os socialistas continuam a dizer que não haverá diálogo sem que o Governo apresente antes o quadro com os limites da despesa pública para 2025 (que deveria ter sido entregue com as grandes opções do plano, e não foi) ao cenário macroeconómico já com o efeito de medidas como o novo IRS Jovem e a descida do IRC. Em entrevista ao Expresso, o líder parlamentar do PSD, Hugo Soares, reconhece que esses números estão por entregar e considera que é cedo para falar em questões concretas de negociação orçamental.

O clima para os socialistas, contudo, ainda se agravou com o bónus de €425 milhões aos pensionistas anunciado no Pontal por Montenegro. "É a medida mais errada que eu vi algum Governo tomar", disse António Mendonça Mendes, da direção do partido. Mas o líder recusou dizer se é contra, centrando a sua reação aos anúncios do Pontal numa acusação de "eleitoralismo" a Montenegro.

jphenriques@expresso.impresa.pt

Eutanásia: Governo e CDS-PP falam a três vozes

Regulamentação suscita versões diferentes dos ministros da Presidência e da Saúde. CDS aperta Governo

Uma pergunta feita por escrito, em junho, pelo grupo parlamentar do PS à ministra da Saúde sobre a regulamentação da lei da eutanásia desencadeou, esta semana, colisões entre o CDS-PP e o Governo e ainda dissonâncias dentro do próprio Executivo. A ministra da Saúde respondeu uma coisa ao PS; esta quinta-feira o ministro da Presidência disse outra, diferente, e, ao mesmo tempo, o CDS-PP expôs uma terceira posição, perguntando aos parceiros da coligação se tinham mudado de posição.

A dúvida socialista era apenas uma: dado que a lei já está em vigor desde maio de 2023, então para quando a sua regulamentação (visto que, sem isso, na prática a lei nunca passará do papel, como não passou até agora).

"Em fase de elaboração"

Na resposta, datada de 8 deste mês, o chefe de gabinete da ministra da Saúde, Jorge Salgueiro Mendes, deixou uma certeza aos socialistas: "A regulamentação da Lei nº 22/2023 encontra-se atualmente em fase de elaboração." Mais acrescentou que os atrasos no "complexo procedimento" de que se reveste a regulamentação se devem à interrupção da legislatura determinada pelo Presidente da República no ano passado (e que levaram à realização de eleições legislativas em março deste ano). Uma resposta que o PS registou com satisfação. "Tranquiliza muita gente", disse ao Expresso a deputada socialista Isabel Moreira.

Quinta-feira, o CDS-PP sinalizou claramente o seu desagrado. Num requerimento parlamentar dirigido ao Governo, os dois deputados centristas, Paulo Núncio e João Almeida, afirmaram-se ironicamente "convencidos" de que a notícia de que a lei da morte assistida estará a ser regulamentada só se pode dever a um "lapso de comunicação" por parte da ministra da Saúde. Ou isto ou então ocorreu uma "alteração da posição" dos sociais-democratas.

À espera do TC

Isto porque, para o CDS-PP — que no requerimento reafirma que a morte assistida terá "sempre a discordância" do partido — a verdade assente era que a lei não seria regulamentada antes de o Tribunal Constitucional se pronunciar sobre dois pedidos de fiscalização sucessiva do articulado que tem entre mãos: um formulado por deputados do PSD e outro pela provedora de Justiça (a pedido dos centristas). Isto, de resto, foi verbalizado pelo próprio Luís Montenegro algures na campanha para as legislativas de março deste ano: a eutanásia não seria assunto antes de o TC se pronunciar.

Para os deputados do CDS-PP pode estar em causa uma mudança de posição do Governo e do PSD

Face às dúvidas dos dois deputados do CDS-PP, o ministro da Presidência foi questionado sobre o assunto, ontem, na sequência de mais uma reunião do Conselho de Ministros. E, ao invés de reiterar o que a ministra da Saúde tinha dito ao PS — "A regulamentação da Lei nº 22/2023 encontra-se atualmente em fase de elaboração" —, António Leitão Amaro preferiu assegurar que "o Governo não legislou, não tem em circuito legislativo, nenhuma iniciativa relativa à morte medicamente assistida".

Questionado sobre se estaria a desmentir esta resposta oficial do gabinete da ministra da Saúde, o governante respondeu que "as afirmações não são contraditórias".

"Eu falei daquilo que é a intervenção legislativa. O processo legislativo tem uma sequência e naquilo que diz respeito à aprovação de legislação e de regulamentos pelo Governo, pelo Conselho de Ministros, existe não apenas a deliberação em Conselho de Ministros, mas um processo que se inicia antes, com a submissão ao processo legislativo, designadamente ao processo no *smart legis,* em que os diplomas circulam pelos vários ministérios, todos analisam, opinam, e depois os diplomas são levados a reunião de secretários de Estado, e após passarem em reunião de secretários de Estado são levados a Conselho de Ministros", explicou.

Ou seja, "não existe nem no sistema informático do processo legislativo do Governo, [que] inclui regulamentos e decretos-leis, portanto portarias, deliberações, decretos regulamentares, decretos-leis, nem existe no *smart legis,* na reunião de secretários de Estado, na reunião de Conselho de Ministros, nenhum diploma nem projeto de diploma sobre a morte medicamente assistida", explicou ainda.

Dito por outras palavras, é possível que a regulamentação esteja a ser preparada no Ministério da Saúde, mas nada existe, para já, de formal. J.P.H.

COMISSÃO EUROPEIA

Montenegro quer voltar a surpreender

Relação com Ursula será trunfo para Montenegro **ter controlo total** sobre a escolha de comissário

JOÃO DIOGO CORREIA

Luís Montenegro está empenhado em manter a regra que criou no PSD de secretismo total quanto à escolha de nomes e convites para as mais variadas funções. E, no final, causar surpresa. Desta vez, o primeiro-ministro empurra até à última a indicação para comissário europeu, que tem de ser feita, no máximo, a 31 de agosto. E se essa demora, quando há duas dezenas de países que já indicaram nomes, pode ser entendida como uma desvantagem, por diminuir a margem de manobra portuguesa, a relação que o primeiro-ministro português construiu com Ursula von der Leyen é vista no PSD como um trunfo para Montenegro conseguir ter controlo total sobre a escolha do comissário.

Nas últimas semanas, à medida que os países foram apresentando os seus candidatos, que ainda terão de ser votados no Parlamento Europeu, o leque de opções pareceu encolher, sobretudo pelo renovado pedido da presidente da Comissão Europeia (CE) para que se construa um executivo paritário entre homens e mulheres.

Ora, além da própria Von der Leyen, até agora apenas cinco países apresentaram candidatas mulheres — na prática, até foram só quatro (Espanha, Croácia, Suécia e Finlândia), uma vez que a vice-presidente da CE vai ser a ex-primeira-ministra da Estónia, Kaja Kallas, mas que ocupará o cargo por inerência, depois de ter sido escolhida como alta-representante, na negociação dos cargos de topo, que levaram António Costa a presidente do Conselho Europeu.

Com mais de uma dezena de homens já indicados, o caminho dos países em falta, entre os quais Portugal, parece estreitar-se. Porém, não só o pedido de Von der Leyen não é regra escrita como, acreditam dirigentes do PSD contactados pelo Expresso, Luís Montenegro trabalhou a relação com a presidente da Comissão, que é da mesma família política, o Partido Popular Europeu (PPE), de forma a ter margem suficiente para não ficar limitado na escolha, em termos de género e não só.

Pescas podem ter sido falso alarme

Na teoria, Portugal enfrentaria uma aparente segunda limitação, relacionada precisamente com a negociação dos cargos de topo. Com um português, António Costa, a presidir ao Conselho Europeu, à partida caberia a Portugal uma pasta de menor dimensão, ideia que também foi fazendo caminho nos bastidores, sobretudo depois de a própria Von der Leyen ter estado num comício da AD no Porto, ao lado de Montenegro e Sebastião Bugalho. Nessa altura, em plena campanha para as europeias, a alemã centrou atenções nos agricultores e anunciou que pretendia nomear um comissário das Pescas a tempo inteiro (até aqui estava integrado na pasta do Ambiente).

"As gerações futuras devem poder pescar em oceanos saudáveis e ganhar a vida com isso", disse então a presidente da CE, voltando a falar dessa pasta, um mês depois, e novamente ao lado de Montenegro, nas jornadas parlamentares do PPE em Cascais. As pescas ficam para Portugal? Os sinais até podem estar lá, mas o salto lógico, avisam fontes próximas do primeiro-ministro, pode ser manifestamente exagerado.

Na cabeça de Montenegro

O exemplo acabado da forma de Luís Montenegro lidar com este tipo de escolhas é o que aconteceu em abril com o anúncio da lista para as Europeias. A escolha de Sebastião Bugalho como número um foi negociada e revelada no último dia, à última hora, surpreendendo vários responsáveis do partido (e até ex-dirigentes, como Marques Mendes, que no dia anterior tinha avançado que seria Rui Moreira o cabeça de lista).

Além da própria Von der Leyen, até agora apenas cinco países apresentaram candidatas mulheres

O *modus operandi* mantém-se, com Montenegro a decidir praticamente sozinho e a guardar o nome até de alguns dos mais próximos. O pouco que transpira para fora da cabeça do primeiro-ministro é a ideia de que se inclina para alguém com experiência internacional e fora da bolha mediática da atual política nacional. Um leque em que podem caber nomes tão diferentes como o ex-ministro da Economia, Álvaro Santos Pereira (que trabalha na OCDE), o ex-deputado Ricardo Batista Leite (que se dedicou à investigação farmacêutica na Suíça), ou Mónica Ferro, atualmente no Fundo as Nações Unidas para a População.

Embora a adjetivação de Marcelo Rebelo de Sousa sobre Montenegro que ficou para a história seja a referência ao contexto "urbano-rural", o Presidente da República disse do primeiro-ministro outras coisas: "É totalmente independente e não é influenciável", é "improvisador", é "difícil de ler". Por estes dias, quando se tenta perceber no PSD quem será afinal o próximo comissário português, há respostas parecidas. A escolha está só na cabeça do líder, e os corredores do partido andam às escuras.

O prazo para indicar um nome à CE acaba no fim do mês, o que também não significa necessariamente que o Governo o torne público até essa altura. É Von der Leyen quem vai receber a indicação e depois ouvir o candidato ou candidata. E só a meio de setembro, a presidente da Comissão indicará os comissários e as respetivas pastas do executivo para os próximos cinco anos.

jdcorreia@expresso.impresa.pt

Ursula Von der Leyen na campanha da AD para as europeias, ao lado de Montenegro e Bugalho FOTO RUI DUARTE SILVA

ESCOLHAS COMEÇAM A DESENHAR-SE

■ Giorgia Meloni ainda não indicou nomes, mas já exigiu ficar com uma vice-presidência, de preferência económica, depois do desagrado por ter ficado fora da negociação dos cargos de topo (Itália votou contra Costa, absteve-se quanto a Von der Leyen).

■ Uma das poucas mulheres já indicadas é Teresa Ribera, vice-presidente de Espanha, ministra da Transição Ecológica, que tem caminho aberto para ficar com a atrativa pasta do Clima e Transição Verde.

■ Mais cobiçada ainda é a pasta do Alargamento, atualmente com a Hungria de Viktor Orbán, que vai indicar o mesmo nome (Olivér Várhelyi). Letónia, Lituânia e Polónia estão na corrida.

Gente

Responsável Prestes a começar uma nova vida em Bruxelas, António Costa faz as despedidas do Algarve na zona de Portimão, onde na semana passada foi avistado a parar o carro junto à reciclagem, entre a Praia Grande e a da Angrinha, colocando um saco de lixo num contentor e o saco do Expresso no outro. Em segundos voltou para o carro, agradeceu a paciência à pequena fila que se criou e seguiu viagem. Ler o Expresso e reciclar: dois comportamentos responsáveis do ex-primeiro-ministro que Gente saúda.

Alianças à esquerda Mariana Mortágua quase conseguiu que o seu casamento passasse despercebido. Felizmente, um vídeo da festa foi parar ao "Correio da Manhã". De óculos escuros e microfone na mão, vários nomes do BE surgem a cantar a música 'Fazer o Que Ainda Não Foi Feito', de Pedro Abrunhosa (a mesma que levou o cantor a acusar o partido de plágio). Além de desejar felicidades, Gente destaca que nem em dia de boda a mensagem política fica de fora.

Urologia Pensávamos nós que as dificuldades no combate ao incêndio na Madeira se prendiam com a orografia do terreno. Porém, segundo disse esta semana a ministra da Administração Interna, o verdadeiro problema foi de "urologia". Margarida Blasco não deu explicações adicionais. Será que — maldita coincidência — o incêndio ocorreu enquanto um surto de doenças urinárias atingia os combatentes no terreno? Uma pergunta para a sua colega da Saúde, Ana Paula Martins.

Dupla de filhos Pedro Costa, filho de António Costa, que deixou a Junta de Campo de Ourique para se dedicar ao sector privado, anunciou aos microfones do Observador que está disponível para ser candidato a vereador em Lisboa. Tendo em conta que um dos nomes que o PS anda a estudar para concorrer com Moedas é Mariana Vieira da Silva, Gente já antevê o regresso da discussão política em torno das relações familiares.

Che Bugalho Vance Sebastião Bugalho prepara a sua própria *rentrée* com uma intervenção na Universidade de Verão do PSD, na próxima semana. Mas fez uma aparição discreta na Festa do Pontal, onde Gente vislumbrou uma mudança de visual: deixou crescer uma barba à Che Guevara. Ou será antes uma aproximação a J. D. Vance, o candidato de Donald Trump a vice dos EUA? E será que Bugalho, que ainda não é militante do PSD e até já foi candidato a deputado em listas do CDS e foi eleito eurodeputado numa coligação dos dois partidos, também vai à *rentrée* do CDS, marcada para a tarde de dia 31 em Oliveira do Bairro?

Um amor em Viana

DESFILE Notoriamente feliz, a ex-ministra da Habitação partilhou nas redes sociais várias fotos das muito tradicionais festas da Senhora da Agonia, em Viana do Castelo. Minhota de Caminha, deputada eleita por Viana, Marina Gonçalves vestiu o traje e participou num dos desfiles que marcam as festas de meio de agosto. "Este ano, a romaria d'Agonia teve um sabor diferente", escreveu a dirigente socialista. Será do amor ou da liberdade de funções governativas? Ó ai, olarilolé!

Fogo Meios de combate poderiam ter sido agilizados mais cedo se o governo regional tivesse aderido ao Plano Nacional de Gestão Integrada de Fogos

Madeira recusou aderir ao plano nacional

Texto **Carla Tomás**
Infografia **Sofia Miguel Rosa**

Até esta quinta-feira, o fogo que lavra na Madeira há 10 dias continuava a não dar tréguas e a ameaçar avançar para o Pico do Areeiro e descer para o Parque Ecológico do Funchal. Foram posicionados homens e autotanques para travar o avanço das chamas e as autoridades regionais esperavam pôr a funcionar os dois Canadair, enviados ao abrigo do Mecanismo Europeu de Proteção Civil, para descarregar seis mil litros de água de cada vez nas áreas da cordilheira central, se o vento permitir. Como admitiu o próprio presidente do governo regional, Miguel Albuquerque, a quantidade de água doce que os aviões vão recolher ao Porto Santo não pode ser descarregada sobre terrenos agrícolas nem casario. Entretanto prevê-se chuva.

Apesar de Albuquerque argumentar que "o combate ao incêndio foi feito de forma eficaz e tecnicamente adequada" e que foi "um sucesso" porque não havia vítimas a registar nem casas ardidas, até quinta-feira, a ativação do Mecanismo Europeu teve de ser pedida ao Governo da República. E seguiu-se a outros pedidos de ajuda de reforço de pessoal especializado do continente, feitos a Lisboa, lavrava o fogo há já três dias.

A defesa da autonomia

Estes meios especializados da força de bombeiros da Autoridade Nacional de Proteção Civil e do ICNF poderiam ter sido agilizados mais cedo se a Madeira tivesse aderido ao Plano Nacional de Gestão Integrada de Fogos Rurais 2020-2030, apurou o Expresso junto de várias fontes. O governo de Miguel Albuquerque recusou o convite da Agência de Gestão Integrada de Fogos rurais (AGIF), lançado em fevereiro de 2020, para que os seus serviços regionais de florestas (IFCN) e Proteção Civil (SRPC) integrassem os trabalhos de preparação do plano nacional. Fonte do governo regional confirma-o com o argumento de que "a autonomia não pode ser posta em causa".

EM SITUAÇÕES DE CRISE OS APOIOS PASSARIAM A SER AUTOMÁTICOS E NÃO ESTARIAM DEPENDENTES DE PEDIDOS REGIONAIS

A Região Autónoma tem um o Plano Operacional de Combate a Incêndios Rurais (POCIR) que descreve como tendo "como principal finalidade a coordenação e intervenção dos vários agentes de proteção civil" regionais, entre os quais bombeiros, técnicos do Instituto das Florestas e Conservação da Natureza, da GNR, das Forças Armadas e da PSP, além de outros organismos. Porém, segundo fonte da AGIF, falta-lhes "massa crítica", já que "a Madeira não tem uma estratégia para governar e gerir o risco, com ações focadas nas causas ou vulnerabilidade (como a floresta Laurissilva ou o interface com as casas)".

O facto de o Sistema de Gestão Integrada de Fogos Rurais (SGIFR) ter ficado restringido ao território continental é também criticado por Duarte Caldeira. O investigador em Proteção Civil e ex-membro do Observatório Técnico Independente defende "um sistema nacional e não a divisão entre um sistema continental e outro regional". Isto porque, justifica, "em situações de crise, os subsistemas regionais devem ter uma maior articulação com o sistema nacional, nomeadamente para a disponibilização de apoios com um caráter automático e não dependente de pedidos". Duarte Caldeira lembra que "o despacho que determinou a situação de calamidade só foi assinado a 17 de agosto, nos municípios da Ribeira Brava e de Câmara de Lobos, o que resultou na ativação do plano regional de Proteção Civil e deu sustentabilidade ao pedido de apoio de meios exteriores à região". Na opinião do perito, "estas questões deviam ser reguladas pelo princípio do bom senso, do direito e por princípios técnicos e não políticos".

O bom exemplo

O sistema nacional aposta numa planificação holística que põe em articulação e cooperação diversas autoridades ligadas ao planeamento, à prevenção, ao conhecimento científico ao combate, à proteção civil, às campanhas junto da população, ao policiamento e à investigação e tem revelado resultados positivos. Entre os que o confirmam ao Expresso está Carlos Farinha, diretor-adjunto da Polícia Judiciária nacional, que sublinha que há "um conjunto de razões em conjugação positiva, onde se incluem a diminuição das ignições e a detenção de pessoas e uma cultura de cooperação interinstitucional e lógica integrada de esforços". Sublinha também que "tem havido uma maior consciência das pessoas na utilização do fogo, como queimas e queimadas ou fogueiras, sobretudo no verão, o que reduz o número de ignições e facilita o combate no início do incêndio".

Também o investigador Paulo Fernandes, da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro sublinha "a diminuição de ignições e os melhores automatismos de articulação entre entidades a que se tem juntado uma meteorologia favorável".

Ao contrário do que aconteceu na Madeira, a meteorologia tem ajudado no continente. "Não tem havido muitos fogos porque tivemos uma primavera e início de verão bem regados, não tivemos ondas de calor a sério e o ín-

ÁREA ARDIDA NO INCÊNDIO ATIVO NA MADEIRA
Até 21 de agosto. Valores provisórios

4937,6 ha

O valor corresponde ao que ardeu na mancha de 8973 hectares percorrida pelo fogo, retirando zonas rochosas, vales e terrenos agrícolas que não arderam

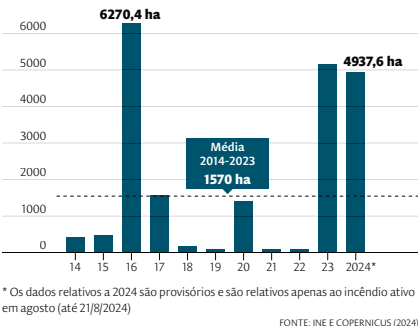
FONTE: COPERNICUS

ÁREA ARDIDA NA MADEIRA
Valores anuais, exceto 2024. Em hectares

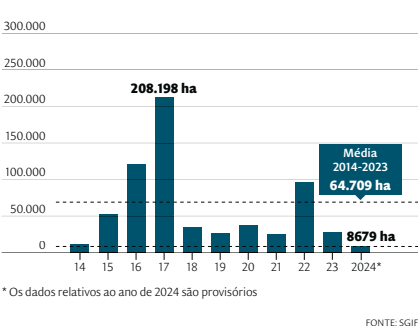
Ano	Área ardida
16	6270,4 ha
2024*	4937,6 ha
Média 2014-2023	1570 ha

Eixo: 0, 1000, 2000, 3000, 4000, 5000, 6000 — anos 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 2024*

* Os dados relativos a 2024 são provisórios e são relativos apenas ao incêndio ativo em agosto (até 21/8/2024)

FONTE: INE E COPERNICUS (2024)

ÁREA ARDIDA EM PORTUGAL CONTINENTAL
Valores no intervalo entre 1 de janeiro e 19 de agosto. Em hectares

* Os dados relativos ao ano de 2024 são provisórios

FONTE: SGIF

O fogo galgou zonas escarpadas de difícil acesso fustigado por ventos erráticos que dificultam o combate aéreo e apeado FOTO HELDER SANTOS/AFP/GETTY IMAGES

dice de secura do solo não está como em 2017", explica ao Expresso o climatologista Carlos Câmara. O investigador do Instituto Dom Luiz (IDL-FCUL) e responsável pelo projeto Ceasefire (que disponibiliza informação meteorológica ao sistema integrado) esclarece que os mapas que desenvolvem sobre "o índice de stresse acumulado, térmico e hídrico, da vegetação" é calculado desde o princípio do ano e "é útil para graduar a suscetibilidade da vegetação que pode arder, tendo em conta o risco de ignições e posicionar os meios de atuação necessários". E recorda que este sistema não funciona na Madeira.

Apesar de ainda haver muito a fazer, sobretudo na área do reordenamento florestal e dos incentivos aos proprietários, o caminho seguido na sequência da tragédia de 2017 tem-se refletido na redução do número de fogos e da área ardida no território continental. Nestes oito meses e 20 dias de 2024 arderam 8679 hectares no continente, o que representa menos 55% de incêndios rurais e menos 87% de área ardida relativamente à média anual da última década no mesmo período (ver gráficos).

Já na Madeira, o fogo percorreu em oito dias uma área de 8973 hectares, de acordo com as imagens de satélite do Sistema Europeu de Informação sobre Incêndios Florestais (EFFIS), o que corresponde a 12% da ilha. Numa análise mais fina feita pelos satélites do sistema europeu Copernicus, e retirando os vales, terrenos agrícolas e zonas de rocha que não arderam, as chamas consumiram 4937 ha de floresta e matos.

Com **Marta Caires**
ctomas@expresso.impresa.pt

Mortes em incêndios no mundo batem recorde

Entre os 10 incêndios mais mortais no mundo desde o início do século está o de Pedrógão Grande, em 2017

O número de mortes em resultado de grandes incêndios por todo o mundo desde o início do século bateu recordes em 2023 e 2024. Este ano bastou um único fogo de grandes proporções no Chile, com 133 mortos e 250 desaparecidos, para ultrapassar o total de vítimas registadas ao longo de todo o ano passado (263), mostra a base de dados de desastres naturais EM-DAT, gerida pelo Centro de Investigação em Epidemiologia de Desastres da Universidade Católica de Lovaina, na Bélgica.

Ao incêndio no Chile, que foi o mais mortal dos últimos 24 anos, junta-se ainda, neste mês de agosto, o grande fogo na região de Atenas (Grécia), que queimou cerca de 10 mil hectares de terreno, além dos que têm vindo a devastar várias zonas do Canadá.

Já o ano de 2023 tinha ficado marcado por um recorde de mortes: quase metade (128) ocorreu nos grandes incêndios do Havai, que foram os mais mortíferos nos Estados Unidos desde o início do século. Outros casos que contribuíram para o elevado número de vítimas no ano passado foi uma série de fogos na Argélia, que mataram 34 pessoas e se alastraram por 11 regiões, além de dois grandes incêndios na Grécia, que resultaram em 23 mortos. Também o Chile e o Canadá aparecem entre os países afetados.

> **A poluição induzida pelos incêndios, por exemplo, está associada a 340 mil mortes por ano**

Nestes dois últimos anos, por todo o mundo, houve 27 grandes incêndios que foram considerados desastres naturais e, por isso, incluídos na base de dados. Para aparecerem na lista tiveram de cumprir um de três critérios: mais de 10 mortos ou desaparecidos, mais de 100 pessoas afetadas, feridas ou desalojadas ou um pedido de ajuda internacional ou declaração de emergência. Desde o início do século, 310 grandes fogos foram classificados como desastres naturais, segundo a EM-DAT.

Portugal entre os piores

Entre os 10 incêndios mais mortais no mundo desde o início do século está o de Pedrógão Grande, em 2017, onde morreram 64 pessoas. Portugal surge uma segunda vez na lista, uns lugares mais abaixo, com os incêndios de outubro de 2017 na região Centro. No topo da tabela está o fogo do Chile, que destruiu mais de 43 mil hectares em fevereiro deste ano. Além de Portugal, a Grécia é o único outro país europeu a aparecer em destaque (devido aos incêndios de 2018 e de 2007).

Para quase toda a Europa é estimado um aumento do número de dias por ano com risco elevado ou extremo de incêndio, em resultado das temperaturas mais altas e de períodos de seca mais frequentes, alerta a Comissão Europeia. Também a OCDE conclui que as alterações climáticas aumentaram a severidade e a duração dos fogos em pelo menos 30%, em média, nas últimas três décadas. E o impacto destes desastres não se sente só na perda de vidas, lembra a OCDE. "A poluição induzida pelos incêndios, por exemplo, está associada a 340 mil mortes por ano. Também os ecossistemas podem ser danificados pelo fogo, indo além da sua capacidade natural de se regenerarem."

Phelipe de Andrade e **Raquel Albuquerque**
ralbuquerque@expresso.impresa.pt

MORTES POR ANO NOS MAIORES INCÊNDIOS A NÍVEL MUNDIAL
Entre janeiro de 2000 e junho de 2024

FONTE: EM-DAT

Só um em cada quatro médicos estrangeiros está no SNS

Há menos 571 médicos estrangeiros do que há cinco anos a trabalhar no SNS FOTO ANTÓNIO PEDRO FERREIRA

Clínicos têm aumentado no país, **mas diminuído no serviço público.** Espanhóis e brasileiros em maioria

JOANA ASCENSÃO

Nos últimos cinco anos, os médicos estrangeiros a exercer em Portugal aumentaram 15%. Nunca foram tantos como agora, 4770 — mais 40 do que no final do ano passado e mais 267 face ao final de 2022 —, e representam 7,5% do total de clínicos inscritos na Ordem dos Médicos (OM). Mas, destes, apenas 1269 (27%) exercem funções no Serviço Nacional de Saúde (SNS), de acordo com números de junho enviados ao Expresso pela Administração Central do Sistema de Saúde (ACSS). São menos 31% do que há cinco anos, altura em que a mesma entidade divulgava um valor próximo dos dois milhares nos quadros do SNS.

Tanto fora como dentro do sistema público de saúde a nacionalidade com maior representação em Portugal é a espanhola, que compõe mais de um terço (35,4%) do total de estrangeiros inscritos. Os brasileiros estão em segundo lugar, seguidos dos italianos e, por fim, dos médicos de nacionalidade ucraniana.

Ao todo, são 68 as nacionalidades diferentes da portuguesa a conviverem entre clínicos no serviço público. Do total de estrangeiros, 309 são internos de especialidade.

Quando olhamos para aqueles que trabalham no SNS — 1269 —, vemos que são os espanhóis os mais representados, com 36,5%, a seguir surgem os brasileiros, que somam 119, depois os ucranianos e só a seguir os médicos italianos.

Privado e à tarefa

Irene Gullo veio para Portugal há 11 anos, depois de ter feito um ano de Erasmus no Porto, e começou por ser interna da especialidade de Anatomia Patológica. "Sabia que havia uma pessoa muito boa na minha especialidade na Universidade do Porto, chamada Fátima Carneiro, e pensei que assim voltaria para Itália com mais currículo. Só que depois fui convidada a fazer o doutoramento e percebi que o poderia fazer ao mesmo tempo que estava a tirar a especialidade, algo que não seria possível em Itália", explica a italiana de 37 anos.

Hoje especialista, doutorada e a dar aulas na universidade, além de investigadora, diz que não conhece muitos médicos estrangeiros e a maioria dos que conhece trabalha à tarefa no serviço de urgência. "Alguns obtiveram a especialidade no país de origem, mas não têm equivalência em Portugal, ou até têm equivalência mas não conseguem exercer, porque nunca conseguiram entrar numa vaga", informa.

Para exercerem em Portugal os processos como o de Irene são os menos complexos, já que os recém-formados num país europeu obtêm a equivalência ao curso de forma automática. Se vierem ainda sem a especialidade, a única prova que os distancia de qualquer médico recém-formado português é um exame de comunicação, que lhes dará o aval da OM para poderem de facto exercer.

Mas se a mudança de país for feita já depois de ser especialista, o clínico tem de passar por um processo de reconhecimento da especialidade complexo e moroso, o que faz com que muitos acabem a trabalhar como generalistas, no privado ou "à tarefa" nos serviços de urgência.

Processos agilizados

Já quando o médico vem de fora da União Europeia (UE), o procedimento é menos direto. A equivalência é feita numa universidade e inclui um exame escrito e um exame prático

> **O bastonário da Ordem dos Médicos diz que quer agilizar os processos de reconhecimento das equivalências**

com um caso clínico. Se passar, fica a faltar o exame da Ordem. E, além de tudo isto, ainda implicará o reconhecimento da especialidade, que é feito pelos respetivos colégios.

Há algumas exceções ao sistema. A mais significativa é um acordo que a Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa tem com a Universidade Federal do Rio de Janeiro que atesta que a formação é de qualidade e reconhece de forma mais rápida os médicos brasileiros. "Isso pode ter aumentado um bocadinho o número" de clínicos desta nacionalidade, assegura Helena Canhão, presidente do Conselho das Escolas Médicas. Muitos pedem o reconhecimento mesmo antes de decidirem mudar-se para cá, como forma de "preparar o futuro".

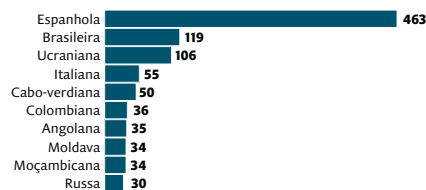
Depois de um decreto-lei publicado no ano passado pelo Governo anterior que tentava reconhecer automaticamente médicos de certos países, mas que Helena Canhão diz não ter sido implementado — "e bem" —, o que as escolas médicas tentam fazer agora é estender o reconhecimento por universidades, na medida em que facilitar o processo de reconhecimento de médicos estrangeiros é um objetivo, diz. "É importante trazer médicos de fora da União Europeia", mas "é um problema" se grande parte dos estrangeiros não está a trabalhar no SNS, admite a responsável.

Carlos Cortes, bastonário da Ordem dos Médicos, diz que quer "agilizar os processos". Ressalva contudo, que "há muitos países com uma formação mais curta que em Portugal e o rigor tem de ser mantido".

Segundo Irene Gullo, pode também dar-se o caso de, já depois da especialidade reconhecida, não conseguirem entrar num hospital ou num centro de saúde. "Há um ano que as vagas abrem por perfil", com "o serviço a descrever a pessoa que procura", ao contrário do que acontecia quando entrou, que contava a nota mais alta. Este processo, ao mesmo tempo que cria uma discriminação positiva aos médicos que já fizeram o internato naquele serviço, pode dificultar a vida aos que acabam de chegar a Portugal. Segundo Helena Canhão, é o caso de muitos brasileiros, que "são pessoas mais velhas, já especialistas no Brasil há vários anos, e que não querem novamente fazer a especialidade". Sem vaga, acabam por trabalhar fora do SNS.

Mais de metade dos clínicos estrangeiros estão a trabalhar na região de Lisboa e Vale do Tejo (35,1%) e no Norte (26,5%), seguidos pelo Centro (13,5%), pelo Algarve (12,7%) e pelo Alentejo (11,9%).

jascensao@expresso.impresa.pt

NACIONALIDADES MAIS REPRESENTADAS ENTRE OS MÉDICOS ESTRANGEIROS NO SNS

FONTE: ADMINISTRAÇÃO CENTRAL DO SISTEMA DE SAÚDE (ACSS)

AMBIENTE

PJ investiga "crime de poluição" na Azambuja

Empresas denunciam "desastre ambiental". Fabricante de baterias acusado de **poluir ar com chumbo**

Hélder Santos mostra telhas corroídas por agente químico FOTO NUNO BOTELHO

RÚBEN TIAGO PEREIRA

Ninguém consegue descrever o cheiro. Umas vezes é mais forte, outras mais fraco, mas nunca inodoro. É ácido, metálico ou férrico. Os trabalhadores da Zona Industrial de Vila Nova da Rainha, freguesia do concelho da Azambuja, esforçam-se por encontrar uma descrição para o fenómeno que os atormenta. Não sabem a que cheira, mas sabem de onde vem. Apontam para a coluna de fumo que sai das instalações da Exide Technologies Recycling II, uma subsidiária da multinacional norte-americana com o mesmo nome que fabrica baterias de chumbo-ácido para o mercado industrial e automóvel. Ali faz-se a reciclagem dessas unidades e as emissões levaram um dos vizinhos, a empresa Jular Madeiras, a apresentar queixa ao Ministério Público (MP) e à Inspeção-Geral da Agricultura, do Mar, do Ambiente e do Ordenamento do Território (IGAMAOT).

Hélder Santos, administrador da empresa, diz que está perante "um desastre ambiental" e já começou a contabilizar os danos materiais e estima milhares de euros para a substituição de telhas e perfis de metal. "Há um agente químico que está a ser emitido para a atmosfera que reage com as estruturas metálicas e as enferruja", explica. As fotografias de satélite que a administração da sua empresa reuniu, de 2016 a 2024, mostram uma oxidação acelerada de várias coberturas de armazéns em redor da Exide. No pátio, o administrador mostra uma pilha de telhas corroídas que a Polícia Judiciária (PJ) constituiu como prova na única diligência que fez desde 2021, ano em que foi movida a ação judicial contra a Exide. A IGAMAOT, auxiliar da PJ na investigação, confirmou ao Expresso que "está em causa o crime de poluição com perigo comum".

Os estragos afetam também a REN, que deu "início aos trabalhos de reparação de postes de muito alta tensão" perto da Exide, admitindo que está a fazer uma "investigação detalhada para apuramento das causas". A SIVA, importadora do grupo Volkswagen em Portugal, com um parque automóvel a poucos metros da coluna de fumo, também confirma os danos: "A empresa exercerá os direitos que lhe assistem caso sejam apuradas responsabilidades relacionadas com esses fenómenos."

Contactada pelo Expresso, a Exide não prestou declarações e remeteu para o processo em curso.

Água contaminada com chumbo?

Motivada por um "medo enorme pela saúde das pessoas" e face à "inação" por parte da justiça perante uma "queixa que já vai com três anos", a administração da Jular Madeiras avançou com mais uma análise às linhas de água. É a segunda que manda fazer desde 2021. As amostras foram recolhidas pelos próprios meios e enviadas para o laboratório LabQui, em Oeiras. Os relatórios, a que o Expresso teve acesso, revelam valores muito acima das tabelas de referência da Associação Portuguesa do Ambiente (APA).

Análises à água deram valores de chumbo 40 vezes superiores ao valor de referência da APA

No "Guia Técnico de Solos Contaminados", o valor de referência do chumbo, em contexto industrial, é de 120 mg por quilo de matéria seca. Em 2021, nas amostras recolhidas pela Jular na vala onde são descarregados os efluentes da ETAR da Exide, esse valor estava nos 5200 mg. Em 2024, em amostras recolhidas num furo de água a 30 metros, a quantidade de chumbo era de 670 mg.

Os valores dos relatórios surpreenderam Silvino Lúcio, presidente da Câmara Municipal da Azambuja: "Desconheço a realização e os resultados dessas análises, mas, a serem reais, é um facto que me preocupa."

Historial de contaminação nos EUA

Em 2000, a Exide Technologies adquiriu uma fábrica a poucos quilómetros do centro de Los Angeles, na Califórnia, que já tinha um longo historial de contaminação com chumbo e arsénio. Em 2013, uma investigação iniciada seis anos antes pelas autoridades americanas revelou que mais de 100 mil pessoas haviam sido expostas a emissões de chumbo e arsénio.

A fábrica da Exide em Los Angeles acabou por encerrar em 2015, dando lugar ao que o jornal "LA Times" chamou de "a maior operação de descontaminação da Califórnia", com início em 2017 e com um ónus sobre o Estado de cerca de 750 milhões de dólares.

Atualmente, o *site* da empresa mostra que esta já não opera no país de origem e que só tem, a nível global, três instalações destinadas à reciclagem de baterias: uma em Portugal e duas em Espanha.

rtpereira@impresa.pt

Lisboa está cheia de turistas e os preços dos restaurantes começam a ser proibitivos para as bolsas dos residentes nacionais. Para não perderem esta clientela, há estabelecimentos que têm menus apenas para portugueses ou preços mais baixos por dose

Reportagem Para captar dinheiro dos turistas sem afugentar a clientela nacional, muitos restaurantes cobram preços diferentes a visitantes estrangeiros e a portugueses. A prática é ilegal

Preços só para portugueses: "Não cobro isto a camones"

Textos **HELENA BENTO** e **JOANA PEREIRA BASTOS**
Fotos **NUNO FOX**

O esquema é discreto, como um segredo que não é para divulgar, embora já seja conhecido de muitos. Em vários estabelecimentos de comida tradicional portuguesa localizados no centro histórico de Lisboa há um preço para turistas, assinalado em ementas escritas em várias línguas e à vista de todos, e outro para portugueses, transmitido verbalmente, à boca pequena, ou apontado em menus colocados em zonas pouco visíveis ou mesmo escondidos, e que não estão acessíveis aos visitantes. Num dos restaurantes da Baixa com a esplanada habitualmente repleta de turistas, e onde um simples bitoque custa €15, os portugueses pagam apenas €9,90 por uma refeição completa, incluindo bebida, sobremesa e café. "Aos turistas não dão este menu. Os empregados entregam-lhes a lista normal, que tem preços que nós não conseguimos pagar", conta Elisabete, funcionária de uma ourivesaria no bairro que lá almoça diariamente, como muitos outros trabalhadores das redondezas.

A prática é comum nas zonas mais turísticas da capital. "Há muitos restaurantes que fazem a portugueses preços diferentes dos que estão na carta", revela um condutor de *tuk-tuk*. É o que acontece, por exemplo, num estabelecimento no Campo das Cebolas, onde há duas ementas: uma à vista e outra escondida por baixo de um individual, que só é mostrada a quem já sabe ou aos clientes nacionais que hesitam em entrar quando veem os preços "oficiais". Os pratos são os mesmos, o valor é que não. No bacalhau à Brás, por exemplo, a diferença chega aos €4.

"Não digam a ninguém", pede o dono de outro restaurante localizado numa das principais ruas da Baixa, depois de sussurrar que cobra a portugueses "€10 com tudo". Na porta ao lado, o menu completo custa o mesmo, mas também não está publicitado e só é do conhecimento de residentes e de muitos trabalhadores da zona que lá costumam almoçar. Situado na mesma fileira de restaurantes, há um estabelecimento

HÁ DUAS EMENTAS: UMA À VISTA E OUTRA QUE SÓ É MOSTRADA AOS CLIENTES HABITUAIS OU QUE SE QUEIXAM DOS PREÇOS

que tem más críticas de turistas no Tripadvisor devido aos preços exorbitantes — "para dois pratos, sem sobremesa nem entrada, pagámos nada menos do que €103", escreveu há três semanas um visitante francês —, mas a portugueses pedem-se €15 por uma refeição completa. "Aos 'camones' [turistas] não cobro isto. Não ando aqui a apanhar bonés", confidencia o dono em voz baixa.

Com um poder de compra diminuído nos últimos dois anos pela subida geral de preços, os portugueses agradecem o "desconto", mas a prática não é legal. "Os restaurantes não podem discriminar as pessoas em função da nacionalidade, cobrando preços diferentes a portugueses e a turistas estrangeiros. É uma tremenda ilegalidade", frisa Marcelino Abreu, advogado com vasta experiência em direito do consumo. Ressalvando não ter conhecimento destes casos, a Associação da Hotelaria, Restauração e Similares de Portugal (AHRESP) sublinha igualmente que os preços têm de ser iguais e estar afixados "com toda a transparência".

A explosão do turismo — que voltou a bater recordes no ano passado com a entrada de mais de 26,5 milhões de visitantes — contribuiu para a escalada dos preços, nomeadamente na restauração. Segundo dados do INE, o preço médio das refeições fora de casa aumentou 22% desde o início de 2022 a nível nacional — sendo que nas zonas turísticas, para as quais não existem valores detalhados, a subida terá sido certamente maior. Se olharmos para a última década, o aumento foi ainda mais acentuado: 39% face a 2014. E o crescimento dos salários esteve longe de acompanhar esta evolução.

"Ao traduzir-se num aumento dos preços, e não nos rendimentos das populações locais, o turismo repre-

sentou uma diminuição do poder de compra" para a generalidade dos portugueses, com exceção dos que estão ligados ou beneficiam da atividade turística, explica o economista Ricardo Paes Mamede. Sem capacidade para pagar os valores que estão a ser cobrados na restauração, os nacionais foram forçados a uma mudança de hábitos. De acordo com dados da AHRESP divulgados ao Expresso, 37% reduziram este ano o consumo de refeições fora de casa (ver texto ao lado). E o preço passou a ser o fator com maior peso na escolha de um restaurante, quando em 2023 o atributo a que davam mais importância era a qualidade da comida.

O melhor de dois mundos

O jornalista e crítico gastronómico Ricardo Dias Felner tem acompanhado de perto a mudança. "Vou a restaurantes várias vezes por semana e o que tenho visto é que, com frequência, sou o único português. Muitos dos sítios onde melhor se come na cidade neste momento são inacessíveis à maioria dos portugueses, cobrando preços médios entre os €30 e os €50", diz. Para o cronista do Expresso, o aumento do turismo contribuiu para uma melhoria geral da qualidade da restauração, mas encareceu-a. "O facto de Lisboa se ter tornado uma capital *trendy* a nível global atraiu ótimos chefes de vários pontos do mundo, uma riqueza que não existia há 10 anos. O reverso da medalha é o lento desaparecimento das tascas, que assentavam num modelo de negócio que não resistiu e que perderam muita da sua clientela habitual, sendo pouco procuradas pelos turistas."

AO MESMO TEMPO QUE SURGEM RESTAURANTES COM MAIS QUALIDADE E MUITO MAIS CAROS, AS TASCAS DESAPARECEM

Segundo a AHRESP, os restaurantes que mais dependem do mercado interno viram as suas margens de lucro ser "esmagadas" nos últimos dois anos e meio, porque não conseguiram aumentar os preços na mesma proporção da inflação que atingiu o custo dos produtos, já que os clientes tradicionais não conseguiriam suportar essa subida. Em consequência, muitos acabaram por fechar portas ou estão em vias disso. Já os estabelecimentos situados em zonas turísticas elevaram substancialmente os preços, ajustando-os à capacidade financeira dos estrangeiros visitantes, que é muito maior do que a dos portugueses. Por exemplo, britânicos e franceses, que estão no *top* 3 das entradas, têm, respetivamente, um poder de compra 76% e 65% mais alto. E o dos americanos, que constituem um dos mercados em maior crescimento, é quase quatro vezes superior ao dos portugueses.

Ainda assim, com receio das oscilações e da sazonalidade do turismo, alguns restaurantes tentam, ao mesmo tempo, manter a clientela nacional, mais fixa e regular. Para captar o dinheiro dos turistas mas não afugentar os portugueses, vários começaram, à socapa, a fazer preços diferenciados. Da mesma forma, muitos quiosques da capital lançaram um sistema de descontos apenas acessível a residentes, através de um registo de cliente que obriga à inscrição do NIF. "É uma tentativa de manter o melhor dos dois mundos em termos de procura", explica Luís Mendes, do Instituto de Geografia e Ordenamento do Território (IGOT) da Universidade de Lisboa. O fenómeno também acontece lá fora, sobretudo em países menos desenvolvidos, em que a desigualdade económica entre locais e visitantes é maior.

Desalojamento indireto

O geógrafo, que tem estudado o impacto do turismo na vida das comunidades locais, refere que "um dos efeitos mais evidentes da turistificação acontece no comércio", com a substituição de lojas e estabelecimentos direcionados para os residentes por outros orientados para turistas. "Este fenómeno, a que chamamos de 'desalojamento indireto', é visível em várias zonas do centro histórico, como Alfama, e funciona como uma espécie de convite ao morador para abandonar a sua casa, já que todo o ambiente do bairro é alterado. Com o desaparecimento do comércio tradicional perdem-se pontos de encontro e de apoio que são fundamentais para os habitantes mais antigos", explica.

Renato do Carmo, diretor do Observatório das Desigualdades, corrobora: "Cafés, pastelarias e restaurantes populares, que eram ancoradouros da vida de bairro, têm sido substituídos por estabelecimentos voltados para os turistas e para os estrangeiros abastados que se mudaram para o país, com preços incomportáveis para os locais. E o fenómeno tem repercussões muito profundas ao nível do relacionamento entre as pessoas, traduzindo-se num aumento do isolamento, numa perda do sentido de comunidade e numa diminuição da qualidade de vida dos residentes."

"É UMA TREMENDA ILEGALIDADE", FRISA MARCELINO ABREU, ADVOGADO ESPECIALISTA EM DIREITO DO CONSUMO

O sociólogo frisa que "a turistificação acabou por exacerbar as desigualdades sociais tanto na habitação como no acesso a serviços", provocando na Área Metropolitana de Lisboa um aumento da disparidade entre os mais ricos e os mais pobres. Tiago Tavares, professor de Economia Internacional, ressalva que o problema não está no turismo — que tem beneficiado a economia portuguesa de uma forma agregada, ajudando-a a crescer mais do que a média europeia —, mas numa má distribuição dos ganhos trazidos pelo sector. "O aumento dos preços não foi compensado por políticas de redistribuição da riqueza direcionadas para a provisão de bens públicos, como o reforço de serviços de transporte e de limpeza. Grande parte do ressentimento das populações associado à explosão turística está relacionada com isso. Apesar de a economia estar melhor, a vida da generalidade das pessoas está mais difícil", explica.

Para Renato do Carmo, "não se trata de acabar com o turismo", mas da necessidade de impor "limites e regulação". "Se não forem tomadas medidas eficazes, corremos o risco de perder o direito à cidade."

Com João Silvestre
hrbento@expresso.impresa.pt

37% dos portugueses reduziram refeições fora de casa

O preço é o fator que mais pesa na escolha de um restaurante, quando em 2023 era a qualidade da comida

Quase 40% dos portugueses reduziram o consumo de refeições fora de casa, a maioria dos quais (68%) devido ao aumento dos preços e do custo de vida em geral, segundo dados da Associação da Hotelaria, Restauração e Similares de Portugal (AHRESP) divulgados ao Expresso. O preço é agora o fator que mais pesa na hora de escolher um restaurante, tanto no almoço, como no jantar, quando em 2023 o que mais importava era a "qualidade da comida".

O estudo "Hábitos de consumo de refeições fora de casa", realizado pela NielsenIQ, revela também que, nos primeiros quatro meses deste ano, 43% dos portugueses fizeram uma refeição fora de casa pelo menos uma vez por semana, quando em 2023 tinham sido cerca de 60%. O jantar foi a refeição em que os portugueses mais reduziram os seus gastos; já durante a semana, sem contabilizar os dias de sábado e domingo, o pequeno-almoço foi a refeição "mais sacrificada".

Ainda não há dados em relação ao período de verão, mas as delegações da AHRESP no país (16 no total) "têm reportado um descontentamento generalizado quanto à procura junto da restauração e similares", explica Ana Jacinto, secretária-geral da associação. "Apesar de o território não ser todo igual, havendo locais com mais atividade turística, onde os negócios tendem a evoluir positivamente, notamos que os empresários da restauração e similares estão muito receosos e apreensivos com a dinâmica da atual procura, que consideram ser muito instável e incerta, mais do que é habitual."

Despedimentos ameaçam sector

O aumento da inflação, depois da pandemia de covid-19, foi muito "penalizador" para as empresas, sublinha Ana Jacinto. "Levou a um aumento brutal dos seus custos operacionais e nem todas tiveram capacidade de repercutir esse aumento exponencial no preço de venda ao consumidor. Nos últimos dois anos e meio, as empresas têm visto as suas margens de negócios serem esmagadas."

Os estabelecimentos mais afetados são os localizados fora dos centros urbanos, que dependem do mercado interno, cujo poder de compra tem vindo a diminuir. As consequências já se fazem sentir. Vários restaurantes ponderam despedir trabalhadores para reduzir custos; outros já fecharam portas ou estão em vias de o fazer.

TURISMO

Grandes cidades europeias reforçam medidas para aliviar pressão

Aumento das taxas turísticas e redução do AL são algumas das soluções que estão a ser adotadas

À medida que o número de turistas a nível mundial continua a aumentar, os principais destinos europeus estão a tomar medidas para aliviar a pressão e mitigar os efeitos do turismo de massas. As taxas turísticas são um dos instrumentos que estão a ser introduzidos ou alargados nas cidades que mais se debatem com um número excessivo de visitantes.

AMESTERDÃO

Em 2023 foi lançada a campanha "Stay Away", destinada a dissuadir turistas que causam distúrbios, e em 2024 a cidade proibiu a construção de novos hotéis no centro da mesma, limitou os horários de funcionamento de bares e cafés e impôs restrições à venda de canábis nas ruas. Já no início deste ano foram introduzidas medidas para priorizar a habitação para certos grupos, como estudantes e trabalhadores essenciais. Também foram adotados critérios para restringir o número de alugueres privados para férias. A cidade está a reduzir o número de licenças de alojamento turístico e a limitar a concessão de licenças para lojas de *souvenirs*, favorecendo negócios locais. A taxa turística sofreu um aumento significativo, tornando-a das mais elevadas da Europa. Há ainda planos para transferir o terminal de cruzeiros para fora do centro da urbe, que, a serem aprovados, farão com que mais nenhum navio com turistas atraque na capital a partir de 2035. Outras cidades europeias já limitaram ou pretendem limitar a entrada de cruzeiros.

BARCELONA

Há vários anos que a cidade catalã tenta, através de diferentes estratégias, aliviar o excesso de turistas. Só este ano a taxa municipal, apenas aplicável aos primeiros sete dias de estada, foi revista duas vezes: em abril, quando passou de 2,75 euros para 3,25 euros, e em julho, quando foi aprovado um novo aumento, para 4 euros, que entra em vigor a partir de outubro deste ano. Também há planos para aumentar a taxa turística cobrada aos passageiros de cruzeiros que permaneçam na cidade durante menos de 12 horas. Quanto ao Alojamento Local, foi anunciado este ano que deixarão de ser concedidas novas licenças e que as que existem não vão ser renovadas, o que fará com que os apartamentos para turistas deixem de existir até ao final de 2028. Barcelona tem atualmente 10.101 Alojamentos Locais oficialmente registados e o objetivo é que sejam recuperados para uso residencial.

VALÊNCIA

Também para conter o turismo excessivo a região espanhola vai aplicar multas até 600 mil euros aos alugueres de curta duração não licenciados (mercado negro) e aos apartamentos do tipo Airbnb.

VENEZA

Com recordes no turismo desde o fim da pandemia, as autoridades de Veneza tentam mitigar o excesso de visitantes. A cidade proibiu recentemente os guias turísticos de usarem megafones e limitou os grupos a 25 pessoas, no máximo, no centro histórico e em ilhas como Murano e Burano. Além disso, este verão foi testada a aplicação de 5 euros a turistas que se desloquem apenas por um dia à cidade. O objetivo é reduzir as multidões, incentivar visitas mais longas e melhorar a qualidade de vida dos residentes. Em 2021 foi proibida a entrada de navios de cruzeiro de grandes dimensões no centro histórico da urbe.

PARIS

A cidade aumentou significativamente as suas taxas turísticas, até 200%, a partir de 1 de janeiro de 2024. A medida foi justificada com a necessidade de proceder a melhorias nos transportes públicos e em diversas infraestruturas antes dos Jogos Olímpicos e gerir o esperado crescimento do número de visitantes durante o evento desportivo.

COPENHAGA

Na capital dinamarquesa foi lançado recentemente um programa-piloto para combater o excesso de turismo: pôr os visitantes a trabalhar. Os turistas que se envolvam em atividades 'amigas' do ambiente, como a recolha de lixo ou a utilização de transportes públicos, poderão ser recompensados com refeições, experiências culturais e excursões gratuitas. O programa experimental CopenPay, que decorre entre 15 de julho e 11 de agosto, junta-se a uma série de soluções colocadas em prática para fazer face ao excesso de turismo. **H.B.** e **J.P.B.**

Ninguém sabe quantos *tuk-tuks* há a operar em Lisboa

Ordem para dispersar

Câmaras de Lisboa, Porto e Sintra avançam com medidas para **evitar concentração de turistas** nas zonas mais pressionadas

Texto **HELENA BENTO** e **JOANA PEREIRA BASTOS**
Foto **NUNO FOX**

Nas zonas mais turísticas do país há muitos moradores que já se queixam de um excesso de visitantes, mas as câmaras não querem reduzir o volume de turistas, que constitui uma fonte substancial de receitas para os municípios. Em vez de definir limites, autarquias como Lisboa, Porto e Sintra apostam em medidas para dispersar os estrangeiros por mais pontos de interesse, diminuindo a concentração nas áreas que estão sob maior pressão.

Ao Expresso, a Câmara da capital é perentória: "Não existe um excesso de turismo em Lisboa, o que existe é zonas onde se concentram os turistas." Salientando que o sector representa 20% da economia da cidade, o executivo de Carlos Moedas defende que, "mais do que estabelecer um limite de turistas", é fundamental "dispersar os fluxos turísticos, criando novos polos de atratividade e aliviando a sobrecarga dos roteiros tradicionais".

O mesmo defende a Câmara de Sintra, onde o protesto dos residentes contra o "turismo de massas" fez-se notar no mês passado através da colocação, em janelas e montras, de cartazes que denunciam a "perda de qualidade de vida, os constantes congestionamentos de trânsito e a descaracterização acelerada da zona inscrita como Património Mundial", exigindo medidas para evitar que a vila se transforme "num mero parque de diversões". A autarquia reconhece que o elevado fluxo de turistas levanta "inúmeros desafios" e explica que está em curso uma estratégia para aliviar a pressão no centro histórico, dispersando os visitantes por outros locais "para além dos roteiros óbvios" através da promoção da costa atlântica e da zona rural do concelho.

Paralelamente, foram tomadas medidas para "reduzir a carga" nos principais monumentos: no Palácio da Pena foi imposto no início deste ano um sistema de *slots* para controlar o volume de entradas diárias, que assim diminuiu 16,5% relativamente a 2023. Idêntica solução foi também aplicada na Quinta da Regaleira desde 1 de agosto, para baixar para metade o número máximo de visitantes por dia. "Estas medidas têm um profundo impacto na pressão turística que se sente no centro histórico de Sintra e zonas limítrofes", assegura ao Expresso o município.

No Porto, onde a Baixa e o centro histórico concentram quase 80% da procura turística, a palavra de ordem é a mesma: dispersar. A Câmara vai dividir a cidade em oito "quarteirões turísticos" para melhor distribuir os visitantes, promovendo pontos de interesse até aqui menos divulgados e criando novos polos de atração e novos itinerários. "O nosso território apresenta características distintas, pelo que nos pareceu natural repensá-lo, dando destaque às potencialidades de cada zona", explica a autarquia, frisando que a aposta visa a "qualificação e diversificação" da oferta para captar um turismo de maior qualidade e assegurar um melhor "equilíbrio entre a atividade turística e a vivência da cidade". A pedonalização do centro é outra das estratégias que a autarquia quer implementar para aliviar a pressão sobre os moradores.

> "Não existe um excesso de turismo, o que existe é zonas onde se concentram os turistas", diz a CML

Controlar os *tuk-tuks*

O congestionamento de tráfego nos centros históricos tem sido apontado ao excesso de *tuk-tuks* e ao estacionamento desordenado destes veículos. No Porto vai ser criada uma zona de restrição, onde estarão proibidos de entrar, e serão definidos os percursos por onde podem circular. As novas regras deverão entrar em vigor em 2026.

Na capital, Moedas também quer "impor ordem" e introduzir uma política de "tolerância zero para algumas zonas que têm sido fortemente massacradas". A Câmara prepara-se para aumentar os lugares de estacionamento de *tuk-tuks* dos atuais 86 para 250, criando novos locais de paragem para reduzir as concentrações e o estacionamento em segunda fila. E quer que circulem na cidade, no máximo, cerca de 500 *tuk-tuks*, o que representaria uma redução para metade relativamente aos mil que estima existirem atualmente.

O problema é que as autarquias não têm competência sobre o licenciamento destes veículos, que cabe ao Turismo de Portugal. Para mudar a situação, a Câmara de Lisboa vai reunir com aquela entidade já em setembro, exigindo "ter os meios que lhe permitam controlar o número máximo de *tuk-tuks* que a cidade suporta". Neste momento "ninguém sabe ao certo quantos estão a circular" na capital, garante Inês Henriques, da Associação Nacional de Condutores de Animação Turística (ANCAT). O registo é feito a nível nacional, e não por município e por "agente de animação turística" em vez de por veículo — sendo que cada agente pode ter vários *tuk-tuks*. A própria ANCAT reconhece que "há um excesso de viaturas" e defende uma regulamentação clara, até para defesa dos condutores de *tuk-tuks*, que diz estarem a ser vítimas de "perseguição" por parte da polícia, com multas arbitrárias perante a falta de regras.

Em Sintra, a Câmara aprovou, já em 2018, um regulamento que previa a criação de um número máximo de *tuk-tuks*, mas uma associação de animação turística interpôs uma providência cautelar para o suspender e o processo ainda está em tribunal.

Menos hotéis

Para controlar a perda de residentes, a Câmara de Sintra tem investido na compra de edifícios abandonados para os recuperar e colocar no programa de arrendamento jovem e na reconversão de prédios municipais para o mesmo fim. E garante que não está prevista a construção de nenhum novo hotel.

> O Porto vai ter novas regras para os *tuk-tuks*, mas só entrarão em vigor em 2026

Já a Câmara de Lisboa acabou de aprovar dois novos hotéis, ainda que ressalve que as unidades que estão a ser licenciadas este ano correspondem a projetos iniciados entre 2018 e 2021. Segundo a edilidade, o Plano Diretor Municipal (PDM), instrumento que regula a instalação de novos hotéis, é já de 2012 e será atualizado. O futuro PDM, que está a ser desenvolvido, "procurará resolver os desequilíbrios entre oferta habitacional e oferta turística", garante.

hbento@expresso.impresa.pt

Marco Martins Realizador e encenador

"O meu trabalho tem convergido para as feridas da sociedade"

Textos BERNARDO MENDONÇA
Fotos MATILDE FIESCHI

É um dos criadores mais relevantes da nossa ficção e há muito que leva aos palcos de teatro e ao grande ecrã as histórias das pessoas que não têm voz. Autor de filmes como "Alice", "São Jorge" ou, o mais recente, "Great Yarmouth — Provisional Figures", as suas obras partem de muita pesquisa e recolha documental antes de serem filmadas ou encenadas. E nesse processo passou a ter o hábito de trabalhar também com 'não atores', que contam as suas vidas ou as da sua comunidade. Como aconteceu nas suas últimas peças, "Pêndulo", num elenco feito com trabalhadoras imigrantes precárias, e "Blooming", representado por crianças institucionalizadas. Num confronto entre arte e vida, vida e arte.

P O que mais lhe interessa é colocar o teatro e o cinema no centro das feridas da sociedade?
R De alguma forma, sou atraído para aí. O meu trabalho tem convergido para essas feridas da sociedade. Cada vez mais estamos distantes do outro, não só da família, dos amigos, mas do outro aparentemente mais distante. Como os trabalhadores do "Great Yarmouth" ou as mulheres no "Pêndulo", com quem nos cruzamos diariamente e sobre os quais sabemos muito pouco. E a nossa forma de criar uma comunidade tem sempre a ver com o encontro com o outro.

P Andamos desencontrados?
R Sim, estamos num grande desencontro. A ausência de criações, de ficções ou de olhares sobre o outro contribui para esse grande desencontro. O cinema e a arte, em particular, são cada vez mais lugares de uma reflexão que está ausente da vida comum. Portanto, em primeiro lugar o que quero provocar é uma pergunta, uma reflexão.

P Essa reflexão, esse confronto, pode curar feridas?
R Pode curar ou pode abrir, como neste meu último espetáculo, o "Blooming", com crianças de instituições de acolhimento. Portugal é o país com mais crianças em instituições de acolhimento da Europa, onde mais facilmente uma criança é colocada numa instituição, e este é um espetáculo que cria uma grande fratura no público e em quem assiste. Por um lado, porque as pessoas são confrontadas com algo que julgam não existir, e, sobretudo, são confrontadas com as caras e identidades dessas crianças.

OUÇA A ENTREVISTA NA ÍNTEGRA NO *PODCAST* "A BELEZA DAS PEQUENAS COISAS" EM ***EXPRESSO.PT/PODCASTS***

P Fala das crianças que entraram na sua peça "Blooming", que não são atrizes nem atores e que vivem realmente em instituições. É um confronto transformador?
R Sim. As histórias, a ficção e o trabalho de narração têm a função de criar uma comunidade e identidade comum. A partir do momento em que sou confrontado com a história daquelas crianças institucionalizadas, elas passam a fazer parte também da minha história pessoal, o que pode ser um momento de dor. E a partir dessa dor podemos encontrar uma cura, com certeza.

> SE CALHAR, O PERÍODO DO ESTADO NOVO NÃO ESTÁ ASSIM TÃO LONGE NEM ULTRAPASSADO

P Também na peça "Pêndulo" colocou em palco oito mulheres imigrantes que trabalham nas limpezas, muitas cuidadoras de idosos e que são maltratadas pela nossa sociedade. Outra ferida por curar?
R A nossa sociedade tem dificuldade em lidar com esta mutação. Cada vez mais somos um país de imigrantes, dependemos deles em grande escala e deveríamos cuidar da sua integração, mas isso não é feito, é só uma exploração económica de seres humanos. O que é irónico é que a maior parte destas mulheres imigrantes é paga para dar afeto, amor, e o que recebe em troca do país onde vive é exploração económica. As suas vidas são absolutamente de superação, de transcendência. Talvez o que me surpreenda é a forma como essa violência sobre elas vai sendo ultrapassada e continuam a lutar, o que é uma grande lição. Tenho sempre a sensação de que o que recebo destas pessoas é muito mais do que o que lhes dou.

P Por outro lado, no filme "Great Yarmouth — Provisional Figures" retratou as condições duras que os emigrantes portugueses vivem, nomeadamente numa cidade costeira de Inglaterra, onde são tratados como *pork and cheese*. Pessoas com sonhos amortalhados que fugiram da 'troika'?
R Sim, para algumas delas havia uma espécie de *english dream*, ou seja, uma ideia de Inglaterra como lugar de oportunidades, um país mais desenvolvido, com maior igualdade, com um nível de vida superior, e encontraram uma realidade mais dura. Havia um sonho que morria também. São pessoas que emigram já isoladas, muitas delas com uma família que fica para trás, e, portanto, vulneráveis.

P Ao confrontar-se tantas vezes com o lado sombrio do ser humano nas suas pesquisas de campo, mantém a esperança no outro?
R Tenho uma profunda empatia pelo outro, pois é o que nos faz mais humanos, digamos assim. Conseguir empatizar com o outro, encontrar aquilo que é comum em todos nós. Cada vez mais me interessa trabalhar com estas pessoas para as quais lhes está vedado o lugar da fala. A maior parte daquelas com quem trabalhei no "Pêndulo", ou em "Great Yarmouth", nunca teve a oportunidade de contar a sua história. E a sua história, provavelmente, nunca seria contada, iria desaparecer. A arte tem esse poder e essa função, que é olharmos para o que nos rodeia, para o que nos inquieta, e refletirmos com o outro. Interessa-me a arte que questiona e que dá voz ao outro, pois há cada vez menos espaço para a reflexão.

P Tendo nós uma história de emigração, como se explica esta onda de ódio aos imigrantes?
R Durante muitos anos fizemos por ignorar a nossa herança fascista, os 50 anos de fascismo em Portugal e o sermos um país fechado, muito provinciano, colonizador. A seguir ao 25 de Abril houve a esperança da construção de um país democrático, igualitário, diferente.

P Aberto ao mundo... E 50 anos depois do 25 de Abril onde estamos?
R Houve questões que nunca debatemos e fomos contando uma história que tinha muito mais a ver com um processo de prosperidade económica, mas não de democratização de um país e de igualdade de direitos. E as grandes conquistas dessa democracia vão desaparecendo. Não é só esta ideia de que a escola pública deixa de ser um lugar para todos, não é só a ideia de que, pouco a pouco, a saúde vai sendo privatizada, é também esta questão do regresso de um certo pensamento altamente retrógrado, fechado, e que conduz a essa ascensão da extrema-direita com uma certa paranoia sobre o outro, sobre o lugar do estrangeiro, sobre o lugar da própria mulher, a ideia de que deve regressar a casa para cuidar dos filhos. E, se calhar, o período do Estado Novo não está assim tão longe nem ultrapassado.

P Consta que é muito exigente com os seus atores no processo de pesquisa e filmagem.
R Acima de tudo, sou muito exigente comigo próprio, em primeiro lugar. Quando estou a falar de uma realidade que me é próxima, porque me aproximei dela, mas que não é a minha, como no "Great Yarmouth", a minha responsabilidade aumenta, e, portanto, essa exigência, essa imersão, essa necessidade de que os atores que iam representar as personagens que eu já conhecia relativamente bem passassem por todo o processo de trabalhar numa fábrica, na zona da matança, num horário entre as 5 da manhã e as 4 da tarde, numa série de processos de aproximação física à personagem, era absolutamente necessário e não era negociável. É a exigência desta imersão, deste trabalho físico e desta aproximação em relação ao outro que é um processo de aprendizagem a cada personagem nova que um ator vai protagonizar. Não há nada que um ator possa trazer de uma personagem para outra quando se trabalha num filme destes. É sempre uma invenção, uma descoberta, um processo muito íntimo que tem de ter uma verdade enorme, tem de ter um despojamento muito grande. Estas ficções que nós vemos da Netflix, as novelas, estão cheias do que chamo 'comida aquecida'.

P E há 'comida aquecida' celebrada como grande série.
R Exato. Há atores que querem ser atores para copiar outros atores, personagens que eles viram e de que gostaram, o que está tudo bem.

P Mas é 'comida aquecida'...
R Se calhar, com muita 'comida aquecida' consegue-se fazer um prato novo. Mas não quando estamos a representar uma personagem que nunca foi apresentada num ecrã. Já não existe mais nenhuma mulher que trabalhou em Great Yarmouth, numa fábrica de perus, como a Tânia [representada pela Beatriz Batarda]. A construção tem de ser íntima.

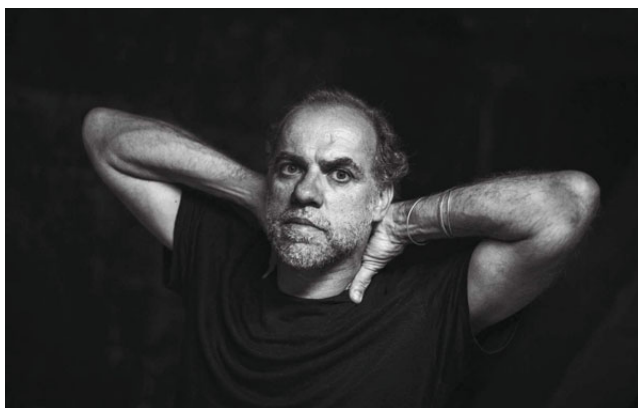
P É sempre um processo violento chegar à verdade das personagens?
R Neste caso sim, porque é uma personagem violenta. E é violento pelas horas de trabalho que exijo a um intérprete e a forma como me aproximo do processo de criação. Para mim, o trabalho de ator é um exercício muito físico e as horas de que determinado intérprete dispõe para ensaiar ou estar num trabalho de campo são fundamentais. Na minha forma de fazer cinema não concebo esta ideia de 'apareces amanhã, ensaias e filmes no dia seguinte'. Para mim isso não tem qualquer interesse.

> **“ESTAS FICÇÕES QUE VEMOS DA NETFLIX, AS NOVELAS, ESTÃO CHEIAS DO QUE CHAMO 'COMIDA AQUECIDA'”**

P Filmar é um ato violento?
R Sim, assim como toda a criação, porque é um lugar de dúvida e de nascimento que implica dor. Acho que há um prazer que também vem dessa dor, mas que se confunde. Sou muito exigente com o meu trabalho, acho sempre que podíamos trabalhar mais meses, mais horas, e que a cena poderia ter saído melhor.

P O que mais o move?
R Uma grande inquietação. Tentar saber sempre mais, num sentido profundo, não num sentido factual. E talvez aí esteja a verdade. O Einstein dizia uma coisa com que tendo a concordar: "Melhor que uma equação certa, é uma equação que seja bela. Porque se for bela, será sempre verdadeira." E acho que há beleza no escuro.

P E sente-se atraído por essa beleza?
R Aquilo que tendemos a chamar de 'o mal' não tanto, mas a forma de sobreviver em lugares escuros. O Tonino Guerra, com quem trabalhei num filme, que é o argumentista do Antonioni, Tarkovsky, etc., dizia que "só na noite mais escura se consegue encontrar a beleza mais pura". De facto, numa imensa escuridão a Humanidade ganha novos contornos e revela-se mais.

oemaildobernardomendonca@gmail.com

AS ESCOLHAS PARA O VERÃO

UM *PODCAST*
"The New Yorker — Fiction" ou "Are We On Air?"

Oiço muitos *podcasts* sobre cinema e literatura. É talvez a razão pela qual gosto cada vez mais de fazer longas viagens de carro, sozinho. "In Writing", "Film at Lincoln Center", "Team Deakins" ou o *podcast* de Bret Easton Ellis seriam boas escolhas. Mas para as férias escolhi um de literatura e outro de música. O da "The New Yorker" convida um escritor a escolher uma história dos arquivos da revista e a lê-la; no outro, o artista é convidado a escolher 10 músicas que, por uma razão ou outra, constituem a *soundtrack* da sua vida.

UMA MÚSICA
"Futō", de Shida Shahabi

A música constitui uma parte fundamental dos meus processos de criação. Decidi-me por "Futō", da compositora e pianista Shida Shahabi, por ser uma artista relativamente desconhecida do grande público. Desde os compassos de abertura que a mecânica do piano é claramente audível e parte da composição, uma gravação visceral que revela, revela detalhes acústicos íntimos e imperfeições — o *fuzz* da maquinaria da fita, o rangido e o tilintar dos pedais do piano, martelos e chaves.

UM LIVRO
"Um Terrível Verdor", de Benjamín Labatut

Li-o pelo menos duas vezes este ano. É um magnífico estudo sobre a mente humana, a criação, a ciência, o génio e a loucura através de cinco cientistas que mudaram a história do século XX. É uma espécie de ensaio, onde as fronteiras entre a ficção e a não ficção estão em permanente confronto de linguagens e forma. A propósito do livro, o "The New Yorker" escreveu que era "tão condensado e potente como uma cápsula de cianeto". Este foi também o ano de "Austerlitz", de Sebald, e, claro, "Ulisses", de James Joyce, que esteve na origem do meu espetáculo "Blooming", mas não são leituras de férias.

UM FILME
"Rien à Foutre", de Julie Lecoustre e Emmanuel Marre

Fiz descobertas maravilhosas este ano. Nos clássicos, três filmes que desconhecia em absoluto: "The Swimmer", de Frank Perry (baseado numa *short story* de John Cheever), uma espécie de "Ulisses" contemporâneo em piscinas da West Coast, "Diamonds of the Night", de Jan Nemec, e "Streetwise", de Martin Bell. Nos filmes deste ano, o assombroso "A Flor do Buriti", do João Salaviza. A escolha de "Rien à Foutre" tem a ver com a surpresa que me causou. É uma grande obra-prima, frágil, mas de uma sensibilidade imensa. Essencial para compreender uma geração a quem foi vendida uma determinada forma de felicidade ligada (*online*).

UMA SÉRIE
"We Are Who We Are", de Luca Guadagnino

É como um estudo sobre a adolescência, identidades não binárias, rostos ausentes permanentemente de *headphones*, um tempo suspenso à espera que a vida comece, personagens com desprezo e ressentimento — tendo como território geográfico uma base militar americana em Venuto (Itália). Também achei notável "The Bear" (só a primeira temporada) e "Small Axe", do Steve McQueen, e, como não podia deixar de ser, "Succession".

VERÃO 2024

FOTO MEDITERRANEAN/GETTY IMAGES

O HOMEM QUE COMIA TUDO

Ricardo Dias Felner

O azeite bom não tem preço, o mau sim

Onde se fala dos azeites durienses e transmontanos, de oliveiras milenares que voam para o Catar, da especulação no Alentejo e da melhor receita de bife do mundo

Numa sala escura da Casa de Santo Amaro, na aldeia de Sucçães, estagiavam alguns dos melhores azeites do Douro e Trás-os-Montes. António Pavão, azeitólogo e administrador, ia-me enchendo copinhos diretamente das cubas, como numa adega de vinhos. "Este ano, o Paul Symington e o Quinta das Netas estão extraordinários", atirou, bebericando o óleo, para depois concluir. "Há aqui notas a banana madura, no fim aparece o picante."

Juntamente com o irmão Francisco Pavão, António tem ajudado à revolução dos azeites transmontanos e durienses. Além de produzir a sua marca, com azeitonas de olivais tradicionais e intensivos da região de Mirandela, a dupla começou a fazer azeites provenientes de quintas vinhateiras com um rigor raro, colhendo a azeitona mais cedo, com mais expressão aromática, e espremendo-a no próprio dia, em lagares limpos.

Alguns destes azeites custam €35 o litro — e são baratos. No caso dos produzidos em quintas durienses, o olival é de bordadura, árvores encavalitadas nas encostas circundando as vinhas, ramos só passíveis de serem varejados por equilibristas de circo. Falamos de uma mistura de variedades por vezes indecifrável, mas onde costumam entrar a cobrançosa, verdeal, madural, cordovil e Negrinha do Freixo (DOP). As notas de prova mais comuns são um amendoado elegante, por vezes tomate, uma doçura ligeira, única, uma delícia para juntar numa sopa de couve-flor ou num pargo escalfado ou no pão ou em tudo.

A diversidade que se vê a norte, contudo, contrasta com o que acontece a sul. No Baixo Alentejo, sobretudo, prolifera o olival superintensivo de arbequina e arbosana, variedades que os espanhóis trouxeram para Portugal e que estão a encher-nos as prateleiras de um azeite sensaborão e especulador.

Ao contrário do que se pensa, a subida trágica do preço do azeite tem pouco a ver com a seca em Portugal: a água de Alqueva garantiu a estabilidade das colheitas dos últimos anos, mesmo em situações extremas de seca. Sucede que em Espanha, o maior produtor mundial, não foi assim. E sucede que os preços do azeite no mercado internacional são fixados em Jaén, na Andaluzia.

Os produtores portugueses e espanhóis residentes no Alentejo têm-se aproveitado disto: nos últimos dois anos, terão quadruplicado as margens de lucro (apesar de continuarem a beneficiar de subsídios estatais pagos pelos contribuintes).

A situação tem levado ao elogio do Alqueva (justo) e da empreendedora indústria azeiteira nacional (falacioso). Mas quem enriquece com isto não são tanto os produtores de azeite portugueses — como os irmãos Pavão e seus congéneres do resto do país —, mas uns poucos financeiros e comerciais que dominam o Alqueva, o jogo dos fundos de investimento e dos fundos do Estado — e não se importam que o Alentejo se torne um desfiladeiro de oliveiras-arbusto a emborrachar-se de água e químicos de síntese.

> O extraordinário olival tradicional do Alentejo está a desaparecer e com ele aquilo que torna parte do azeite português distinto

O extraordinário olival tradicional do Alentejo, rico em azeitona galega e cordovil, está a desaparecer e com ele aquilo que torna parte do azeite português distinto. As árvores tradicionais são agora sobretudo decorativas, mas mesmo essas vão-se embora. Há uns anos, de visita ao Amor é Cego, um dos resistentes alentejanos à ocupação do superintensivo, João Rosado contou-me que se estava a pagar €35 mil por árvores milenares cujo destino era o *hall* de entrada de palácios do Catar. A história repetiu-se no Mainova, outro dos projetos notáveis da região, e na Herdade do Freixo do Meio (onde provei recentemente um azeite de galega extraordinário).

Felizmente, ainda há resistentes para quem o património não se vende por tuta-e-meia, mesmo entre operadores grandes alentejanos, como é exemplo o Esporão (belíssimos monovarietais de cobrançosa e cordovil). Felizmente, no resto do país, ainda temos belíssimos azeites ribatejanos como o Cabeço dos Nogueiras (ao mesmo preço que o Oliveira da Serra); ainda temos tantos azeites bons nas Beiras, no Douro, e sobretudo tantos transmontanos, do Acushla ao Romeu, dos Casa de Santo Amaro ao Rosmaninho.

São todos eles azeites extraordinários, alguns muito em conta. Se encomendar pela internet um garrafão de 5 litros de Rosmaninho Superior, por exemplo, produzido pela Cooperativa de Valpaços, paga €11,5 por litro e leva um azeite que é um alimento delicioso, com muito mais polifenóis e antioxidantes do que os óleos extravirgem que enchem as prateleiras a €10 o litro.

De volta à mina de ouro líquido de António Pavão, continuei as provas pela tarde, no seu armazém, feliz como uma criança numa loja de gomas. E não acabei enjoado.

Cheguei a Lisboa já noite dentro, esfomeado, com a mala cheia de azeites emocionantes e um pedaço de carne maronesa que comprara na Cooperativa Agrícola de Vila Real. Fui direto à cozinha, pus a frigideira de ferro a aquecer, um fio de azeite para forrar e deixei o bife estrepitar até ficar bem tostado. 'Salpimentei', retirei para o prato e deixei descansar a carne uns segundos. Enquanto isso, desprendi os resíduos tostados do fundo da frigideira com uma borrifadela de vinagre de Xerez e, já com o lume desligado, afundei no molho um dente de alho picado. Reguei o bife com os sucos alhentos e, por fim, lancei sobre ele um fio de azeite cru transmontano.

Oh, Deus. Haja azeite bom!

UM DIA HEI DE...

Leonor Godinho Chefe de cozinha

"A cozinha é um ambiente com dramas sem sentido"

Cruzou vários universos gastronómicos e trouxe um pedaço de cada um. Finalista do "MasterChef Portugal" em 2012, a autodidata passou depois pelo Feitoria (uma estrela Michelin), onde bebeu a técnica e a organização do *fine dining*. Já na *tap room* Musa da Bica, em 2019, criou estilo próprio, assinando uma carta criativa a preço democrático. Hoje, além de chefe do restaurante Vago, em Lisboa, é guardiã de "património tasqueiro tipicamente português", espécie em vias de extinção. Com menu do dia escrito à mão, toalhas de papel, bitoque ou cabidela, assim é o Vida de Tasca, em Alvalade.

P De Michelin a dona de tasca. Era um desejo antigo?
R Já frequentava muitas tascas e tinha feito *pop-ups* de vida de tasca no Vago. Depois, surgiu esta oportunidade de negócio e ao mesmo tempo uma necessidade de preservar a integridade do espaço. Já passava muito tempo na Casa do Alberto, restaurante onde costumava almoçar. Até brincávamos e dizíamos ao sr. Alberto "acho que um dia ainda fico com isto". Quando puseram o espaço à venda, falei com ele.

P O que mudava no mundo da cozinha?
R É um ambiente muito competitivo, com dramas sem sentido. Também é tóxico na forma como as pessoas se relacionam, pois ainda se trata de forma diferente pessoas de outras etnias ou mulheres, mas acho que já se está a ter mais cuidado com os horários de trabalho.

P Há cada vez mais tascas, cafés e pastelarias portuguesas a fechar. Como olha para isto?
R Quando vemos estes espaços a fecharem, é muitas vezes porque os contratos de arrendamento mudam e as rendas sobem. Mas tenho vindo a perceber que, mesmo com rendas mais baixas, as tascas podem fazer os preços que fazem porque os donos são escravos do trabalho. Não têm *staff*, passam lá dia e noite, e não é para terem lucro, é para manterem o espaço. Um dos próximos passos é tornar a Vida de Tasca rentável, porque é um projeto muito bonito.

P Qual foi a melhor viagem gastronómica que já fez e onde quer ir?
R Adorei o México, com comida de rua, tacos a 15 cêntimos. E recentemente estive no Noma [Copenhaga], que é uma experiência do outro mundo. É um lugar luxuoso, mas não sentimos que estamos num três estrelas Michelin. O meu cunhado disse-lhes que eu era chefe e levaram-me ao laboratório de fermentação (estava um pouco envergonhada). Fiquei emocionada, até comecei a chorar [risos]. Talvez tenha sido o momento mais marcante. Adorava ter uma experiência profissional no Noma. Quero muito ir ao Japão e a San Sebastian.

P Por cá, o que falta provar?
R O Canalha.

P Quais são os livros de receitas mais importantes?
R O "Receitas da TV" e "Cozinha Portuguesa", da Maria de Lourdes Modesto. Depois, as receitas da minha avó Amélia, que tem coisas absolutamente maravilhosas, e, como boa ex-concorrente, o "MasterChef Kitchen Bible", com que aprendi as bases de cozinha quando ainda era autodidata.

P Há alguma coisa que gostava de ter sido e que não foi?
R Estudei música durante 11 anos e adoro cantar. No último disco dos Zarco fiz os coros e toquei com eles ao vivo. Gostava de fazer mais na música, mas só se me propuserem alguma coisa.

P E depois?
R Talvez um projeto focado num prato que me tem acompanhado desde sempre, mas ainda não posso revelar. Gostava de fazer algo em torno do conceito de monoproduto.

ANA LUÍSA BERNARDINO
sociedade@expresso.impresa.pt

FOTO JOSÉ FERNANDES

CRÓNICA

Manuel Cardoso

A RESTAURAÇÃO PRECISA DE UM RESTAURO

Os restaurantes lisboetas enfrentam uma crise. Segundo uma reportagem do "Diário de Notícias" que ouviu vários chefes da cidade, há cada vez mais oferta e cada vez mais pelintras. Conceitos de cozinha aberta que acabam em restaurantes entaipados. Clientes que hesitam entre ter uma refeição entregue em casa por dez euros e a possibilidade de comer num balcão por vinte contos. Restaurantes feitos para turistas, vazios, sem um único turista; restaurantes feitos para locais, cheios, sem um único local. A restauração lisboeta não está para trespasse, mas parece ter entrado num período de "volto já".

Do ponto de vista do utilizador, há claramente demasiados restaurantes. Há sítios de que nunca ouvi falar listados entre os melhores restaurantes da cidade, em artigos em inglês. A variedade é esmagadora para uma aldeia conservadora como a capital portuguesa. Ainda sou do tempo em que havia cinco tipos de restaurante: tasca, marisqueira, chinês, italiano e "com a mania". Nos dias de hoje, há casais indecisos entre ir ao arménio ou ao georgiano. Daquela região, só nos falta mesmo ter acesso à cozinha do Azerbaijão, para grande azeri nosso. É politicamente incorreto dizê-lo, mas Lisboa tem excesso de caucasianos.

Os custos elevados são outro dos grandes desafios da restauração. A partir de 2010, o Facebook obrigou os restaurantes a gastar dinheiro em designers de logótipos. A partir de 2015, o Instagram fez com que os donos investissem em decoradores de interiores. Em 2020, o TikTok levou os empresários a estoirar fundos em *influencers* de comida. Neste momento, estes últimos compõem grande parte da população: há um Fortunato da Câmara por agregado familiar.

Vivemos uma era em que qualquer sítio com menos de 4,5 estrelas no Google é considerado um pardieiro; simultaneamente, todos os restaurantes no Instagram julgam ser o Noma, em Copenhaga. Por um lado, o cliente pagante compra pneus na Norauto, mas avalia a comida com os padrões da Michelin. Por outro lado, o crítico das redes sociais apresenta-se como *gourmand*, mas tem a exigência gastronómica de um golden retriever — e é muitas vezes remunerado por quem está a "avaliar". Todos os dias aparece-me no *feed* alguém a anunciar que foi "convidado a visitar o Água do Feijão, novo rodízio de picanha em Odivelas". O "espaço"? Sempre "agradável". A "experiência"? Invariavelmente "incrível".

> Vivemos numa era em que qualquer sítio com menos de 4,5 estrelas no Google é considerado um pardieiro; simultaneamente, todos os restaurantes no Instagram julgam ser o Noma, em Copenhaga

A míngua de clientes poderá também estar relacionada com o excesso de minimalismo. Afinal de contas, jantar fora é uma concretização da abundância. As designações dos novos restaurantes não me ficam na memória, até porque são sempre só uma palavra. "Já foste ao Brio? E ao Saga? E ao Ócio? E ao Ursa? E ao Asco? E ao Juba? E ao Raso? E ao Divã? E ao Sumo? E ao Cria? E ao Falo?" Evito ir a restaurantes com nome curto, até porque habitualmente o preço também só tem quatro letras: caro. Se voltarem os nomes do género Restaurante Snack-Bar O Retiro do Carvoeiro Zé Fêveras 2, talvez os portugueses restaurem a confiança na restauração.

BOA CAMA BOA MESA

Ser ilhéu na Terceira de Vitorino Nemésio

FOTO TURISMO DOS AÇORES

Guiados por Vitorino Nemésio, corsário das palavras, **descobrimos a Terceira** em animada festa redonda

ANA MARIA FONSECA

"Sou ilhéu, e, tanto ou mais do que a ilha, o ilhéu define-se por um rodeio de mar por todos os lados. Vivemos de peixe, da hora da maré e a ver navios...", reflete Vitorino Nemésio, em "Corsário das Ilhas", sobre a Terceira, que o viu nascer a 19 de dezembro de 1901 — dia de São Nemésio. Apesar de ter passado em Lisboa a maior parte da vida, nunca se libertou da imensidão de mar, homem e escrita fortemente marcados pela infância ligada à humanidade, à simplicidade dos lugares e das gentes insulares. Tentou explicar o que sentia cunhando o termo "açorianidade" pela primeira vez num texto de 1932: "Meio milénio de existência sobre tufos vulcânicos, por baixo de nuvens que são asas e de bicharocos que são nuvens..." Atravessamos a geografia sentimental de um dos grandes autores portugueses do século XX, regressando aos primeiros anos do escritor de "Mau Tempo no Canal", "Festa Redonda", "Corsário das Ilhas", "Paço do Milhafre" ou "Sapateia Açoriana", cuja obra abarcou poesia, prosa, ensaio e também jornalismo.

Como sereias de dupla natureza

Apesar de ter estudado em Coimbra e em Lisboa, onde viveu e lecionou na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, o imaginário regressou sempre aos Açores, à ilha Terceira e à Praia da Vitória da infância. "A geografia, para nós, vale outro tanto como a história, e não é debalde que as nossas recordações escritas inserem uns cinquenta por cento de relatos de sismos e enchentes. Como as sereias, temos uma dupla natureza: somos de carne e pedra. Os nossos ossos mergulham no mar." É na Rua de S. Paulo que se pode visitar a casa onde nasceu. Aberta ao público desde 1988, guarda livros, objetos pessoais e de família e o acolhimento é feito por Nemésio, recuperando imagens do tempo em que apresentou na RTP o programa "Se Bem Me Lembro", entre 1969 e 1975, tornando-o familiar aos olhos do grande público. Na Casa Museu (tel. 295 545 607) — atualmente encerrada para obras de reabilitação — descobrem-se outras facetas do escritor, que, expulso do liceu de Angra do Heroísmo, teve de migrar para a Horta, no Faial, para completar o ensino secundário. A ilha, a par do Pico e de S. Jorge, inspira "Mau Tempo no Canal". Ainda na Praia da Vitória, visite a atual Biblioteca Municipal José Silvestre Ribeiro (tel. 295 542 119), instalada no edifício conhecido por 'Casa das Tias' (que o acolhiam sempre que precisava de refúgio e ajudaram a financiar os seus estudos superiores). "Também fui senhorito na casa apalaçada das tias, dominando as casinhas dos pescadores da Rua de Baixo, da Praia, na Ilha."

NÃO PERCA

A edição 2024 do guia "Boa Cama Boa Mesa" reúne uma seleção dos melhores restaurantes e alojamentos nacionais. Com mais de mil locais que merecem visita, custa €19,90 e está disponível na Loja Impresa (tel. 214 698 801).

Bailado de raias

A caminho de Angra do Heroísmo, suba ao Miradouro da Cruz do Canário. Daqui se avista em todo o esplendor a estrutura vulcânica dos ilhéus das Cabras, os maiores do arquipélago a que Nemésio chamou "a estátua da nossa solidão". As raias encontram aqui o cenário perfeito para dançar em movimentos compassados e a elegante coreografia pode ser observada a bordo da embarcação com fundo de vidro da Water4fun (tel. 969 296 485). O local é também eleito fora de água por diversas espécies de aves, que aqui habitam e se reproduzem, como cagarros, garajaus, pombos-da-rocha e maçaricos-galegos. Com a Ocean Emotion (tel. 967 806 964) pode partir à descoberta das várias grutas integradas na área protegida dos ilhéus das Cabras, como a das Raias ou a da Catedral, acessíveis apenas de barco e casa de importantes histórias e lendas.

amfonseca@impresa.pt

ONDE COMER

O Pescador
"Cataplana do mar" e "Arroz de marisco" são dádivas na Praia da Vitória. "Filhós do forno" ou "Amelinhas" encerram.
Tel. 295 513 495
Preço médio €35

Caneta
Só ao almoço, em Angra, serve carne de vaca Angus de criação própria em "Tutano com massa sovada" e "Alcatra regional".
Tel. 295 989 162
Preço médio €20

Ti Chôa
Em Angra, tem como especialidade a "Alcatra regional com massa sovada" e a "Degustação". À sexta-feira há pão caseiro.
Tel. 295 906 673
Preço médio €20

ONDE DORMIR

Terceira Mar Hotel
Com 134 quartos e suítes, tem uma das mais sublimes vistas dos Açores. Piscina, zona de *wellness* e restaurante complementam a estada em Angra.
Tel. 295 402 280
A partir de €55

The Shipyard Angra
Antigo estaleiro naval, soma 29 apartamentos de T0 a T2 com vista para o monte Brasil. Obras de artistas locais e restaurante com assinatura de Vítor Sobral são imperdíveis.
Tel. 295 101 520
A partir de €75

GUERRA NA UCRÂNIA

Cultura Só nos primeiros seis meses de 2024 abriram 50 novas livrarias na Ucrânia. Desde o início da guerra, nasceram 19 editoras

Livros no desassossego

ANA FRANÇA
Em Lutsk, Ucrânia

No palco do Frontera, Festival Internacional de Literatura de Lutsk, Dmytro Lazutkin, 46 anos, poeta e soldado, responde a uma pergunta do moderador que quer saber se a poesia é um meio de expressão suficientemente poderoso para contar a guerra, ou se é um género que se adapta melhor a temas mais etéreos, menos concretos que mísseis e tanques.

"As fotografias têm de chegar aos jornais de todo o mundo/ Agora todos querem saber de Avdiivka/ Todos querem ver/ como é que um soldado/ diz adeus à vida."

Esta é uma das quadras do poema 'O Último Disparo', que Lazutkin, prémio Taras Shevchenko 2024 e ex-combatente da 47ª Brigada Mecanizada das Forças Armadas da Ucrânia, lê em voz alta para o público. Esta não é a resposta que dá, mas podia ser. "Não acho nada que a poesia seja uma forma mais frágil, mais suave de expressão, acho que é forte, chega a muita gente, as palavras estão dispostas numa ordem mutável, para serem captadas por quase toda a gente", responde.

No fim da sua apresentação, Lazutkin desce com o Expresso até ao abrigo antiaéreo do festival, onde pelo menos está fresco. É fim de julho e fazem 32 graus de humidade tropical. A organização do Frontera tinha tudo planeado para transferir o festival para debaixo de terra, se fosse preciso fazê-lo. O mais importante é não deixar os russos interromper a rotina mais do que o estritamente necessário. Faz tudo parte de uma forma de estar, este festival também.

"Para mim a poesia é, antes de mais, um remédio, mais do que uma arma, é um medicamento, contra esta doença grave, aguda e crítica ao mesmo tempo, que infetou todo o país", diz o poeta que entretanto foi convidado para ser porta-voz do Ministério da Defesa da Ucrânia. "As pessoas estão a comprar mais livros e a investir na nossa cultura porque, apesar de todo o mundo civilizado nos apoiar, nós sabemos que isto é uma cruz só nossa e a cultura ajuda a sairmos do buraco. É como se nos puxássemos a nós próprios pelo colarinho e desferíssemos na própria face um bom sopapo para acordar para a vida e valorizar o que é ucraniano."

INFOGRAFIA JAIME FIGUEIREDO

Os seus poemas pós-invasão são todos sobre situações reais. Um dos mais conhecidos, que ele lê em quase todos os eventos públicos, chama-se 'Rolling Stones (Pintar de Negro)' e é sobre um homem na linha da frente que liga à mulher, refugiada na Alemanha, e ela diz-lhe que não sabe se volta porque o mundo se tornou, para ela e para os filhos, muito mais vasto e cheio de oportunidades. "Há uma parte da luta que se passa na frente doméstica. Os homens que regressam não são necessariamente os mesmos que partiram. Depois de um pico de adrenalina e emoção no início da guerra, hoje a situação social de milhares de famílias é grave e vai ser preciso unir população civil e militar. A cultura pode tornar-se o unificador, o guia de valores que nos ajudará a sair desta situação."

Destruição de livros

No dia 23 de maio, um míssil russo S-300 atingiu a tipografia Factor Druk em Kharkiv, uma das maiores da Europa. O ataque matou sete funcionários, feriu 17 pessoas e destruiu 50 mil livros, bem como o equipamento de impressão da fábrica. A terceira maior editora da Ucrânia, a Vivat, funcionava no mesmo edifício. Em consequência do ataque, a produção geral de toda a indústria livreira ucraniana vai cair entre 30% e 40% em 2024 e 2025. Os prejuízos rondam os €5 milhões, segundo um comunicado da tipografia.

> **"TODOS PARECEM SENTIR UMA URGÊNCIA EM DEIXAR PROVAS DE QUE FOMOS UMA NAÇÃO, SE O PIOR ACONTECER", DIZ UMA JORNALISTA UCRANIANA**

Era precisamente na Factor Druk que estava a ser impresso o livro póstumo de Volodymyr Vakulenko, um conhecido autor de livros infantis, tradutor e poeta, que foi preso pelos russos durante a ocupação da sua aldeia, Kapitolivka, a sul de Kharkiv. Em setembro de 2022, quando o exército ucraniano reconquistou estes territórios, o corpo foi encontrado numa vala comum.

Durante a ocupação, Vakulenko tinha-se dedicado a escritos mais sombrios, que acompanhavam, em forma de diário poético, os dias da ocupação. A mesma gráfica estava a imprimir já os livros escolares, que, acreditam os editores, seriam o alvo principal do bombardeamento, uma vez que ensinam o que a Rússia não deseja que se aprenda.

Quando ficou a saber da morte do escritor, uma outra autora ucraniana, Viktoria Amelina, visitou o pai de Vakulenko e ambos desenterram o manuscrito que ele tinha escondido debaixo de uma cerejeira, presciente. Seis meses depois de entregar o livro para publicação, Amelina também morreu, num ataque a uma pizaria em Kramatorsk, onde estava reunida com escritores de vários países de visita à Ucrânia para escrever sobre a guerra. O fim trágico dos principais intervenientes nesta história não impediu a publicação do livro. "Eu Transformo: um Diário da Ocupação e Poemas Selecionados" (numa tradução livre do título em ucraniano) está à venda desde junho.

Renascimento executado

Uma jornalista grava alguns segundos de voz *off* para um microfone de uma televisão local. Está afastada da câmara, sentada na relva. "No festival literário de Lutsk escritores, tradutores, professores e investigadores estão envolvidos num esforço coletivo para difundir e preservar a literatura ucraniana, talvez assim, mesmo que haja novas ofensivas russas, não se perca tudo. Todos parecem sentir uma urgência em deixar provas de que fomos uma nação, se o pior acontecer". Pára e repete de novo o texto. O nosso tradutor, depois de traduzir, faz que sim com a cabeça.

Viktoria Amelina disse várias vezes, em entrevistas e em publicações nas redes sociais, que os artistas ucranianos, especialmente os escritores, vivem dentro de um *déjà vu* sombrio, sempre à espera de virem a pagar com a prisão — ou com a própria vida — o facto de não estarem dispostos a abandonar a resistência cultural. Já aconteceu. Ficou na história com o nome "renascimento executado", uma geração de romancistas, poetas, ensaístas, dramaturgos, que se estabeleceu, no final dos anos 20 do século passado, na cidade de Kharkiv, então capital da Ucrânia soviética, e durante um tempo exercitou de forma relativamente livre a sua arte, ao abrigo das políticas de "ucranização" de Lenine, que apoiava a produção cultural em ucraniano.

Mais tarde, Estaline, hostil a qual plano descentralizador que pudesse resultar na mínima autonomia cultural, comercial, educacional de qualquer república soviética, impôs a russificação em todo o território e ordenou a prisão ou a execução de centenas de artistas. Muitos residiam na Casa Slovo, ou Casa Palavra, um grande prédio na cidade de Kharkiv, que ainda lá está, com um placa a comemorar os que saíram dali para os *gulags* ou para Sandarmokh, um enorme campo de extermínio na Carélia (noroeste da Rússia). Segundo a Associação Slovo (escritores ucranianos no exílio na altura da URSS) em 1930, foram publicadas obras de 259 escritores ucranianos; depois de 1938, apenas 36. Pelo menos 192 dos 223 escritores "desaparecidos" foram deportados, enviados para *gulags* ou

A tipografia Factor Druk em Kharkiv, atingida por um míssil russo que destruiu 50 mil livros. Em baixo à esquerda, Dmytro Lazutkin, 46 anos, poeta e soldado
FOTOS GETTY IMAGES

executados; outros 16 desapareceram; e oito escritores suicidaram-se.

Entre eles estava Mykola Khvylovy, ensaísta e escritor que se matou dentro da Casa Slovo ao saber da notícia da prisão de outro grande escritor da altura, Mykhailo Yalovy e que ficou famoso pelas suas críticas incendiárias à literatura russa. Khvylovy considerava que os clássicos do século XIX estavam impregnados de "pessimismo passivo" e eram povoados por "pessoas supérfluas e contemplativas'", "sem qualquer responsabilidade", "caprichosos", "pessoas cinzentas", "parasitas", "sonhadores", afirmava ele, segundo a tese sobre a literatura ucraniana soviética de Olena Palko, da Universidade de Basileia.

No festival literário de Lutsk há por todo o lado herdeiros e herdeiras de Khvylovy. Não gritam "Morte ao dostoievskismo!", como ele por vezes fazia, mas mostram-se igualmente pouco impressionados. "É um panfleto sentimental sem grande interesse, uma telenovela mexicana. Se quisermos ler uma coisa boa, do mesmo género, temos 'Madame Bovary'", diz Olena Lysenko, diretora de comunicação da editora Vivat, sobre "Anna Karenina", de Leo Tolstoi.

Só a Vivat publicou 279 novos títulos em língua ucraniana no ano passado, contra 198 em 2021, o ano anterior à invasão, a maioria deles traduções de clássicos internacionais. "Tenho pena de, quando era mais nova, não me ter dedicado a autores ucranianos. Eu domino o russo, mas não quero falar nem quero ouvir a língua de uma nação que nos invadiu, a língua do inimigo", diz Lysenko, para quem esta completa reformulação do mercado, muito impulsionada uma efetiva proibição da importação de objetos culturais russos, sejam livros sejam peças de teatro, é o curso natural das coisas.

Já depois da invasão de 2022, Zelensky aprovou duas leis que, resumidamente, proíbem a importação de livros da Rússia, Bielorrússia e territórios ocupados.

As publicações em língua russa importadas de países terceiros podem ainda ser vendidas na Ucrânia, mas serão previamente analisadas para detetar qualquer conteúdo antiucraniano antes de serem autorizadas para distribuição. Bibliotecários de todo o país receberam ordens para retirar das prateleiras todos os livros que pudessem conter esses elementos ou exaltassem "feitos militares russos", o que vai desprateleirar boa parte do acervo de clássicos. O facto de Pushkin ter sido exilado pelo czar Alexandre I por ser considerado anti-imperialista, ou de Dostoievski ter sido enviado para a Sibéria pelas mesmas razões pode, ou não, pesar na decisão de um bibliotecário em remover as obras dos dois mestres.

afranca@expresso.impresa.pt

O Expresso viajou a convite do Frontera — Festival Literário Internacional de Lutsk

"Não identificamos Saramago com o comunismo"

Quando Inna Bilonozhko descobriu Saramago, leu tudo o que havia disponível em russo — e depois em inglês, para completar o catálogo. No processo de descoberta da obra do Nobel português reparou que não conseguia encontrar nada em ucraniano, a sua língua materna. Foi aprender português para conseguir traduzi-lo melhor, mas mesmo assim demorou sete anos para sentir que podia mostrar ao mundo a sua tradução de "Objeto Quase", o único livro de contos de Saramago. Falámos com a tradutora e consultora no Festival Literário Internacional de Lutsk, dedicado este ano à literatura de resistência e a escritores que viveram sob ditadura. Mas em Saramago não lê comunismo, antes humanismo. A.F.

LEIA A VERSÃO COMPLETA DESTE TEXTO EM **EXPRESSO.PT**

Ofensiva ucraniana na Rússia: quem vai fraquejar?

O território russo capturado tem pouco valor em si, então porque terão os ucranianos querido entrar em Kursk?

Se a incursão na região de Kursk se destinasse a elevar a motivação ucraniana, Zelensky poderia dar por bem-sucedida a sua missão: em duas semanas, as forças ucranianas capturaram mais território russo do que as tropas de Moscovo na Ucrânia desde o início do ano. Mas não é tudo. Desviar a mão de obra militar russa e aliviar a pressão nas partes mais quentes da linha da frente, no leste da Ucrânia, onde Moscovo avança constantemente, é ainda um objetivo crucial. Autoridades norte-americanas detetaram já sinais de que Moscovo transferiu forças do sul e do leste da Ucrânia para Kursk. No entanto, esses soldados terão sido deslocados do eixo sul e da região ocupada da Crimeia, o que não terá impacto na situação em Donetsk.

A iniciativa militar no território russo já está, apesar disso, a criar dificuldades ao adversário, com a sabotagem de alguns pontos cruciais para abastecer as tropas (os ataques contra as três principais pontes rodoviárias em Kursk deixam a Rússia com apenas uma infraestrutura nevrálgica para transferir as suas forças). "Se a Ucrânia ocupar o território russo, isto poderá ser uma alavanca para obrigar a Rússia a abandonar o território ucraniano, mas é demasiado cedo para saber se será eficaz", admite Christoph Bluth, professor de Relações Internacionais na Universidade de Bradford. As autoridades ucranianas também pretendem "destruir a confiança do povo russo em Putin para defender o território da Rússia, diminuindo o seu apoio interno", aponta, em declarações ao Expresso, William Alberque, diretor de Estratégia, Tecnologia e Controlo de Armas do Instituto Internacional de Estudos Estratégicos, em Berlim.

O Presidente ucraniano declarou que a ofensiva surpresa no oeste da Rússia mostra ao Ocidente que os receios sobre ataques ao território russo são infundados e devem ser abandonados. Com esse trunfo na manga, Zelensky defendeu que deve ser permitido pelos aliados o uso de armas de longo alcance fornecidas pelo Ocidente contra a Rússia.

A investigadora ucraniana Alina Nychyk, do European Politics Research Group, reconhece, em declarações ao Expresso, que este é um "passo ousado" da Ucrânia, mas que Zelensky conseguiu provar o seu argumento. "Vemos que nenhuma guerra nuclear se seguiu. As linhas vermelhas de Putin são muitas vezes apenas *bluff*. Esta incursão mostra a capacidade de Kiev para tomar decisões próprias — embora não saibamos ao certo se houve negociações secretas entre a Ucrânia e o Ocidente."

Onde ficam as linhas vermelhas?

É essa estratégia independente que deixa Kelly Grieco, do Reimagining US Grand Strategy Program do think tank Stimson Center, de sobreaviso. "Há uma diferença significativa entre o ataque da Ucrânia ao território russo e ataques autorizados e apoiados pelo Ocidente nas profundezas do solo russo." Putin ainda tem opções se quiser uma nova escalada, incluindo atacar linhas de abastecimento ocidentais para a Ucrânia, alerta a analista. Os interesses ucranianos e ocidentais não estão perfeitamente alinhados, especialmente em termos de aceitação de riscos, prossegue Grieco. "A NATO quer apoiar a Ucrânia, mas não à custa de um confronto militar mais amplo e direto com a Rússia. Não queremos Putin na iminência de carregar no botão nuclear."

"Tem lógica o uso do território como moeda de troca, mas só funcionará se a Ucrânia conseguir mantê-lo", afirma Kelly Grieco

Putin estabeleceu duas linhas vermelhas no início da guerra: nenhuma tropa da NATO na Ucrânia e nenhuma invasão da pátria russa. Kelly Grieco considera que a operação na Rússia é uma "aposta de alto risco" e que não aliviou a pressão sobre a Ucrânia na linha da frente. "Há uma lógica na utilização do território como moeda de troca, mas só funcionará se a Ucrânia conseguir mantê-lo. Há uma espécie de jogo: a Ucrânia tem restrições significativas de pessoal e de armas, mas optou por utilizar alguns recursos nesta incursão. As forças russas continuam a obter ganhos no Donbas, e os russos podem estar a apostar que a Ucrânia não terá outra escolha senão retirar-se." Da mesma forma, Kiev calcula que Putin vacilará primeiro. "Se a incursão de Kursk continuar e tiver um custo político interno, poderá começar a preocupar-se com a sua posição no poder. Nesse caso, Putin poderá transferir tropas do Donbas para Kursk, para fazer recuar os ucranianos, aliviando a frente do leste. Quem fraquejará primeiro? Essa é a questão."

CATARINA MALDONADO VASCONCELOS
cmvasconcelos@expresso.impresa.pt

PERFIL

TAILÂNDIA

Paetongtarn Shinawatra
Do McDonald's à chefia do Governo

A nova Shinawatra a liderar o Governo da Tailândia começou no McDonald's, mas acabou por seguir a herança da família

Paetongtarn Shinawatra estava num voo de regresso da China quando o Tribunal Constitucional da Tailândia removeu Srettha Thavisin do cargo de primeiro-ministro. Descreve que ficou triste quando, ao ligar o telemóvel, leu as notícias e se apercebeu da decisão — depois, pensou que estava "na altura de fazer alguma coisa pelo país e também pelo partido". Dois dias depois, foi nomeada para assumir a liderança do Governo. Destacada este ano pelo "Bangkok Post" como uma líder de mudança inspiradora, ocupa agora um cargo que lhe dá acesso a efetivar essa mudança. A poucos dias de fazer 38 anos, tornou-se a mais jovem primeira-ministra da história da Tailândia.

Com a saída de Srettha, coube ao Parlamento escolher o próximo líder de Governo. Ung-Ing, como é conhecida, também pertence ao Pheu Thai e já tinha sido uma das três candidaturas do partido à liderança de Governo nas eleições de 2023. Na altura, fez campanha a favor do alargamento da cobertura dos cuidados de saúde e duplicar o salário mínimo diário, noticiou a "Al-Jazeera".

Paetongtarn seguiu os passos da família: é filha de Thaksin Shinawatra, uma figura controversa que foi afastada da liderança do Governo em 2006 depois de um golpe militar e esteve em exílio autoimposto durante 15 anos. Durante este período, houve tempo para que a tia de Paetongtarn, Yingluck Shinawatra, também ocupasse o cargo e fosse deposta num outro golpe militar.

O histórico familiar não leva Paetongtarn a rejeitar trabalhar com partidos associados a golpes de Estado. "Quando saio de Banguecoque conheço muitas pessoas que estão a sofrer. (...) É-lhes difícil ter dinheiro para sobreviver a cada dia. Não posso ser egoísta ao ponto de pôr a minha história, a minha experiência ou o meu pai em primeiro lugar. O país não precisa de lidar com isso", disse em 2023 numa entrevista ao "Today".

A experiência política de Paetongtarn Shinawatra é recente — apesar de ter chegado às notícias quando começou um **part-time** no McDonald's aos 17 anos. O pai, que era então primeiro-ministro, apareceu para comprar hambúrgueres e falar sobre os valores de trabalho que lhe queria transmitir: "Só quero que tenha a experiência e aprenda sobre a vida."

Formada na Faculdade de Ciências Políticas da Universidade de Chulalongkorn, em Banguecoque, seguiu depois para o Reino Unido onde completou um mestrado em gestão hoteleira internacional. Mas em 2022 assumiu a direção do comité da inclusão e inovação do partido Pheu Thai. "Não pedi qualquer cargo, esperava poder fazer algo que gerasse mudança", disse anteriormente. Ao falar depois de ter sido eleita primeira-ministra, reconheceu que tinha "as mãos a tremer". De acordo com a BBC, disse também não ser "nem a melhor, nem a mais talentosa na sala" mas destacou a experiência da equipa.

O programa político oficial foi remetido para setembro, mas a página do Governo já foi atualizada e elenca a continuidade das políticas económicas, políticas de combate à droga, sistema de saúde universal e *soft power*.

SALOMÉ FERNANDES
sfernandes@expresso.impresa.pt

MÉDIO ORIENTE

Pressão total para um cessar-fogo. Em Gaza não há esperança

EUA pedem **"urgência" num acordo**, mas há uma exigência de Israel que o Hamas não aceita

MARGARIDA MOTA

Desespero após um bombardeamento israelita a um hospital, em Deir al-Bael-Balah FOTO EYAD BABA/AFP/ GETTY IMAGES

Em dez meses de guerra, Ahmed Salama, a mulher e os dois filhos já 'mudaram de casa' umas quantas vezes. Viviam num apartamento na cidade de Gaza (norte) quando a guerra começou. Em fuga aos bombardeamentos, deslocaram-se para leste, depois foram para casa de familiares, na zona de Al-Nusayrat (centro) e, por fim, seguiram para Rafah (sul), onde ficaram a viver numa tenda.

Esta semana, quando o Expresso contactou Ahmed, a família estava em Deir al-Balah (centro), abrigada numa associação para a qual este fotógrafo de 30 anos já trabalhou. "Ainda estamos bem", disse. As Forças de Defesa de Israel (FDI) acabavam de emitir uma ordem de evacuação para uma parte de Deir al-Balah. "É perto da zona onde estamos", acrescentou, admitindo que podem ser obrigados a fazer-se à estrada novamente. Nesta errância Ahmed leva também dois irmãos, os pais e uma grande inquietação de Emad, o filho mais velho, de cinco anos. "Ele está sempre a perguntar-me: 'Quando é que eles vêm matar-me?'"

A guerra continua intensa e, para quem vive em Gaza, é difícil acreditar na iminência de um cessar-fogo. "Não estou certo de que vá acontecer", diz Ahmed. "Netanyahu não precisa dele." Há cerca de uma semana, arrancaram em Doha, no Catar, negociações com vista à obtenção de uma trégua. A etapa prevista para esta semana, no Cairo, foi adiada "até novo aviso"

Proposta em três fases

Na quarta-feira, já com o secretário de Estado norte-americano, Antony Blinken, de regresso a Washington — após o nono périplo pelo Médio Oriente desde 7 de outubro —, Joe Biden telefonou a Benjamin Netanyahu e pediu ao primeiro-ministro de Israel flexibilidade e "urgência". Kamala Harris participou na chamada.

Em cima da mesa, está um plano apresentado por Biden, a 31 de maio, e aprovado pelo Conselho de Segurança da ONU dez dias depois (Resolução 2735), com 14 votos a favor e a abstenção da Rússia.

O Presidente dos EUA disse então que a proposta resulta de um trabalho diplomático focado "não apenas num cessar-fogo, que seria inevitavelmente frágil e temporário, mas num fim duradouro da guerra". O plano prevê "um cessar-fogo imediato, total e completo com a libertação de reféns" (fase 1), "a retirada total das forças israelitas de Gaza" (fase 2) e "um grande plano plurianual de reconstrução" (fase 3).

Ahmed carrega uma pergunta repetida do seu filho de cinco anos: "Quando é que eles vêm matar-me?"

"É muito importante que os negociadores que trabalham nos detalhes tenham a máxima flexibilidade, tanto os do Governo israelita como da liderança do Hamas", disse Blinken, na quarta-feira. "Estas coisas por vezes demoram mais tempo do que gostaríamos."

Palestina na campanha

Com os EUA em contagem decrescente para as eleições presidenciais, a questão da Palestina irrompeu na campanha. Esta semana, protestos pró-palestinianos acompanharam a convenção democrata, no exterior do United Center de Chicago (ver texto pág. 6). Lá dentro, o senador Bernie Sanders fez eco dessas preocupações: "Devemos acabar com esta guerra horrível em Gaza. Trazer os reféns para casa e exigir um cessar-fogo imediato."

O principal obstáculo a um acordo parece ser a exigência israelita da manutenção de tropas nos corredores de Philadelphi — na fronteira com o Egito — para impedir o contrabando de armas e de Netzarim — que atravessa Gaza —, para aí montar postos de controlo de forma a inspecionar os palestinianos de regresso ao norte do território e detetar militantes do Hamas.

Ahmed diz que "o Hamas perdeu a maioria da força militar". Porém, "é um movimento ideológico, pode reformar-se e restaurar as suas forças rapidamente". Acrescenta que a popularidade do grupo "colapsou. O objetivo das FDI é pressionar os civis através do sofrimento e da morte para odiarem o Hamas, e assim acabam com ele."

Com o Hamas fortemente debilitado e pressionado a aceitar um acordo, as despesas de atacar Israel parecem entregues ao libanês Hezbollah, que se movimenta do outro lado da fronteira norte de Israel. Na quarta-feira, este *proxy* do Irão disparou mais de 50 *rockets* contra Israel. No mesmo dia, o porta-aviões "USS Abraham Lincoln" chegou à região, onde já está o "USS Theodore Roosevelt". Os receios de um conflito regional são reais, sobretudo após a morte do líder do Hamas, Ismail Haniyeh, a 31 de julho, num atentado que os *ayatollahs* atribuem a Israel.

"O tempo está do nosso lado e é possível que o período de espera pela resposta demore muito tempo", disse, na terça-feira, o porta-voz dos Guardas da Revolução, Ali Mohammad Naeini. "É possível que a resposta do Irão não seja uma repetição de operações anteriores."

Na semana passada, o *site* israelita Ynet noticiou que o Governo de Telavive foi avisado por responsáveis da área da segurança que, em vez de mísseis e drones, a paga do Irão poderá passar por uma tentativa de assassínio de altas figuras do Estado, como ministros, deputados, militares ou espiões.

mmota@expresso.impresa.pt

Seis semanas depois, pelo que espera Macron?

Presidente quer "decantar" hipóteses de coligação. **Só agora começa a ouvir os partidos**

MARA TRIBUNA

Passou um mês e meio desde a segunda volta das eleições legislativas francesas, convocadas antecipadamente por Emmanuel Macron face ao avanço da extrema-direita nas europeias. A "trégua olímpica" declarada de forma unilateral pelo Presidente já terminou a 11 de agosto, as férias de verão também estão a acabar, mas o impasse político mantém-se — e Macron está cada vez mais debaixo de fogo para nomear um novo primeiro-ministro antes da abertura dos Jogos Paralímpicos, a 28 de agosto.

Esta sexta-feira, dia 23, começam as negociações entre o Presidente e os líderes partidários. "A nomeação de um primeiro-ministro será o resultado destas consultas e das suas conclusões", fez saber o Palácio do Eliseu em comunicado, sem adiantar uma data concreta para o tão esperado anúncio de Macron. O chefe de Estado francês não parece estar mesmo com pressa: "Temos de fazer as coisas pela ordem certa, e isso significa um tempo de decantação antes do tempo de coligação", disse em privado, em declarações citadas pelo "Le Monde".

Já a esquerda está a ficar mais impaciente a cada dia que passa. O partido França Insubmissa de Jean-Luc Mélenchon, que integra a coligação de esquerda vencedora Nova Frente Popular (NFP), acusou Emmanuel Macron de um "golpe institucional" e ameaçou recorrer ao artigo 68 da Constituição francesa para o destituir. "É evidente que a recusa em reconhecer as eleições legislativas e a decisão de as ignorar é uma falha repreensível dos requisitos necessários de um mandato presidencial", condenou o partido de esquerda radical num texto publicado, no domingo, no jornal "La Tribune du Dimanche".

No entanto, a socialista Lucie Castets — o nome indicado pela NFP para primeira-ministra — veio acalmar os ânimos e descartar essa hipótese, o que se por um lado mostra moderação, por outro reflete alguma desunião dentro da esquerda coligada. "O meu objetivo não é a destituição, é a coabitação. Existe uma emergência social e democrática no país atualmente", afirmou a candidata de 37 anos, até então um nome relativamente desconhecido dos franceses.

Constituição francesa não especifica prazo para o Presidente da República nomear o primeiro-ministro

Escolha de primeiro-ministro não é óbvia

Apesar de Castets ser, oficialmente, a única candidata na corrida, não parece ser a opção favorita de Macron. O nome da economista foi avançado há um mês, porém o Presidente não se mostrou particularmente favorável a nomeá-la. "A questão não é um nome. A questão é saber que maioria pode surgir na Assembleia Nacional", declarou então, ainda pouco convencido de que uma solução à esquerda possa funcionar.

Embora Emmanuel Macron prefira ideologicamente escolher alguém do próprio campo político, a NFP não admite que o próximo primeiro-ministro não venha das suas fileiras — afinal, a coligação foi a vencedora legítima ao eleger 193 deputados a 7 de julho, ainda que longe da maioria absoluta de 289 lugares.

O partido do Presidente francês, Renascimento, pertence à coligação de centro-direita Juntos Pela República que ficou em segundo lugar nas eleições, garantindo 166 deputados. Se porventura estas duas coligações se unissem, já superavam a maioria absoluta (359). E Macron está inclinado para uma solução que inclua o seu espectro político: o povo francês "exprimiu um desejo de mudança e de unidade alargada" e é preciso "continuar a avançar no sentido da constituição da maioria mais ampla e mais estável possível ao serviço do país", avançou, citado pelo Palácio do Eliseu.

mtribuna@expresso.impresa.pt

Macron declarou uma "trégua olímpica" entre 26 de julho e 11 de agosto
FOTO LUDOVIC MARIN/ /AFP/GETTY IMAGES

Vela Começou quinta-feira, dia 22, em Barcelona, a 37ª edição da mais antiga competição desportiva internacional do mundo

A regata em que ganha o barco que melhor voar

Textos **João Pedro Henriques**
Infografia **Jaime Figueiredo**

Um escândalo, uma heresia, um ultraje. Para os tradicionalistas da vela, a Taça América, a mais antiga competição desportiva internacional do planeta, era o Santo Graal da modalidade: ali se juntavam os melhores dos melhores, desde os construtores aos velejadores. E tudo bancado por multimilionários com queda para *hobbies* caros. Mas agora, no que toca aos barcos e aos respetivos tripulantes, tudo mudou. Prossegue, imparável, a revolução iniciada pelos neozelandeses em 2013, na baía de São Francisco (EUA).

É verdade que continuam a ser necessárias quantidades inacreditáveis de dinheiro. Além disso, a Mãe Natureza continua a mandar (sem vento é impossível velejar); e, por mais sofisticados que sejam os veleiros, ainda nenhum consegue navegar diretamente contra o vento.

Mantém-se, por outro lado, a regra fundadora: a equipa que vence é automaticamente finalista na edição seguinte. É também quem define o tipo de barco e quem escolhe o palco das regatas. Desde 2017 que esse papel foi conquistado pela Emirates Team New Zealand (ETNZ) — que agora escolheu Barcelona. Cinco equipas disputam, desde esta quinta-feira, dia 22, um lugar na final da 37ª edição da Taça América. Todas as regatas serão, como sempre, em formato *match racing* (um contra um). Mas tudo o resto mudou. Será indispensável, por exemplo, saber-se de vela para competir na Taça?

Convém, talvez, ter umas luzes — mas não é, de todo, prioritário. Veja-se o neozelandês Marius Van Del Pol, 33 anos. O seu caso é só um dos muitos sem qualquer ligação à modalidade. Durante anos foi militar nas forças especiais. E praticava remo — sagrando-se recordista nacional de velocidade em 2018. Nessa altura soube que a ETNZ estava a selecionar *grinders*" (os marinheiros mais musculados a bordo, que antigamente tinham tarefas como içar e arrear as velas). Concorreu e foi aceite. Assumindo agora uma posição que enfurece os tradicionalistas.

Marius será *cyclor* do ETNZ. Traduzindo: ciclista. A sua missão a bordo é pedalar como um doido para fornecer energia aos mecanismos hidráulicos que ajustam as velas e rodam o mastro. Cada barco terá quatro *cyclors* a bordo — num total de oito tripulantes. Dito de outra forma: os velejadores só serão metade das equipas. Mais do que aprender a velejar, a principal ocupação de Marius tem sido, isso sim, trabalhar a musculação, para transferir a força dos braços para as pernas. Quando estiver em competição nem para o mar poderá olhar. Os ciclistas têm de manter a cabeça baixa para não perturbarem a aerodinâmica.

Os *cyclors* foram inventados pelos neozelandeses para a edição de 2017, nas Bermudas. Quando todas as equipas tinham *grinders* que geravam energia rodando manivelas com os braços, a ETNZ saiu-se com um ovo de Colombo: pôs os *grinders* a fazer isso com as pernas. Criavam assim mais energia em muito menos tempo e isso fez com o que o seu barco ficasse bastante mais leve no armazenamento de energia. Escondendo a inovação até ao último momento, os neozelandeses foram os únicos nas Bermudas a ter ciclistas. Na final, bateram os americanos — na altura detentores da taça — por 7-1. E com essa vitória vingaram-se da humilhação que tinham sofrido quatro anos antes, em São Francisco.

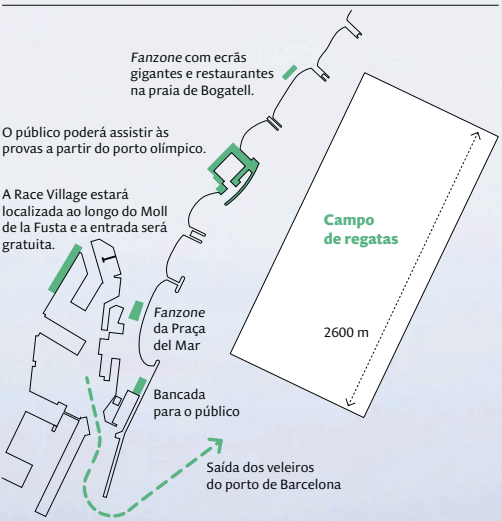
O ano de 2013 definiu para a vela um antes e um depois. E a culpa, mais uma vez, foi da Nova Zelândia. Os *kiwis* decidiram apresentar o seu catamarã com os patilhões (*foils*) desenhados em L. Debaixo de água, os *foils* têm o efeito que os *flaps* têm nos aviões: fazem-nos levantar. Assim, com o casco totalmente içado para fora de água, o atrito praticamente desaparece. Os veleiros passaram a planar sobre as águas e as velocidades aumentaram brutalmente (chegar aos 80 km/h é corriqueiro). A inovação espantou — mas a equipa cometeu um erro grave.

O erro foi terem revelado o seu trunfo demasiado cedo, permitindo-se serem imitados. A final, à melhor de nove, foi dramática. A ETNZ chegou a estar à frente do Oracle Team USA por 8-1. Mas depois os americanos — com recurso à engenharia aeronáutica — melhoraram os seus *foils*, conseguindo passar a planar também à bolina. Iniciaram então uma incrível recuperação, que os levou à vitória, por 9-8. Ganhou o barco que melhor voou.

Ainda hoje os *kiwis* se estão a vingar. Em 2017 introduziram os *cyclors* e venceram. E em 2021 voltaram a inovar (e a vencer) acabando com os multicascos e definindo como barco da prova um monocasco de 23 metros onde o patilhão central foi substituído por dois *foils* laterais, o AC75. É uma versão evoluída desse barco que agora volta à competição. A eletrónica tomou conta de tudo: as velas e os *foils* são movidas por comandos do tipo *joystick*. Acabou-se, na Taça América, o tempo em que os marinheiros passavam o tempo a correr de um lado para o outro do barco: agora cada um tem o seu lugar no *cockpit* e dali só sai em caso de emergência.

O *foiling* mudou tudo na vela. De todas as modalidades olímpicas, foi, de longe, a que mais evoluiu nos últimos anos. Ascendeu à condição de Fórmula 1 náutica movida a vento. E foi na Taça América que tudo começou.

jphenriques@expresso.impresa.pt

TUDO A POSTOS EM BARCELONA

CALENDÁRIO DAS PROVAS

22 a 25 de agosto
Regatas preliminares. Participam as seis equipas.

29 de agosto a 8 de setembro
Competição Round Robins da Louis Vuitton Cup (encontros duplos entre todas as equipas)

14 a 19 de setembro
Semifinais da Louis Vuitton Cup

17 a 26 de setembro
UniCredit Youth America's Cup (prova de jovens entre 18 e 25 anos)

26 de setembro a 7 de outubro
Final da Louis Vuitton Cup (que seleciona o *challenger* final)

3 a 5 de outubro
Puig Women's America's Cup (tripulações femininas)

12 a 27 de outubro
Final do *match racing*, à melhor de 7

173 anos de história

1851
A escuna "América", do New York Yacht Club, ganha a regata na ilha de Wight, batendo em casa os ingleses que os tinham desafiado. O nome do barco vencedor batiza a prova.

1983
O inovador veleiro "Australia II", com uma quilha-asa, comandado por Jonh Bertrand, vence a Taça América, que assim, pela primeira vez em 132 anos, deixa os EUA.

1995
Pela segunda vez, o troféu sai dos EUA. Depois dos australianos, é agora a vez de os neozelandeses, capitaneados pelo implacável Russel Couts, vencerem.

2013
O ano da revolução. Os neozelandeses apresentam os *foils* (patilhões em forma de L). A velocidade duplica. Mas quem vence é a Oracle (EUA), numa incrível recuperação (de 1-8 para 9-8).

2021
Os neozelandeses recusam-se a continuar a usar catamarãs e propõem um monocasco voador revolucionário, o AC75, prodígio da engenharia e da tecnologia que ultrapassa os 50 nós.

€275.000.000

As fortunas que se gastam na Taça América são o seu grande segredo. Mas sabe-se que, em 2013, o multimilionário americano Larry Ellison, dono da Oracle, gastou 300 milhões de dólares (€275 milhões) na vitória da sua equipa

O braço do *foil* tem 4,5 metros e pesa duas toneladas

As equipas concorrentes: cinco contra um

Emirates Team New Zealand, Nova Zelândia (Defensores)

Desde a edição de 2017, nas Bermudas, que a equipa *kiwi* se mostra imbatível. Nesse ano, venceu a Oracle (EUA) por 7-1 e na edição seguinte, em 2021, na Nova Zelândia, voltou a ganhar, desta vez aos italianos da Luna Rossa Prada Pirelli (7-3). O *skipper*, em ambas as ocasiões, foi Peter Burling, 33 anos, atleta olímpico medalhado (uma de ouro e duas de prata) que volta a ter essa função. O CEO é o veteraníssimo Grant Dalton, um velho lobo-do-mar convertido em gestor implacável: devido às contrapartidas financeiras, Dalton não hesitou em retirar a prova do seu próprio país, onde poderia voltar a acontecer, levando-a para Barcelona.

INEOS Britannia, Reino Unido

Aos 47 anos, sir Ben Ainslie — uma lenda viva da vela olímpica, com quatro medalhas de ouro e uma de prata — é o mais velho dos seis *skippers* em competição. O financiador é o multimilionário britânico Jim Ratcliffe, patrão da INEOS (sector químico e energético, a maior empresa privada britânica).

Red Bull Racing, Suíça

Também a equipa suíça representa, no essencial, um divertimento para um multimilionário amante da vela. No caso, Ernesto Bertarelli, 58 anos, italiano naturalizado suíço que fez crescer um antigo negócio familiar de farmacêutica, exponencialmente, para o sector da biotecnologia. A equipa apareceu na Taça América em 2003 e venceu logo. Regressa de uma ausência de dez anos com uma equipa muito jovem liderada pelo suíço Arnaud Psarofaghis, de 35 anos.

Luna Rossa Prada Pirelli, Itália

Mais um passatempo de um multimilionário, o italiano Patrizio Bertelli, de 78 anos. Casando com Miuccia Prada, Bertelli transformou a marca de que a mulher era herdeira num negócio de produtos de luxo hiper-rentável. A equipa já participou em cinco edições e nunca venceu. Introduziu, em 2021, uma inovação agora generalizada: dois timoneiros fixos (um de cada lado do barco). Voltarão a ser o italiano Francesco Bruni e o australiano Jimmy Spithill.

American Magic New York Yacht Club, EUA

Não há instituição com mais tradições na Taça América. O "New York Yacht Club" (NYYC) foi desafiado, em 1851, pelo britânico "Royal Yacht Squadron" para uma regata à volta da ilha de Wight e, apresentando a escuna "América", venceu (daí a prova chamar-se "Taça América"). Depois, os barcos e equipas do NYYC ganharam as 24 edições seguintes da competição. O domínio terminou em 1983, com a vitória do Australia II (ver cronologia). O NYYC retirou-se então da prova e só voltou na edição de 2021, com o "American Magic", tendo o neozelandês Dean Barker como homem do leme. A experiência acabou muito mal, com o barco a voltar-se numa das regatas. Abriu-se um rombo no casco e esteve a pontos de afundar — só não aconteceu devido ao esforço conjunto de membros de todas as equipas. Barker deixou a equipa e foi substituído pelo britânico Paul Goodison e pelo australiano Tom Slingsby (ambos campeões olímpicos). Liderando uma equipa australiana, Slingsby venceu três das quatro edições do SailGP (uma competição que está para a vela como a F1 para o automobilismo).

Orient Express Racing Team, França

A vela é uma modalidade com milhares de adeptos em França e o envolvimento do país na Taça América já vem de 1970. O sucesso parece, porém, residir sobretudo na vela oceânica. Pelo menos três edições da Ocean Race (regata de volta ao mundo) foram vencidas por *skippers* gauleses. O país, além do mais, inventou a mais insana das competições oceânicas, a Vendée Globe (regata solitária de volta ao mundo sem paragens nem assistência). A "Orient Express Racing Team" foi a última equipa a apresentar-se, com um barco construído por neozelandeses. O *skipper*, Quentin Delapierre, 32 anos, tem mostrado no Sail GP que é um velejador aguerrido, mas inconstante.

o Inimigo Público

Se não aconteceu, podia ter acontecido

Nº 138 SÉRIE II
DIRETOR: LUÍS PEDRO NUNES

PERGUNTA DO REFERENDO À IMIGRAÇÃO PROPOSTO PELO CHEGA É: 'CONCORDA EM SER ASSASSINADO POR UM IMIGRANTE?'

O Chega vai propor em setembro a realização de um referendo à imigração, tendo a pergunta imparcial e equilibrada sido estudada por vários meses, discutida e burilada, terminando na sua última versão: "Concorda que você e toda a sua família, incluindo os animais de estimação, seja torturada e assassinada por um imigrante ilegal que veio para Portugal para lhe roubar o emprego e entretanto atropelou a sua avó numa passadeira ao volante de um TVDE e entregou-lhe comida sem lavar as mãos depois de urinar em plena Avenida Almirante Reis?". O Chega também decidiu propor um novo referendo à regionalização, com a pergunta "Concorda que todos os ciganos, negros, indianos e brasileiros que vivem em Portugal voltem para a região de onde vieram?". V.E.

Portugueses trabalham meio ano só para pagar impostos e os restantes meses para pagar multas por excesso de velocidade a caminho do trabalho

Um estudo do Instituto Económico Molinari, em colaboração com o Instituto Financeiro Moulinex, concluiu que os portugueses trabalham 163 dias apenas para conseguirem pagar os impostos, labutando os restantes dias do ano para pagar o combustível dos automóveis que usam para se deslocarem ao trabalho, as multas por tentarem chegar a tempo às reuniões inúteis que podiam ser substituídas por um *e-mail* ou mesmo por uma mensagem de pager, bem como para pagar o parquímetro, porque não têm direito a lugar de estacionamento na cave da empresa (ao contrário do CEO que marca as reuniões inúteis e os convidados para as mesmas). O estudo revela ainda que os funcionários do Fisco trabalham 365 dias do ano, horas extraordinárias, fins de semana, feriados e funerais da avó só para cobrarem impostos aos seus compatriotas. V.E.

Oposição e governo viram a página de meses e meses a discutir o Orçamento e reentram a discutir o Orçamento

É uma lufada de ar fresco político: os partidos e o governo passaram metade do ano a discutir o Orçamento de 2025, foram de férias falar do Orçamento de 2025 para a frente das travessas de percebes, passaram protetor solar no nariz a fazer contas de cabeça ao Orçamento de 2025 e agora regressam ao trabalho abertos a novos temas e desafios, com o Orçamento de 2025. O ambiente de ultimatos e ameaças de decapitações, relativos ao Orçamento de 2025, ficou para trás e os partidos prometem uma *rentrée* bem diferente, com gritaria, degolas e ataques com os dragões de parte a parte a incinerar tudo que apanham pelo caminho, incluindo o Orçamento de 2025. M.B.

Trump debate com Harris em setembro e com Ana Gomes em outubro

Kamala Harris foi aconselhada a recorrer à linguagem corporal de Alexandra Leitão no "Princípio da Incerteza" e a apresentar o vice Tim Walz como "o Macário Correia americano", de modo a conquistar o eleitorado tuga-descendente, a casa do Benfica de Newark e Daniela Ruah. Trump e Harris têm debate marcado para o mês que vem e depois o homem cor de laranja aterra em Tires para vir debater com Ana Gomes na SIC Notícias e com Luís Freitas Lobo na Sport TV. M.B.

GRANDES TEMAS DO OUTONO POLÍTICO

Orçamento – Deverá passar graças à abstenção do PS, ao quero lá saber da IL e ao 'agarrem-me ou eu aprovo isto' da extrema-direita.

Eleições nos E.U.A. – As sondagens ainda podem mudar, mas a balança deve pender para Harris se Pedro Nuno Santos for ao Ohio dar-lhe uma forcinha.

Guerra – Ucrânia, Palestina, Irão, Iniciativa Liberal, banco do Benfica, Cristina Ferreira e José Eduardo Moniz: o relógio do apocalipse está a segundos da meia-noite.

Bola – Há um novo clima de paz e desportivismo entre os três grandes e até na zona prisional da PJ do Porto reina a pacatez entre Macaco e os outros detidos.

Justiça – Lucília Gago deixa o cargo e o plano de celebrações decorre, no mínimo, até ao *réveillon*. Aparece! M.B.

INE inclui bola de Berlim da praia no cabaz do índice de preços no consumidor

A bola de Berlim da praia vai passar a fazer parte do índice de preços no consumidor com que o Instituto Nacional de Estatística (INE) calcula a taxa de inflação. O objetivo é passar a ter uma informação mais fidedigna sobre o comportamento dos preços nos meses de verão. Foram já recrutados 250 jovens para recolher dados cuja função é acompanhar os vendedores de bolas de Berlim e registar todas as transações. A informação estatística inclui preço, recheio, temperatura, indumentária do vendedor e até o pregão que usou. Para se identificarem, devem sempre seguir atrás do vendedor a gritar "olhó inquérito do INE quentinho". A.P.

Logótipo da República rejeitado pela AD foi atirado para a vala comum do cemitério

Uma investigação jornalística com o selo de qualidade IP descobriu que o ministro Leitão Amaro mandou soterrar o famoso logótipo da República, de Eduardo Aires, numa vala comum do cemitério do Alto de São João, em Lisboa, e transferir os coveiros envolvidos na operação para cemitérios dos Açores e do Nepal. O Governo queria que o logótipo desaparecesse sem deixar rasto e a primeira ideia até era incinerá-lo ou pô-lo num sítio onde nunca mais dessem por ele, como no altar do Papa. M.B.

Bill Clinton saúda que a convenção do Partido Democrata decorra em Chicago, cidade da máfia que inventou os casinos com coristas

A convenção do Partido Democrata norte-americano decorreu em Chicago, para gáudio de Bill Clinton, que sempre agradeceu a habitantes locais como Al Capone a criação de casinos com coristas e de bares de striptease, lembrando ainda que Chicago sempre foi uma cidade multicultural que acolheu várias minorias, como a judia, na qual nasceu Monica Lewinsky. Já o ainda presidente Joe Biden saudou a escolha de Chicago que, quando ele nasceu, ainda se chamava "shikaakwa" e pertencia aos índios Illinois. Donald Trump, por seu turno, defendeu que o congresso dos democratas deveria ter sido em Nairobi (onde nasceu Barack Obama), em Brazzaville (onde nasceu Kamala Harris) ou na África do Sul (onde, há 100 mil anos, nasceu Joe Biden, o "elo perdido" entre os pitecantropos e os primeiros *homo sapiens*). V.E.

EFEMÉRIDES
O QUE FOI A OPERAÇÃO MARQUÊS?

- Foi uma operação judicial que começou com estrondo e morreu sem ninguém saber num rodapé do Now.
- Os crimes foram prescrevendo uns atrás dos outros até só sobrar uma multa de estacionamento em segunda fila, de José Sócrates, num dia em que foi buscar fotocópias ao Carlos.
- A quantidade avassaladora de papel que produziu, sozinha, é apontada como responsável por 40% da desmatação mundial e a subida de meio grau na temperatura da Terra.
- Os recursos interpostos por Sócrates, dispostos em folhas A4 seguidas, davam para unir a antiga sede do BES à estância de ski onde o ex-PM ia fazer entorses.
- Durante muitos anos, o ponto 2 da convocatória da reunião de condomínio, do famoso apartamento do Carlos (LOL) em Paris, era sempre "Ponto de situação da Operação Marquês".
- Na Ericeira, é comum ouvir dizer, ainda hoje e tantos anos passados, que a Operação Marquês "pá, foi uma canalhice, pá". M.B.

Imposto sobre os super-ricos renderia 3600 milhões de euros que o Estado usaria para resgatar os bancos que são propriedade dos super-ricos

Um estudo internacional concluiu que, caso Portugal praticasse um imposto sobre os super-ricos, o Estado ganharia um bónus de 3600 milhões de euros anuais que poderiam ser usados a resgatar um terço ou mesmo uma metade de um banco, enquanto o super-rico que o detinha apanhasse o primeiro avião para o Brasil ou a Suíça. O estudo salienta ainda que os 3600 milhões de euros suplementares poderiam ser usados pelo Estado para pagar os salários dos magistrados públicos que investigam os super-ricos durante anos e anos e as indemnizações devidas aos super-ricos quando os crimes prescrevem e as investigações do Ministério Público acabam em águas de bacalhau. De referir que já António Costa defendeu um imposto sobre os super-ricos, ou seja, nos tempos da geringonça, os portugueses que auferiam entre 700 a 1200 euros por mês. V.E.

Reduzir carga combustível na justiça: cabras sapadoras vão comer processos acumulados

Vem aí, em setembro, a grande reforma da justiça. Para além dos milhões de crimes de colarinho branco que vão prescrever e deixar os tribunais às moscas, a ministra da Justiça pediu emprestado um rebanho de cabras sapadoras à colega da Administração Interna para comer os processos que andam a pastar há anos e anos à espera de que alguém se esqueça deles. "Reduzimos a carga combustível processual e o estrume será posteriormente utilizado para adubar canteiros nas sociedades de advogados", gaba-se Rita Júdice. M.B.

CONTEÚDO PATROCINADO

OPINIÃO

Por Luís Montenegro

O NOVO CURSO DE MEDICINA DE TRÁS-OS-MONTES VAI FICAR EM VILAR DE PERDIZES COM AULAS DO PADRE FONTES

Portugueses e portuguesas, a cujos avós acabei de untar as mãos para vos oferecerem mais um lenço de assoar e uma esferográfica Parker no Natal, estou deveras preocupado com o setor da Saúde, pelo que anunciei a criação de dois novos cursos de Medicina, em Évora e em Trás-os-Montes, sendo este último na localidade de Vilar de Perdizes, onde vários clínicos, especialistas em Medicina Tradicional, liderados pelo padre Fontes (o novo vice-CEO do SNS) estão já a receber pacientes de todo o país, cujas maleitas são diagnosticadas através das leituras das entranhas que vêm dentro de saquinhos de plástico dentro dos frangos do campo e tratadas com uma poção borbulhante, cozinhada à lareira, com asas de morcego, carapaças de pangolim e raspadinhas de reformadas rasuradas com moedas de 5 escudos. Já em Évora as aulas vão ser proferidas por uma pitonisa do Templo de Diana, que passará a ser dedicado a Hígia, a deusa da saúde, permanecendo o templo sem teto para facilitar a aterragem dos helicópteros do INEM, enquanto no Baixo Alentejo os veterinários da Ovibeja passarão a atender todos os portugueses não-binários que se identifiquem como ovelhas churras, cabras serpentinas ou vacas charolesas. O meu plano, que já mereceu o respaldo e apoio do presidente Marcelo Rebelo de Sousa, é criar tantos cursos de Medicina que todos os portugueses passem a ter um diploma de médico e assim não precisem de se deslocar às Urgências quando estão doentes, que é a única maneira de manter o SNS a funcionar. E garanto que todos os membros do meu Governo estão igualmente compenetrados neste assunto, como a Margarida Balseiro Lopes que, nas suas próprias palavras, "tudo fará para que as pessoas que menstruam e momentaneamente deixaram de menstruar possam dar à luz, em maternidades públicas, pessoinhas que ainda não falam nem andam". E agora despeço-me porque tenho de falar com o Nuno Melo para a empresa de munições, que ele quer criar, esquecer as baionetas e passar a fabricar bisturis. V.E.

Ministério da Saúde introduz aulas de ioga nos hospitais para assegurar concentração das urgências

O Ministério da Saúde vai introduzir aulas de ioga nos hospitais do Serviço Nacional de Saúde para garantir a concentração das urgências. É uma das medidas do CEO do SNS para resolver os problemas dos hospitais. As aulas serão dadas ao início de cada turno e são de frequência obrigatória para todos os elementos das equipas de urgência. A ideia foi bem recebida nos hospitais, mas, até agora, não houve ainda qualquer aula por falta de docentes. O Governo abriu um concurso para colocar 100 professores de ioga mas ficaram todos vazios porque estão todos a trabalhar no setor privado. A.P.

Expressão "amor e uma cabana" cai em desuso porque pode haver amor, mas é impossível arrendar uma cabana

O *think tank* IP de linguística, *feng shui* & batata com dupla fritura estudou o assunto e concluiu que a expressão "amor e uma cabana" tem os dias contados em Lisboa e Porto. "A cabana não é para todas as bolsas. Mas, mesmo quando há amor, a cabana é cara como o raio que a parta e já foi comprada por um oligarca russo ou arrendada por Nicole Kidman ou Jorge Jesus", explica a coordenadora do nosso grupo de estudos, cargo que até agora exercia em segredo, Michelle Obama. M.B.

Regresso às aulas: hipermercados oferecem um professor na compra de material escolar

Os petizes andam desarvorados a comprar esferográficas, borrachas e cadernos pautados da Bluey, mas havia a dúvida se não teriam de esperar por um professor (até maio) quando chegarem à escola (em setembro). Tudo resolvido: na compra de um dado valor em material, os hipermercados estão a oferecer o professor e até a auxiliar inconveniente que ensina aos miúdos expressões bem coloridas que eles só tinham ouvido aos pais durante as substituições de Roberto Martínez no Europeu de futebol. M.B.

NÃO BATES PALMAS AO PÔR DO SOL?

ACHO UM ESPETÁCULO UM NADINHA REPETITIVO.

SAGRES

Coreia do Norte vai reabrir ao turismo internacional transformando algumas das centenas de milhares de prisões em Alojamento Local

A Coreia do Norte decidiu diversificar a origem das receitas do país, baseada nos sacos de trinca de arroz atirados pela Rússia de avião, investindo no turismo, tendo Kim Jong-un decidido converter algumas centenas de prisões em alojamentos locais, vários dos milhares de campos de concentração em hotéis e retirar as piranhas dos tanques para onde costuma atirar os tios generais caídos em desgraça para servirem de piscinas. Paulo Raimundo já foi ao Booking marcar uma semana de férias em Pyongyang, com tudo incluído, ou seja, tanto o pão, como a água. V.E.

TUDO O QUE SEMPRE QUIS SABER SOBRE A RENTRÉE

BILHETE

ENTRADA GRATUITA

(E NUNCA TEVE CORAGEM DE PERGUNTAR À FONTE DE BELÉM DO EXPRESSO)

- PSD: Universidade de Verão, para a semana em Castelo de Vide. Leitão Amaro começou a sua intervenção logo no dia 1, muuuuuito devagar, e ainda vai na parte das boas-vindas.
- O PS responde com a Academia Socialista, em Tomar, e Pedro Nuno Santos dá a cadeira "Winston Churchill Também Teria Gerido a II Guerra Mundial Por WhatsApp".
- Iniciativa Liberal aposta na guerra civil com betos de um lado e betos do outro a subcontratar coveiros em *outsourcing* para abrir as trincheiras.
- PCP inova: Festa do "Avante!" segue para Caracas e Nicolás Maduro atua no encerramento com discurso de 11 horas para bater recorde de Chávez.
- O CDS reentra no fim do mês, em Aveiro, e Nuno Melo aterra no F-35 pessoal emprestado por Jens Stoltenberg.
- Bloco leva a Braga o Fórum Socialismo (ou, na alcunha interna do partido, "a comissão de inquérito ao socialismo").
- O Chega jantou ontem, em Olhão. Depois houve digestivos e charutos, na Ria Formosa, enquanto os deputados da extrema-direita mandavam para trás botes com milhares e milhares de magrebinos que pretendiam invadir o Martim Moniz.
- PAN faz um *brunch* sem glúten no espaço das suricatas do Zoo de Lisboa.
- Na próxima segunda-feira, o Presidente da República, com guarda de honra montada, banda da Força Aérea, salva de tiros de fragata no Tejo e sobrevoo rasante de caças de guerra, desloca-se ao Multibanco para pagar a conta da água.
- Livre reentra num local secreto, num dia não especificado, num fluxo espácio-temporal específico, a ver se Francisco Paupério não aparece.

M.B. @oinimigo_pronto

DICAS IP ESCAPADELAS DE VERÃO DE ÚLTIMA HORA

✔ Um projeto bem giro: unir de skate as localidades preteridas para local do novo aeroporto de Lisboa.
✔ Junte-se à Marinha de guerra (a.k.a. candidatura presidencial de Gouveia e Melo).
✔ Ajude Paulo Raimundo a fazer a estátua de Nicolás Maduro, de 18 metros de altura e em papel maché, que vai estar à entrada da Festa do "Avante!" deste ano.
✔ Faça o módulo de maratona de águas abertas do curso de proteção pessoal da PSP que o habilita a garantir a segurança do PR na praia.
✔ Ligue para agentes imobiliários que lhe deixam folhetos "tenho clientes interessados na sua casa" e diga-lhes que tem interesse em não ter lixo no correio.
✔ Aproveite os museus agora com entrada gratuita e visite o Museu Nacional dos Tarólogos (Maya, Maria Helena, Marques Mendes, etc.). M.B.

Equipa oInimigoPúblico "Se não aconteceu... podia ter acontecido!" O Inimigo Público é um suplemento satírico, sendo todo o seu conteúdo ficcional. **Diretor** Luís Pedro Nunes **Redação** Alexandre Parreira, Luís Pedro Nunes, Mário Botequilha, Vítor Elias **Cartoon** Nuno Saraiva **Projeto gráfico** @oinimigo_pronto **Editor online** João Martins **Fotografia** Getty Images e arquivo pessoal O INIMIGO PÚBLICO é um projeto conjunto Expresso/Produções Fictícias/Farol de Ideias através de O Estado do Sítio

Vidas Perfeitas

Por **Carla Quevedo**

1949-2024 Cantora, letrista e pintora, conhecida pela adaptação de temas clássicos para crianças, começou a desenhar e a pintar como profissão a partir dos 50 anos

Ana Faria

O autor do clássico "The Go-Between", L. P. Hartley, escreveu uma das frases mais citáveis de sempre: "The past is a foreign country; they do things differently there." O passado é um país estrangeiro onde fazem as coisas de outro modo. O passado não nos é inacessível, mas não é assim tão fácil de compreender. Pensarmos no nosso passado como se fosse a Grécia, onde os autóctones simulam cuspir na cara de estranhos para afastar maus olhados, é divertido. É, porém, difícil pensar no seu próprio passado com a distância descrita por Hartley, por parecer tantas vezes tão presente.

Ser criança na década de 80 em Portugal é ter ouvido mil vezes a voz de Ana Faria, desaparecida a 17 de agosto. Nasceu em Angola a 18 de outubro de 1949. A primeira data que nos surge após o nascimento é 1969, quando participou no programa de televisão "Zip-Zip". Depois da atuação, encontramo-la a fazer parte do grupo Terra a Terra, formado em 1977 com Mário Piçarra, Jaime Ferreira, Rosário Pires, Jorge Vieira, Eduardo Torres, Mário Luís Pontes e Luísa Vasconcelos. Os Terra a Terra, tal como a Brigada Victor Jara ou os Vai de Roda, interpretavam o cancioneiro popular. O primeiro disco, "Dançando, Pulirando", sai em 1980 e inclui temas da Beira Baixa, de Trás-os-Montes e do Alentejo. A recolha no Alentejo seria feita por Heduíno Gomes, marido de Ana Faria.

Esta experiência seria relevante para a carreira musical de Ana Faria, que lançava o seu primeiro álbum mais de uma década após a sua participação no "Zip-Zip". Em 1982 surge "Violeta Flor", o seu álbum de estreia de originais, em colaboração com o marido e Mário Piçarra. Nesse mesmo ano é lançado um álbum a solo, com o qual ficaria conhecida do grande público, sobretudo de uma geração na altura criança e pré-adolescente. Os temas de "Brincando aos Clássicos" tinham como título um nome de uma criança e as letras contavam a história do João, da Joana, da Ana ou do Miguel dos olhos de mel, "que valente e diligente nos saiu o Miguel", ao som, neste caso, da "Marcha Turca", de Mozart. Cada tema tinha a letra escrita por Ana Faria adaptada a uma obra de música clássica. Era diferente, ficava no ouvido e era perfeito. Ana Faria cantava com um coro de crianças e a prova de o álbum ter sido um sucesso é nunca ter sido esquecido. Os três filhos de Ana Faria e Heduíno Gomes, João, Nuno e Pedro Faria Gomes, participaram no álbum. Em 1983 sai o álbum "Brincando aos Clássicos 2" e em 1984 surgem os Queijinhos Frescos, grupo formado por Ana Faria e os três filhos. Gravaram dois álbuns, a que se seguiu uma compilação dos melhores temas.

Em 1986 surgiam os Onda Choc, um grupo formado por miúdos entre os 10 e os 15 anos que cantava canções escritas por Ana Faria, desta vez adaptadas não de temas clássicos, mas de sucessos *pop* da época. "O primeiro grupo de miúdos eram quase todos da Academia de Santa Cecília, onde andava o nosso filho mais velho. Depois começámos a fazer testes, não entrava quem queria", diz Heduíno Gomes numa entrevista ao "DN" em 2019. Passaram pelos Onda Choc mais de duas centenas de miúdos. Talento não faltava. Surgem os Jovens Cantores de Lisboa, e na década de 90 as Popeline, um grupo exclusivamente feminino, do qual faria parte uma Marisa Liz muito jovem na altura. As Popeline gravam quatro discos de canções adaptadas de canções estrangeiras conhecidas.

O ritmo de trabalho de Ana Faria foi exigente e muito intenso ao longo da sua vida e os resultados estavam à vista, graças, além do mais, ao seu talento. Até que no ano 2000 Ana Faria decide parar e mudar de vida. "Não era a minha profissão favorita", diz num vídeo no portal Sapo, em que conta a história da sua mudança. Com os filhos crescidos, sentia-se livre para escolher o que queria fazer a partir dos 50. E escolheu parar com a música e começar a desenhar e a pintar "de uma forma muito intensa". Era algo a que se dedicara no passado, mas nunca tinha tido formação na área e havia muito a descobrir. Passou a pintar e a escrever e a ilustrar livros para crianças, atividades que, como refere no mesmo vídeo, "lhe traziam muita alegria e bem-estar".

Talvez a frase de Hartley possa ser traduzida por "o passado é um país estrangeiro onde nós fomos outras pessoas". Ana Faria talvez concordasse com esta versão.

FOTO JOÃO CARLOS SANTOS

Ser criança na década de 80 em Portugal é ter ouvido mil vezes a voz de Ana Faria

Obituário

Por **Luciana Leiderfarb** e **Rui Gustavo**

Gena Rowlands

1930-2024 Em 2015, a Academia de Hollywood corrigiu a enorme falha de nunca lhe ter atribuído um Óscar, outorgando-lhe um prémio honorário. Ao recebê-lo, disse: "Sabem o que é maravilhoso em ser uma atriz? Não se vive apenas uma vida, a nossa, mas vivem-se muitas vidas." A atriz americana viveu-as através de filmes inesquecíveis como "Uma Mulher sob Influência", de 1974, dirigido pelo marido, John Cassavetes, talvez um dos papéis que a eternizaram no grande ecrã. Com este realizador, formou um par de peso, com produções históricas como "Gloria" ou "Noite de Estreia". E em 2004 interpretou Allie Calhoun, uma idosa que sofre de demência, dirigida pelo filho, Nick Cassavetes. Chamava-se, na verdade, Virginia Cathryn e nasceu em Cambria, no Wisconsin, mas a família mudar-se-ia várias vezes, respondendo aos cargos públicos do pai. Trabalhou em televisão e em 1958 estreou-se no cinema com "The High Cost of Loving", de Jose Ferrer. Será a chamada 'era Cassavetes', que a projeta para um outro patamar de excelência nos 10 filmes que fizeram juntos. Em 1988, Rowlands protagonizou "Outra Mulher", de Woody Allen. Dia 14, de Alzheimer. L.L.

Alain Delon

1935-2024 Ator francês, foi uma estrela do cinema, sobretudo nos anos 60 e 70, tendo entrado em grandes fitas como "O Leopardo", de Visconti, ou "Rocco e os Seus Irmãos", do mesmo realizador. Teve a vida privada publicada em revistas e é dele a imagem da capa da obra-prima dos Smiths "The Queen Is Dead". Definia-se como conservador e, em 2013, manifestou apoio à Frente Nacional de Jean Marie Le Pen. Dia 18, do coração. R.G.

Sílvio Santos

1930-2024 Nome artístico de Senor Abravanel, empresário e apresentador de TV brasileiro que fundou o SBT no início dos anos 70, depois de a Globo ter feito uma aposta em programas de qualidade em detrimento dos concursos populares. Chegou a ser pré-candidato nas primeiras eleições livres depois da ditadura, mas foi impedido pela Justiça. Era um dos homens mais ricos do Brasil, com uma fortuna de €300 mil milhões. Dia 17, de broncopneumonia. R.G.

José Miguel Trigoso (1949-2024), engenheiro, foi presidente da Prevenção Rodoviária Portuguesa durante vários anos, coordenador técnico do Plano Nacional de Segurança Rodoviária e membro da Federação Europeia de Segurança Rodoviária. Era, também, membro do Conselho Consultivo do Observatório ACP. Escreveu em jornais e revistas sempre com o tema da segurança rodoviária como grande objetivo. O Presidente da República, Marcelo Rebelo de Sousa, fez-lhe uma elegia certeira: "Uma vida dedicada a salvar vidas." Dia 20, de cancro. **José Ribeiro (1926-2024),** músico, guitarrista e membro fundador do Trio Odemira, banda que integrou durante 22 anos com os irmãos Costa. Era o único membro original ainda vivo. Dia 15, de causas decorrentes da idade. R.G.

Cartas da semana

Os originais das cartas não devem ter mais de 150 palavras, reservando-se a Redação o direito de as condensar. Os autores devem identificar-se indicando o nº do B.I., a morada e o nº do telefone. Não devolvemos documentos que nos sejam remetidos. As cartas também podem ser publicadas na edição *online*.

Para contacto: Cartas@expresso.impresa.pt

Não precisamos de mais faculdades de Medicina

Após o sucesso do esforço de estruturação e desenvolvimento do Sistema Nacional de Saúde (SNS) nas décadas de 80 e 90 do século passado, baseado num organismo forte e predominante, no século XXI assistimos à sua desestruturação. Nas últimas décadas assistimos à disfunção das principais redes de referenciação do SNS e ao proliferar de instituições privadas sem integração no sistema e em competição com ele; ao êxodo de profissionais, afastados pelo sistema desestruturado, por ordenados baixos, sem perspetivas de carreira ou de segurança no trabalho, obscenamente excessivo; à deterioração e desatualização de instalações e equipamentos e à carência gritante de meios imprescindíveis. O SNS está hoje desadaptado à distribuição demográfica e geográfica da população, às suas necessidades de cuidados de saúde preventiva, curativa, de reabilitação e paliativa, à prestação de assistência segura e de qualidade, sem articulação com os outros sectores da saúde, cada vez mais potentes, sem a necessidade de grande investimento financeiro em recursos humanos, pois, face à indigência dos ordenados públicos, pouco mais precisa de oferecer aos profissionais. Como abrir novas escolas de Medicina onde e quando não existem médicos para ensinar nem população suficiente para aprender?

Daniel Virella, Lisboa

Estado da justiça

A grande maioria dos portugueses está insatisfeita com o funcionamento da justiça em Portugal, pois avalia o estado deste sector como "mau" ou "muito mau". Em face deste contexto, é salutar que, recentemente, dezenas de personalidades tenham colocado em marcha um manifesto de descontentamento face à justiça portuguesa. As propostas para a justiça não são para resolver os seus verdadeiros problemas, que os tem e muitos, mas para condicionar a sua atuação. Mas esse objetivo não depende de qualquer reforço de controlo por parte do poder político, porque esse, não nos enganemos, não tem qualquer objetivo de melhorar o serviço prestado, mas apenas conter o Ministério Público sob a sua esfera de domínio e conformação. Sem um Ministério Público independente, nunca teremos uma justiça independente.

Filipe Lança Abreu, Guimarães

DESTACANDO-SE PELA CRESCENTE DIMENSÃO INTERNACIONAL, COM ESPECIAL ENFOQUE NA LUSOFONIA, A CAMINHO DOS 45 ANOS DE EXISTÊNCIA, O INSTITUTO PIAGET CONTINUA A EXPANDIR-SE POR NOVAS ÁREAS E PROJETOS, A INOVAR NA SUA OFERTA FORMATIVA E A INVESTIR NA SUA MODERNIZAÇÃO PERMANENTE.

CAMPUS DE ALMADA

ENSINO SUPERIOR

PIAGET: UM PROJETO EDUCATIVO INTERNACIONAL POR EXCELÊNCIA

Prestes a celebrar 45 anos de existência, em dezembro de 2024, o Instituto Piaget consolidou a sua presença como entidade instituidora de ensino superior com maior número de instituições de ensino superior privado em Portugal, estendendo-se também além-fronteiras. Fundado em 1979 com inspiração nos ensinamentos do célebre psicólogo suíço, Jean Piaget, o seu primeiro presidente honorário, o Instituto Piaget – Cooperativa para o Desenvolvimento Humano, Integral e Ecológico tem vindo a evidenciar-se na formação superior em diferentes áreas – educação, saúde, ciências sociais, desporto, gestão e tecnologias –, assim como pela sua crescente dimensão internacional. Neste domínio, o enfoque foi dado à lusofonia, estando atualmente presente em seis países de três continentes: Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau e Moçambique, para além de Portugal. No total, são 20 mil estudantes a frequentar o universo Piaget anualmente.

Assumindo-se como uma instituição de interesse público e sem fins lucrativos, dedicada à educação, ao ensino superior, à investigação e à transferência de conhecimento com um forte pendor de intervenção social, o Piaget promove a excelência académica, destacando-se através de uma ampla oferta formativa que inclui licenciaturas, mestrados, pós-graduações e CTeSP (Cursos Técnicos Superiores Profissionais).

Às áreas tradicionais de formação juntaram-se as relacionadas com as tecnologias digitais, onde pontificam, por exemplo, a cibersegurança e a inteligência artificial. As tecnologias digitais são hoje vitais para responder à crescente procura de uma pedagogia moderna e de estímulo ao pensamento crítico, sendo também ferramentas educativas práticas, designadamente ao nível das aplicações, dos videojogos e de outros *softwares* interativos.

EDUCAÇÃO DE EXCELÊNCIA PARA PROMOVER O DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL

Apostado em desenvolver uma educação e formação de qualidade, diversificada e acessível, o Piaget começou por estabelecer-se em zonas mais interiores de Portugal, com o intuito de contribuir para fixar as populações e promover o desenvolvimento territorial, através do ensino superior. No seu currículo, conta já com mais de 50 mil diplomados.

Presentemente, tem instituições de ensino superior em Vila Nova de Gaia, Viseu, Almada e Silves, incluindo dois institutos politécnicos que englobam escolas de saúde, educação, desporto, e de tecnologia e gestão, aos quais se juntam dois institutos de ensino superior universitário, e mais uma escola superior de saúde.

A formação graduada, pós-graduada e de especialização em diferentes áreas do conhecimento destas instituições foi evoluindo e adaptando-se à realidade nacional e internacional, e às necessidades do mercado de trabalho, de forma sustentada e estratégica.

PROJETO EDUCATIVO ALÉM-FRONTEIRAS

Vincando, desde a sua fundação, a vontade de se diferenciar como um projeto educativo além-fronteiras, o mote da internacionalização do Piaget é o propósito de difundir conhecimento intrinsecamente associado à defesa de valores humanos fundamentais, num mundo que integra todos os povos.

Crente de que a troca de saberes e a partilha de culturas é uma mais-valia, o Piaget tem vindo a consolidar a sua presença internacional com particular ênfase no espaço da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP). A instituição está desde 1999 em Angola (Luanda e Benguela e, em breve, no Lubango), Cabo Verde (Praia e Mindelo), Guiné-Bissau (Bissau), Moçambique (Beira) e Brasil (Suzano, no estado de São Paulo). Nestas localizações, o Piaget orgulha-se de ter criado infraestruturas próprias dotadas dos recursos necessários para uma formação superior de excelência, promovendo a formação de quadros superiores em áreas críticas como a Medicina, o Direito, as Engenharias ou a Administração Pública.

O sucesso da implementação do projeto Piaget além-fronteiras baseia-se numa política de proximidade com as populações, sem trair a riqueza e identidade cultural próprias. Optando por currículos pluridisciplinares que visam maximizar as competências práticas, o intuito é o de contribuir como motor de desenvolvimento destes países, sendo uma porta aberta no mundo lusófono, que se constitui também como força no espaço europeu.

Em última análise, o propósito é manter todo o saber e experiência do grupo abertos às Universidades Piaget do espaço lusófono e às instituições de Ensino Superior em Portugal, beneficiando todos de uma verdadeira rede internacional de conhecimento, encarando a educação como ferramenta poderosa para transformar vidas e construir um futuro melhor.

APOSTA NA INOVAÇÃO E COOPERAÇÃO CIENTÍFICA

Como forma de organização, o projeto institucional do Piaget assenta em seis eixos estratégicos: o ensino e a aprendizagem; a investigação; a transferência de conhecimento; as pessoas; a internacionalização, assim como a governação e a gestão estratégica. A preocupação com a inovação e modernização permanente, leva, por outro lado, a instituição a aliar cada vez mais o ensino com a investigação, com a cooperação científica a assumir um papel estimulante para o estabelecimento de parcerias, nacionais e internacionais.

Neste âmbito, o Piaget tem promovido vários projetos multidisciplinares nas suas áreas de formação, como o lançamento da revista científica "Germinare" e a criação do INSIGHT – Piaget Research Center for Ecological Human Development. Através deste centro, os seus investigadores têm-se envolvido em projetos que abrangem as áreas da saúde, educação, movimento humano e tecnologia e gestão. Alguns são financiados por programas europeus, em áreas como a inteligência artificial, a realidade aumentada e os sistemas de automação industrial. Noutros casos, os investigadores trabalham em consórcios nacionais, em projetos integrados no PRR, em áreas ligadas às tecnologias da saúde, promoção da saúde mental, inovação pedagógica e excelência da formação, entre outras. Sempre na linha da frente, o Piaget aposta em áreas emergentes de formação e investigação, formando quadros capazes de dar resposta às necessidades do mercado de trabalho.

COMPROMISSO DE RESPONSABILIDADE SOCIAL E IMPACTO NA COMUNIDADE

Norteado por um forte compromisso de responsabilidade social que o acompanha desde a fundação, a atuação do Grupo Piaget não se esgota, no entanto, apenas no ensino superior, tendo ao longo dos seus 45 anos de existência desenvolvido variados projetos de relevância.

A este propósito, são de destacar: a APDES (organização não-governamental para o desenvolvimento); o Piaget Saúde, empresa que gere atualmente quatro Clínicas Piaget (clínicas pedagógicas); as Edições Piaget, editora com mais de 1500 obras publicadas em língua portuguesa, organizadas em diversas coleções e de grande valor científico, educacional e cultural; o Piaget Formação e Consultoria, atualmente proprietário de três escolas profissionais; e um hotel no litoral alentejano, criado inicialmente como hotel-escola.

Editorial&Opinião

Editorial Ao azar do fogo, a liderança de Miguel Albuquerque juntou uma perigosa irresponsabilidade política

Da próxima vez, o fogo

Há sempre má sorte quando um incêndio varre uma ilha como a da Madeira há mais de 10 dias. Mas há algo trágico, também, no modo como o Governo Regional foi lidando com a situação no terreno: férias intermitentes, palavras de desvalorização, avanços e recuos sucessivos — quer no pedido de apoio a Lisboa, quer nos aviões solicitados a Espanha. Há, no mínimo, erros políticos graves numa liderança que já se sente frágil. Mas há também uma teimosia na autonomia regional, que não pode ser bússola cega: se as instituições do país aprenderam bem as lições de Pedrógão, não há justificação para a Madeira ter ficado de fora do sistema operacional nacional de combate a incêndios. No clássico de James Baldwin, o título "Da Próxima Vez, o Fogo" alertava para o perigo de uma escalada de violência que o autor não desejava. Na Madeira alerta-se para os perigos de uma escalada de irresponsabilidade política. Que se apaguem os fogos, rapidamente.

Estratégia para sair

André Ventura decidiu ligar um tema iminentemente político — um referendo à imigração — às negociações do próximo Orçamento do Estado. Marcou posição, recenseando o partido num dos temas mais centrais da sua agenda, mas sinalizando a sua vontade de entregar a AD ao PS.

Kamala, *take 2*

A vice-presidente culminou quatro semanas perfeitas na Convenção desta semana seguindo um guião que ignorou os temas mais difíceis, da imigração à economia. Mas resulta claro destes dias em Chicago que os democratas sabem quão difícil vai ser a etapa final, onde o guião não será tão controlado.

No banco do pendura

Sebastião Bugalho
politica@expresso.impresa.pt

No virar do ano, íamos nós já do avesso, escrevi nesta página que em 2024 o implausível seria "cada vez mais provável" e o inconcebível "cada vez menos impossível". Asseguro-lhe, caro leitor, que o propósito da profecia não era atingir contornos autobiográficos, mas o facto é que assim tem sido.

A 130 dias de terminar o ano, Portugal mudou de Governo, a União Europeia reelegeu serenamente a sua presidente de Comissão, o Reino Unido ficou a ferro e fogo, Joe Biden renunciou à sua recandidatura presidencial e o regime de Nicolás Maduro não viu a sua autoproclamada vitória eleitoral ser reconhecida por vizinhos de proximidade geográfica e política, cujo distanciamento é tudo menos irrelevante.

Há 236 dias, quando 2024 se inaugurou, poucos anteveriam que tais eventos se dessem, e ainda menos que coincidissem em tão curto espaço de tempo e a tão apressado ritmo. Em momentos de alteração de paradigma — nacional, continental, global —, todos acabamos por mudar de lugar ou perspetiva. Às vezes até de ambos. A incerteza associa-se à instabilidade, a incompreensão à desconfiança, e são as democracias, em primeira mão, que sofrem o maior abalo. O triunfo do insólito transporta, irremediavelmente, mais suspeita do que celebração, mesmo quando nos faz rir.

Ouvir Lula da Silva exigir explicações a Maduro sobre os resultados que alegadamente obteve, ver Maduro acusar o TikTok de incitar "ao fascismo" depois de a China ser a única potência remotamente credível a não lhe tirar o tapete, ler o penhorado agradecimento de Milei ao Brasil por proteger a Embaixada da Argentina em Caracas, em vias de ser tomada pelos paramilitares de Maduro, entre outras peripécias cujo relato soaria a desabafo, trata-se do tipo de episódios que nem os próprios poderiam ter previsto. Acreditem.

"Uma secretária é um lugar perigoso de onde observar o mundo", escreveu um autor que se teria deliciado com a dissimulação com que a Humanidade vai sobrevivendo a si mesma. Para nós, ainda que do outro lado do oceano, seria ingénuo julgarmo-nos imunes ao seu surgimento. Tal como um passageiro no banco do pendura, seremos mais vulneráveis a cada curva, aumento de velocidade ou abrandamento, com uma sensação de maior proximidade à berma, que não tem tanto que ver com o carro, que é o mesmo, mas com o assento, que não fomos nós a escolher.

Uma legislatura que começou com a oposição a recusar-se a aprovar Orçamentos do Estado pode chegar ao outono com o Governo a ter de optar com qual dos opositores prefere contar

O meu palpite, após quatro meses de ausência, é que a viagem se prolongará para além de 2024 e que a soma de surpresas se avolumará até lá. Um primeiro-ministro esculpido num tempo político de resgaste vai-se instituindo como pontual distribuidor, numa espera que tenta ser esperança. Um líder da oposição nascido a espernear contra os credores aspira a ter décimas de défice como arma de recurso. Uma legislatura que começou com a oposição a recusar-se a aprovar Orçamentos do Estado pode chegar ao outono com o Governo a ter de optar com qual dos opositores prefere contar. E o "não" de todos, que estava à partida garantido, a transformar-se num par de "sins", sem a possibilidade de escolher ambos e com a necessidade de viver sem os dois.

Para quem vai ao volante não há fuga ao encadeamento. É a era que nos calhou. Aos demais, que vieram ou não de boleia, resta apertar o cinto e não ganhar medo ao horizonte.

Atrás dele estará invariavelmente algo mais esclarecedor.

LEIA TAMBÉM EM *EXPRESSO.PT*

EUA: uma eleição, dois futuros
BRUNO GONÇALVES

Kamala e as matas fascistas
BERNARDO VALENTE

Palavra da semana: beleza
BRUNO VIEIRA AMARAL

Uma liberdade zangada ou uma liberdade alegre?

Rui Tavares
politica@expresso.impresa.pt

Ao contrário do que muitas vezes se diz, a divisão entre esquerda e direita não é entre uma preferência pela igualdade e uma preferência pela liberdade. O que há entre esquerda e direita é uma disputa entre conceções divergentes da liberdade, e cada eleição, cada momento político, é um ponto na luta para ver qual conceito de liberdade é mais prevalente.

Não por acaso, o famoso discurso das "quatro liberdades" de Franklin Roosevelt, que propunha o acrescento de direitos sociais à carta dos direitos na Constituição dos Estados Unidos da América, contém duas "liberdades de" (a liberdade de expressão e a liberdade de culto) e duas libertações: a libertação da carência e a libertação do medo. O objetivo deste discurso era promover uma reinterpretação progressista da liberdade, acrescentando a duas liberdades "clássicas" de fé e consciência, consolidadas pelos séculos que demoraram a ser conquistadas, duas outras liberdades sociais, que se defende serem tão essenciais como as primeiras. Por isso é mais comum ouvir gente de esquerda perguntar "que liberdade tem alguém que passa fome ou tem medo de perder o emprego?" — é o reiterar da ideia de que sem libertação da miséria ou do preconceito não há liberdade positiva, liberdade de para sermos quem podemos ser. O projeto progressista de Roosevelt era acrescentar às liberdades liberais os direitos sociais. Enquanto para alguns na direita a liberdade se define apenas como "não interferência" por parte do Estado, para muitos na esquerda a liberdade tem também de ser "não dominação" por parte do patrão, do preconceito ou do patriarcado, e por aí afora.

Cada disputa eleitoral é então uma disputa entre conceitos de liberdade. E, de certa forma, ganha quem conseguir tornar o seu conceito de liberdade mais consensual e urgente. É isso que está a acontecer com a eleição presidencial norte-americana. O que vimos esta semana na convenção democrática foi um esforço por parte da sua ampla coligação (que vai de liberais de esquerda a progressistas e socialistas democráticos) de fazer avançar não só uma noção mais ampla da liberdade, na tradição que resumi atrás, mas sobretudo uma atitude na defesa da liberdade: mais alegre, mais descomplexada, mais tolerante.

Também a direita dominante nos últimos anos — e aqui não falo do centro-direita tradicional, mas da direita que tem marcado a agenda, cada vez mais radicalizada — tem o seu ideal de liberdade, que Viktor Orbán famosamente defendeu como sendo o de uma sociedade "iliberal". Trata-se da liberdade do mais forte, do mais poderoso, da hierarquia tradicional em fazer "o que lhe é natural". E uma atitude na defesa dessa liberdade: agressiva, audaz e hipereficaz. Quando Trump rugia contra o "politicamente correto" da esquerda, obtinha os seus maiores aplausos. Mas agora há sinais de que esta dinâmica se está a esgotar.

A direita ainda fala muito de liberdade, mas será que gosta mesmo dela? À esquerda, a atitude passou a ser: menos sermões, mais mobilização

FOTO MIKE BLAKE/REUTERS

Por um lado, a atitude da direita dominante começa a aborrecer as pessoas. Ninguém gosta de ouvir sempre a mesma coisa, gritada aos nossos ouvidos com ar zangado, ainda por cima quando parece que aquilo que esta direita não suporta é que as pessoas vivam a sua vida como lhes apetecer. Daí a dúvida que desponta em muitos espíritos, mesmo independentes ou apolíticos: a direita ainda fala muito de liberdade, mas será que gosta mesmo dela?

À esquerda, a atitude passou a ser: menos sermões, mais mobilização. Fazer da liberdade um objeto de desejo político. E está a funcionar.

Esta disputa não vai só decidir as eleições de novembro nos EUA. Vai marcar o futuro da política em todo o mundo nos próximos anos.

Expresso

Proprietária/Editora: IMPRESA PUBLISHING S.A.
Sede: Rua Calvet de Magalhães, 242, 2770-022 Paço de Arcos. NIPC: 501984046
Administração da IMPRESA PUBLISHING: Francisco Pinto Balsemão, Francisco Maria Balsemão, Francisco Pedro Balsemão, Paulo de Saldanha, Paulo Miguel Reis, Nuno Conde e Bruno Mateus Padinha
Composição do Capital da Entidade Proprietária: 100.000 euros, 100% propriedade da Impresa – SGPS, SA, NIPC 502437464
Registo da publicação na ERC: 101.101 ISSN-0870-1970

Diretor-Geral de Informação Impresa
Ricardo Costa

Diretor
João Vieira Pereira

Diretores-Adjuntos
David Dinis
Martim Silva
Miguel Cadete
Paula Santos

Diretor de Arte
Marco Grieco

Grande Repórter
Micael Pereira

Editor Executivo
Pedro Candeias

Editor da edição semanal
João Silvestre

Editores
Diogo Pombo (Desporto), Eunice Lourenço (Política), Joana Beleza (Multimédia), João Carlos Santos (Fotografia), João Pedro Barros (Online), Miguel Prado (Economia), Pedro Cordeiro (Internacional), Pedro Lima (Editor-adjunto Economia), Ricardo Marques (Revista E) e Rita Ferreira (Sociedade)

Coordenadores Gerais de Arte
Jaime Figueiredo (Infografia)
Mário Henriques (Desenho)

Coordenadores
Cristina Pombo (Internacional), Elisabete Miranda (Economia), Isabel Leiria (Sociedade), João Cândido da Silva (Online), João Miguel Salvador (Online), Lia Pereira (Revista E), Lídia Paralta Gomes (Desporto), Mafalda Ganhão (Online), Margarida Cardoso (Porto), Marta Gonçalves (Online), Pedro Miguel Coelho (Redes Sociais), Rui Tentúgal (Fecho), Tiago Pereira Santos (Desenho Multimédia) e Vítor Andrade (Economia)

Arquivo
arquivo@impresa.pt

Redação, Administração e Serviços Comerciais
Rua Calvet de Magalhães, 242 2770-022 Paço de Arcos
Tel. 214 544 000
ipublishing@impresa.pt

Delegação Norte
Rua Conselheiro Costa Braga, 502; 4450-102 Matosinhos
Tel. 220 437 000

Publicidade
Miguel Pacheco (diretor) João Paulo Luz (diretor de receitas digitais) Carlos Lopes (diretor coordenador) Ângela Almeida (diretora da Delegação Norte) Hugo Rodrigues (diretor publicidade) Nuno Martins (gestores de conta) Miguel Teixeira Diniz e Sérgio Alves (gestores de conta) Marta Teixeira e Helena Almeida (gestores de conta da Delegação Norte)
Tel. 214 544 073/214 698 798

Publicidade Online
publicidadeonline@impresa.pt

VISAPRESS© Direitos de Autor Protegidos

Subscrições Digitais Expresso
3 semanas: €5,99
52 semanas: €84,99
104 semanas: €139,99
Ligue 214 698 801 ou vá a expresso.pt
Dias úteis: 9h às 19h | Sábados: 9h às 14h

ESTATUTO EDITORIAL DISPONÍVEL EM **expresso.pt/sobre/estatuto-editorial**

Marketing e Comunicação
Mónica Serrano (diretora) Ana Paula Baltazar (coord. de marcas de informação) Susana Freixo (gestora de marca) e Carla Martins (coord. de comunicação para relações externas)

Produção
Ana Sengo da Costa (diretora) João Paulo Batlle y Font (coordenador) Carlos Morais e Joaquim Rodrigues (produtores)

Circulação e Assinaturas (papel)
Ana Sengo da Costa (diretora)
Pedro M. Fernandes (diretor de circulação e produtos Expresso) e João Braz (responsável pela circulação)

Apoio ao Assinante
Rita Silva (responsável pelo serviço de apoio ao cliente)
Tel. 214 698 801 (dias úteis, das 9h às 19h); *e-mail:* apoio.cliente.ip@impresa.pt

Atendimento Ponto de Venda
pontodevenda.ip@impresa.pt

Impressão
Lisgráfica Impressão e Artes Gráficas, S.A.
Estrada de São Marcos, 27
2735-521 Agualva-Cacém

Distribuição
VASP-MLP, Media Logistics Park Quinta do Grajal, Venda Seca 2735-511 Agualva Cacém
Tel. 214 337 000
Pontos de venda: contactcenter@vasp.pt
Tel. 808 206 545

Miguel Poiares Maduro
politica@expresso.impresa.pt

A LIBERDADE DE EXPRESSÃO ESTÁ EM RISCO

Elon Musk tem alertado para alegados ataques à liberdade de expressão nas redes sociais. Tem razão: a liberdade de expressão está em risco, mas um dos principais riscos é o próprio Elon Musk. Ele tem hoje mais poder que muitas autoridades públicas na regulação da liberdade de expressão no espaço público. A "moderação de conteúdos" feita nas redes sociais equivale a decidir o que pode ser dito pelos utilizadores desse espaço público. Todos os dias, essas redes sociais eliminam (proíbem) milhões de conteúdos. A grande maioria destas decisões é tomada pelas próprias redes sociais, não resulta de uma imposição judicial ou administrativa. Só nos últimos seis meses, as redes sociais adotaram mais de três triliões delas *(transparency.dsa.ec.europa.eu)*.

Quem ache que a ausência de intervenção pública equivale a absoluta liberdade de expressão nas redes sociais vive num equívoco. O que muda é quem regula essa liberdade de expressão. Passam a ser os senhores Elon Musk, Zuckerberg e outros. Paradoxalmente, foi a União Europeia que recentemente veio impor que as redes sociais permitam aos utilizadores recorrerem para uma arbitragem independente de decisões que os censurem ou suspendam.

Se as redes sociais não são um oásis da liberdade de expressão absoluta, há duas questões fundamentais que se colocam. Primeiro, quais são e quais deveriam ser as regras da sua regulação da liberdade de expressão? Faz sentido, por exemplo, que conteúdos que atribuem falsamente a autoria de um homicídio a uma determinada etnia sejam protegidos pela liberdade de expressão enquanto conteúdos de jornalistas que criticam um dos proprietários na mesma rede social sejam proibidos? Segundo, que processos devem seguir nas decisões que tomam que afetam a liberdade de expressão e a que tipo de escrutínio devem estar sujeitas? E quem pode ser o contrapoder do enorme poder que hoje detêm?

A solução não passa por substituir censura privada por censura pública. Os governos não devem ter um papel nesta matéria. Já os tribunais e entidades independentes podem vir a ter (já têm) funções equivalentes, mas adaptadas, às que têm no espaço público tradicional. Mas isso é insuficiente perante o papel mais global e massificado de edição do espaço público em que as redes sociais substituem, em boa parte, os *media* tradicionais. Nestes, a liberdade de expressão e a verdade convergem através do pluralismo. A liberdade de escolha entre diferentes fontes de informação é uma forma descentralizada e plural de regular a liberdade de expressão, que submete essa mesma regulação à nossa liberdade. Mas essa liberdade de escolha não está assegurada no atual panorama digital das redes sociais. Para que isso fosse possível seria necessário separar a rede social da edição de conteúdos, dando aos utilizadores liberdade de escolha entre diferentes editores (algoritmos) dessa rede social.

A foto da semana

Por **MARA TRIBUNA**
mtribuna@expresso.impresa.pt

ASTRONOMIA Na segunda-feira, dia 19, os céus iluminaram-se com a primeira superlua azul do ano. O único satélite natural da Terra ficou mais próximo: orbitou aproximadamente 22 mil quilómetros mais perto do que o habitual e ficou também cerca de 15% mais brilhante. O fenómeno foi visível — e capturado — em diferentes pontos do mundo, incluindo Portugal, e vai repetir-se mais três vezes, em setembro, outubro e novembro. Depois disso, só em janeiro de 2037.
FOTO LOUIZA VRADI/REUTERS

As notícias sobre um estudo que falava em como era fácil e barato taxar os 0,5% mais ricos foram veículos de uma peça propagandística

Populismo fiscal de esquerda

Luís Aguiar-Conraria
Professor de Economia da Univ. do Minho
lfaguiar@wminho.pt

Rejubilem, há dinheiro para pagar a professores, polícias, médicos, transição energética e tudo o mais. Basta querer. Saiu esta semana um relatório propondo que se taxe a riqueza dos 0,5% mais ricos de cada país, resolvendo todos os nossos problemas. Cito o título da peça da CNN: "Se Portugal taxasse os super-ricos encaixaria mais €3589 milhões. Dava para pagar três vezes o IRS Jovem". Bom demais para ser verdade? Nada disso, é só fazer o que, e volto a citar a CNN, "já faz Espanha."

Entusiasmado, fui ler o estudo. E é verdade: estima que, em Portugal, tal imposto, que seria aplicado a quem tem uma riqueza acumulada superior a €2800 milhões, geraria receitas no valor de 3963 milhões de dólares, o que, ao câmbio desta semana, confirma a notícia. Para o mundo, estima receitas de 2,2 milhões de milhões de dólares; mais do dobro do necessário para financiar a transição energética e climática nos países menos desenvolvidos. Com a solução espanhola, diminui-se a desigualdade, financia-se o combate às alterações climáticas e sobra dinheiro para resolver problemas orçamentais de vários Governos.

Só que não. Quando escavamos, encontramos peças que não encaixam. O estudo prevê para Espanha receitas fiscais adicionais de €9656 milhões. Como em Espanha o imposto já existe, podemos comparar a receita efetiva com a prevista. Essa informação está numa notícia do "Público", um pouco mais sóbria que a da CNN: €623 milhões. Já vi muitos estudos económicos errarem, mas este exagera. Estima receitas fiscais de mais de €9 mil milhões quando, na realidade, foram de apenas 600. 15 vezes menos.

A divergência está parcialmente explicada num apêndice, que poucos leem, onde reconhecem que as suas estimativas de €9656 milhões são mais altas do que as do Governo espanhol de 1500. Apresentam duas explicações. Em primeiro, defendem menos isenções fiscais. Em segundo, acreditam que Madrid subestima a riqueza dos seus residentes. Ora, mesmo as estimativas oficiais eram francamente exageradas; as receitas foram, como referi acima, de pouco mais de €600 milhões.

Admitindo igual erro para Portugal, a receita adicional não seria de €3589 milhões, mas sim de 230. A galinha dos ovos de ouro nem o complemento salarial dos polícias paga.

Há populismo de direita e populismo de esquerda. Este populismo fiscal tem tudo para entusiasmar a esquerda, desde a estrema a algumas franjas do PS, pelo que vale a pena ver como se faz propaganda a partir de um pretenso estudo.

O "estudo" tem um ar sério. Tem a formatação correta, cita a bibliografia relevante e autores sérios, como Piketty, e tem um *abstract* inicial que diz ao que vem. Tradução minha: "Este estudo apresenta estimativas a nível nacional para 172 países sobre o potencial de receita proveniente da implementação de um imposto progressivo e moderado sobre o património líquido. Baseamo-nos no Imposto Solidário sobre Grandes Fortunas de Espanha, um modelo politicamente viável, e utilizamos dados da World Inequality Database para projetar as receitas decorrentes da adoção de medidas fiscais semelhantes em todo o mundo."

Estão tão empenhados em que o "estudo" pareça credível que até discutem a possibilidade de a riqueza migrar para outros países como resultado do imposto.

> **Estejamos atentos aos populismos de direita, mas não deixemos de estar alerta em relação aos de esquerda**

Mas manipulam despudoradamente o significado das palavras. Falam em imposto "moderado" similar ao espanhol, quando, na prática, propõem um imposto 15 vezes mais elevado. Na discussão sobre fugas aos impostos, citam trabalhos que analisam se os ricos mudaram de residência devido a aumentos de impostos, concluindo que a fuga é inferior a 4%, quando, como é óbvio, o que está em causa é também a possibilidade de estes expatriarem e/ou esconderem a sua riqueza. Novamente, socorramo-nos do exemplo espanhol. As estimativas de receita fiscal do Executivo foram quase três vezes mais elevadas do que a realidade: ou estavam alucinados quando fizeram as contas ou houve mesmo uma fuga desenfreada.

Em conclusão, as notícias dos *media* portugueses sobre um estudo que falava em como era fácil e barato taxar os 0,5% mais ricos, deixando intocada 99,5% da população, não foram mais do que veículos de uma peça propagandística preparada por ativistas do Tax Justice Network. Estejamos atentos aos populismos de direita, mas não deixemos de estar alerta em relação aos de esquerda. São ambos perversos.

Henrique Raposo
henrique.raposo79@gmail.com

SILÊNCIO

É um momento quase religioso: ouvimos pela primeira vez uma música que adoramos à primeira; até parece que a ouvimos há anos e anos, parece uma velha amiga que emite os seus acordes a partir de um tempo eterno que está sempre à nossa espera; um eco de Deus. Está a ser assim com uma música que Dulce Pontes. O som operático é de Christopher Tin, a letra é um soneto de Camões, 'Passou o Verão'. Musicalmente, é de novo a mistura entre o fado e a clássica, com Tin no lugar de Morricone. Na essência, é um poema sobre o silêncio de Deus perante o ocaso ou a tragédia. E digo-vos só isto: que esta música seja quase desconhecida entre nós é em si uma tragédia.

Camões fala do fim da vida ou da tristeza na vida, "correm turvas as águas deste rio", "passou o verão", "intratável se fez o vale". A seguir, faz a pergunta eterna: porque é que Deus não diz nada perante tamanho sofrimento sem sentido? — "mas anda tão confuso/ Que parece que Deus dele se esquece". Tenho ouvido muito este fado operático, porque me tenho confrontado com este silêncio de Deus que desafia a fé. Perante a tragédia à nossa frente, é impossível não verbalizar entredentes a farpa de Hume: Deus não pode ser omnipotente e bondoso ao mesmo tempo. Se é omnipotente e não impede o mal, então não é bondoso; se é bondoso, não é omnipotente. Esta dúvida roda na minha cabeça milhares de vezes, mas, como diz Nick Cave, não há fé sem dúvida, não há religião sem dúvida. Nem arte.

> **Num mundo com um Deus explícito e comprovado como um facto científico, um Deus como rei sentado num trono visível, não haveria arte — só haveria documentários**

Este silêncio de Deus abre o espaço para a arte; num mundo com um Deus explícito e comprovado como um facto científico, um Deus como rei sentado num trono visível, não haveria arte — só haveria documentários. Porque a arte ocupa o silêncio de Deus. Quando ocorre uma tragédia na nossa vida, a água do mar recua, é sugada por uma força enorme, mas depois não aparece o tsunami, fica só ali aquele deserto ou pântano, uma terra de ninguém, uma trincheira entre o cognoscível e o mistério. Quando criamos algo, um romance ou uma escultura, estamos a ocupar esse espaço vazio, estamos a tatear o indizível. Há quem procure embelezar ou ordenar o caos, tentando fazer daquela areia pantanosa e salgada um jardim. Há quem procure apenas inventariar o horror salgado como um cientista amoral. Seja como for, ambas as saídas têm o mesmo objetivo: trazer a soberania humana para um território que Deus deixou vazio com o seu silêncio.

Opinião

Pedro Gomes Sanches
politica@expresso.impresa.pt

O *INTERMEZZO* DE MONTENEGRO

O país precisa de criar riqueza, mas, para isso, o Governo precisa de condições para o fazer. Quem o disse foi Cavaco Silva, aqui no Expresso: “a probabilidade de o poder político executar as políticas certas [via ‘crescimento da produção interna, da produtividade e da competitividade externa’]” só é muito alta com um “Governo com apoio maioritário na sequência da realização de eleições legislativas, antecipadas ou não”, ou alta com a “redução do peso dos partidos extremistas na sequência da realização de eleições legislativas, antecipadas ou não”.

Em qualquer caso, esta legislatura, não preenchendo nenhuma das condições anteriores, é um *intermezzo*; que é o que se chama a uma pequena composição, geralmente improvisada, entre duas peças principais. Só isso explica a *rentrée* social-democrata: o objetivo não é governar o país, é vencer as próximas eleições (“antecipadas ou não”).

Não podendo governar para criar riqueza, convenceram-se em São Bento que isso só se consegue à moda da esquerda, administrando a pobreza: “dando” esmolas a pensionistas sem anunciar reformas do sistema da Segurança Social, e passes ferroviários baratos sem avaliação de impactos financeiros conhecidos nem anúncios de reestruturação da rede ferroviária e do sistema de transportes.

Não podendo governar para criar riqueza, convenceram-se em São Bento que isso só se consegue à moda da esquerda, administrando a pobreza

A subalternização de grandes opções políticas de Governo a uma estratégia eleitoral de curto prazo, distribuindo o poucochinho pelo povo, não é coisa que me comova — prefiro a têmpera de quem tem a coragem de dizer “que se lixem as eleições, o que interessa é Portugal” —, mas percebo e indulto. O que não percebo nem indulto, e boa parte da direita comigo, são guinadas ideológicas à esquerda, como usar "linguagem neutra" numa cedência à agenda *woke* ou admitir pensar em (mais) impostos para sobretaxar os "ricos".

Há, todavia, duas hipóteses para explicar isto, nenhuma delas boa e em qualquer caso um logro: ou estão convencidos de que o país é de esquerda e de que é preciso isto para vencer eleições e depois, então, governar à direita, ou o PSD é mesmo um partido de centro-esquerda. Em Delfos (da São Caetano), as pitonisas dividem-se: há as que acham que seduzindo a esquerda mantêm a direita e as que suspiram por um bloco central, “virtuoso e antipopulista”.

Isto só tem um problema: não se pode agradar nem enganar toda a gente, ao mesmo tempo, o tempo todo; e se os partidos que usualmente representavam a direita deixarem de o fazer, outros ocuparão esse lugar. Mas, enfim, pode ser que a ópera não seja assim tão trágica e que o *intermezzo* não seja demasiado longo.

LUZ NO FUNDO DA LINHA

Daniel Oliveira
danieloliveira.lx@gmail.com

Montenegro foi ao Pontal acrescentar promessas a uma lista que tarda em sair dos PowerPoints. A última foi um passe ferroviário mensal, do qual pouco se sabe para além do preço. Os detalhes serão conhecidos em setembro, quando Pinto Luz apresentar mais um pacote, fazendo esquecer a inconsequência do da habitação. O pináculo da propaganda foi o vídeo do ministro a gabar-se de que, “depois de, em maio, termos apresentado a estratégia do Construir Portugal; em junho e julho termos assinado os contratos com todos os municípios do país; hoje entregamos casas no Entroncamento e na Figueira da Foz”. Apesar da rapidez a construir casas construídas por outros, é no terreno que se avalia o impacto das propostas. E a desconfiança começa no facto de o passe que existe não ter tido o apoio do PSD.

A ideia nasceu na Alemanha, onde é possível viajar em todo o país por 49 euros mensais. Foi uma resposta à quebra de passageiros depois da pandemia. Dois anos depois, aderiram 11 milhões e o número de passageiros nos comboios regionais cresceu 28%. Mesmo assim, houve menos 750 milhões de viagens do que em 2019. Ou seja, o aumento da procura não chega para a capacidade instalada. Nada disto acontece em Portugal, onde este passe, proposto pelo Livre e aprovado pela esquerda, está em vigor desde 2023 e cujo alargamento dependia do reforço da oferta e das compensações, o que não aconteceu. Só 13 mil aderiram a um título circunscrito aos comboios regionais e metade já tinha outro passe. O anterior secretário de Estado explicou que se tentou que o passe mensal se orientasse para serviços com pouca procura. Há 25 anos que a companhia não fazia tantas viagens como em 2023 — 173 milhões, um acréscimo de 54% face a 2015. O problema é que a CP foi fechando linhas e a primeira grande aquisição de novos comboios (117), decidida por Pedro Nuno Santos, está submersa em litigância, graças a leis que dão a privados desavindos o poder de bloquear qualquer investimento público.

Pinto Luz quer retirar rentabilidade às linhas que financiam o serviço público e recuar na presença da CP na alta velocidade. Não é preciso fazer muitas contas para perceber o que está no fim da linha. Basta recordar o que Pinto Luz andou a fazer nos últimos meses do Governo de Passos

FOTO JOÃO CARLOS SANTOS

A proposta da AD é diferente e serão bem diferentes as consequências. Montenegro falou num passe de 20 euros que permitirá viajar de Braga a Faro, o que inclui tudo menos o Alfa. O Intercidades garantiu uma receita de 49 milhões de euros em 2022 e o Alfa Pendular 45 milhões. São a segunda e terceira fontes de receita da empresa. Integrar este serviço no passe mensal resultará numa perda financeira que dificilmente será compensada. É verdade que o Alfa, único serviço sem compensação do Estado, não estará integrado no passe. Mas com o Intercidades Lisboa-Porto a 20 euros por mês o Alfa seria canibalizado. A quebra de receitas, que facilmente se transformaria num desastre financeiro e para o qual não se conhece qualquer estudo de impacto, seria muito superior à do acréscimo de novos passageiros, para os quais, aliás, não haveria capacidade de resposta.

Durante décadas, o Estado deixou as empresas de transporte ao abandono, subfinanciadas e obrigando-as a endividarem-se, gerando uma espiral que levou à destruição de linhas, envelhecimento do material circulante e degradação do serviço. Uma degradação usada como argumento para privatizar, como Pinto Luz tentou com os transportes urbanos de Lisboa e Porto, processo travado pela ‘geringonça’, que saldou dívidas e reforçou investimento. A expansão do Metro do Porto e a criação da Carris Metropolitana provam que a privatização seria um erro. Quanto à CP, ficou em condições de investir e ter, com o primeiro Contrato de Serviço Público (2020-30), os primeiros dois anos de lucro. É a solidez financeira e a previsibilidade de um contrato a 10 anos que permite iniciar a expansão e a compra de material circulante. E essa deveria ser a prioridade. Sem isso, podem baixar o preço à vontade. Se as pessoas tiverem de esperar duas horas entre comboios, como acontece no Algarve (que está longe de ser a pior linha regional), vão continuar a escolher o rodoviário.

Quando sabemos de uma decisão de Pinto Luz, temos de pensar em que negócio acabará. O negócio é, desta vez, a alta velocidade. O ministro já disse que a CP comprar comboios para atingir uma quota de 80% na alta velocidade, objetivo do anterior Governo que não anda longe do que existe na Alemanha, “não é saudável para o mercado”. A preocupação com os interesses privados deve ser acompanhada pelo seu adjunto, um dos consultores que realizou o plano de negócios da Barraqueiro para a alta velocidade entre Lisboa-Porto. A proposta do ministro para a CP é retirar rentabilidade às linhas que financiam o serviço público e recuar na presença da CP na futura alta velocidade. Não é preciso fazer muitas contas para perceber o que está no fim desta linha. Basta recordar o que Pinto Luz andou a fazer nos últimos meses do Governo de Passos.

A LEALDADE DE ERIC HOBSBAWM

Teresa Violante
politica@expresso.impresa.pt

Era jovem quando estreou “Forrest Gump”, um filme sobre um homem empático cuja história pessoal se entrecruzava com a própria história dos Estados Unidos entre os anos 50 e 70. A ficção de Hollywood colocou Forrest no epicentro de casos emblemáticos, desde a Marcha do Pentágono de 1967 a Watergate. Uns anos mais tarde, quando li a autobiografia de Eric Hobsbawm (“Tempos Interessantes: uma Vida no Século XX”), comprovei o cliché de que a realidade supera largamente a ficção.

Eric Hobsbawm foi um dos grandes historiadores do século passado, em certo sentido o mais democrático de todos. Viveu uma vida que se entrelaçou com grande parte da História do século XX, a “Era dos Extremos”, como lhe chamou no segundo volume da sua tetralogia, um estudo profundo desde a transição do Antigo Regime, através da Revolução Francesa, até à queda do Muro de Berlim. Foi sobretudo um especialista no século XX. De pai inglês e mãe austríaca, filho de dois impérios europeus desaparecidos, o britânico e o austro-húngaro, nasceu em 1917, ano da Revolução Russa. Hobsbawm foi não só um empenhado militante do Partido Comunista da Grã-Bretanha, como passou grande parte da sua vida, académica e cívica, na sombra do seu marxismo assumido, pagando um elevado preço pela sua decisão, nunca alcançando a tão desejada cátedra em Cambridge.

Vendo o comunismo e o capitalismo como filhos do Iluminismo, na análise de Hobsbawm ambos se disciplinavam mutuamente. Por isso, a queda do Muro de Berlim e da União Soviética representou o fim daquele “curto século”.

Um documentário da “London Review of Books” (“The Consolations of History”) fez-me regressar recentemente ao seu percurso. Através de vários excertos de entrevistas ao próprio autor, e a sua mulher, Marlene, que publicou um livro sobre a sua vida ao lado do historiador, percebe-se a sua essência: Hobsbawm foi um intelectual, daqueles em que o século XX foi tão pródigo, desde o caso Dreyfus. Enzo Traverso, na sua obra “Où sont passés les intellectuels?”, em que analisa o declínio dos intelectuais nas sociedades contemporâneas e a sua substituição por peritos e analistas, traça o perfil destas figuras marcantes do século passado. O intelectual questiona o poder, e introduz um ponto de vista crítico, pagando por isso um preço pelas suas escolhas. Esta é a descrição das opções de Hobsbawm.

O intelectual questiona o poder, e introduz um ponto de vista crítico, pagando por isso um preço pelas suas escolhas. Esta é a descrição das opções de Hobsbawm

O aspeto mais intrigante em Hobsbawm é a sua pertença convicta ao Partido Comunista. Tornou-se marxista em 1932, na República de Weimar, perante o colapso da democracia e a ascensão dos nazis, sob a resignação dos sociais-democratas. Esta vivência foi decisiva para selar a lealdade apesar do seu perfil moderado. Os momentos mais dolorosos da sua vida política chegam em 1956. Primeiro, com o discurso de Khrushchev, denunciando os crimes de Estaline. Depois, em outubro, com a violenta repressão soviética da Revolução Húngara, o primeiro prenúncio do fim do Pacto de Varsóvia. Quando confrontado com a pergunta porque é que, mesmo perante a revelação dos crimes do estalinismo e a “experiência dilacerante” de ver o Exército Vermelho esmagar a revolta comunista liberal, não abandonou a organização, a resposta é surpreendente. “Não queria trair as pessoas que conhecia e que tinham sacrificado as suas vidas e perdido. Sabe, muitas pessoas como eu tiveram vidas muito fáceis, de um modo geral. Mas há outros dos meus amigos e camaradas que não tiveram.” Lealdade para com os outros, não para com o partido. Lealdade como intersubjetividade.

Henrique Monteiro não escreve a coluna habitual esta semana

Direitos conquistados? Sim, muitos. Mas o que queremos é ampliá-los, reforçá-los e adaptá-los às necessidades reais das mulheres — hoje. Falo, claro, da urgência de estender o prazo legal da IVG até às 14 semanas

IVG sem barreiras, nem paternalismos legislativos

Sofia Pereira
politica@expresso.impresa.pt

FOTO VIKTORIYA DIKAREVA/GETTY IMAGES

Em 2024, no ano em que comemoramos os 50 anos de Abril, está em ascensão nos recantos obscuros dos algoritmos *online*, nos confins da direita política ou no regresso do conservadorismo perverso, um combate contra o corpo feminino.

Direitos conquistados? Sim, muitos. Mas o que queremos é ampliá-los, reforçá-los e adaptá-los às necessidades reais das mulheres — hoje. Falo, claro, dos direitos reprodutivos e de saúde sexual, nomeadamente da interrupção voluntária da gravidez e da urgência de estender o prazo legal da IVG até às 14 semanas.

O prazo atual de 10 semanas é francamente curto, penalizador da mulher, não está ancorado na ciência e é reflexo da moralização constante sobre o tema.

Descobrir uma gravidez nem sempre é imediato. Entre ciclos menstruais irregulares e falta de sintomas iniciais claros, muitas mulheres só se apercebem da sua gravidez perto do limite atual de 10 semanas. O processo para obter uma consulta e conseguir acesso ao procedimento nem sempre é rápido.

Em 2022, 20% das mulheres que procuraram realizar uma IVG não conseguiram a primeira consulta prévia dentro do prazo legal de cinco dias e, em casos mais graves, cerca de 5% das consultas registaram tempos de espera que duplicaram ou triplicaram o prazo legalmente previsto. Perante isto, não deveria o SNS assegurar que existem meios sempre disponíveis para a realização do procedimento, sem atrasos ou entraves?

E o "período de reflexão"? Três dias para pensar se a mulher tem mesmo a certeza da sua decisão — como se uma mulher, antes de tão importante decisão, para si, para o seu corpo e para o seu futuro, não tivesse já ponderado todas as consequências antes mesmo de marcar a consulta! Assinar um papel e esperar três dias para "confirmar" a decisão não é proteção, é burocracia paternalista. Respeitar a capacidade das mulheres de tomarem decisões sobre os seus próprios corpos, sem imposições arbitrárias, é o mínimo exigível.

Podemos ainda refletir seriamente sobre a objeção de consciência dos médicos. Sim, os profissionais de saúde têm o direito de não querer realizar o procedimento. Mas isso não pode, de maneira nenhuma, resultar no constrangimento do direito à IVG. Até porque, em Portugal, cerca de 30% dos hospitais não fazem interrupções de gravidez e 87% dos obstetras e ginecologistas no SNS recusam-se a realizar o procedimento. Esta decisão não deve ser, nunca, administrativa nem de terceiros.

Chegou a hora de Portugal se alinhar com os países que já entenderam que 10 semanas é pouco e que a autonomia das mulheres sobre os seus corpos não é negociável

Por isso, estender o prazo da IVG para 14 semanas não é um capricho é, sim, garantir que todas as mulheres em Portugal tenham a possibilidade real e segura de exercerem o seu direito de escolha, ultrapassando as barreiras e limitações, em tempo útil.

Nenhum ideal de liberdade estará completo enquanto não garantirmos que esses direitos serão respeitados, ampliados e adaptados às realidades do presente.

Chegou a hora de Portugal se alinhar com os países que já entenderam que 10 semanas é pouco e que a autonomia das mulheres sobre os seus corpos não é negociável. É por isso que temos de alargar a despenalização da IVG até às 14 semanas, agora! Porque a liberdade de escolher não pode esperar, mesmo que alguns à direita — o parceiro de governação minoritário, por exemplo — fantasiem com retrocessos.

Os direitos das mulheres são direitos humanos e, num mundo cada vez mais polarizado, inclusive entre géneros, não admitiremos retrocessos nem importações culturais do conservadorismo americano ou húngaro que, em Portugal, estão disfarçados de democracia-cristã. Os outros, ainda mais à direita, nem disfarçam.

A garantia do acesso à IVG, de forma segura, em todo o território e com prazos razoáveis é imperativo, sem barreiras administrativas, nem paternalismos legislativos.

Secretária Nacional da Juventude Socialista

Vai ser necessária uma laboriosa transformação cultural e organizacional alavancada por um dispositivo robusto de governação clínica e de saúde

Unidades locais de saúde, (re)pensar e agir, local e global

Victor Ramos* e Pedro Maciel Barbosa**

Em 2024 foi desencadeado o *big bang* das unidades locais de saúde (ULS). No entanto, na sua maioria, estas entidades são sub-regionais e pouco "locais". Por outro lado, a simples fusão da administração de hospitais com centros de saúde, com culturas organizacionais diferentes, não assegura o essencial: a integração, a continuidade e a qualidade dos cuidados. Pelo contrário, a dominância da cultura hospitalocêntrica e remediativa, tende a fragilizar a promoção da saúde, a prevenção e os cuidados de proximidade.

A nomeação de administrações baseadas e sedeadas no hospital, fica aquém do desejável: a) seleção exigente de dirigentes, orientada por critérios definidos *a priori*; b) desenvolvimento dos cuidados de saúde primários, linha da frente do SNS; c) um dispositivo robusto de governação clínica e de saúde que enquadre e oriente todas as equipas, dos centros de saúde e dos hospitais; d) programas estruturados de formação e avaliação contínua de dirigentes, sejam eles conselhos de administração ou estruturas intermédias; e) um novo modelo de governação em saúde.

Nos últimos 50 anos muito mudou. A esperança média de vida cresceu mais de 20 anos. Hoje, em Portugal, mais de 3000 pessoas têm 100 ou mais anos. A maioria da população idosa vive com várias doenças crónicas. Neste âmbito, menos de 15% da população mobilizam mais de 50% dos recursos alocados aos serviços públicos. A inovação tecnológica permite mais e melhores respostas, mas com custos que atingem já a escala dos milhares de milhões de euros — dos medicamentos aos dispositivos médicos utilizados no diagnóstico, na terapêutica e na reabilitação.

A manterem-se os modelos atuais de organização e gestão dos serviços, e de prestação dos cuidados, é provável que nem triplicando os recursos humanos, financeiros e materiais se resolvam as crescentes necessidades de saúde não satisfeitas.

Mantém-se uma excessiva centralização, com fraca autonomia e responsabilidade a nível local. Domina a burocracia, o distanciamento das realidades, e o financiamento inadequado, em quantidade e modo. Assim, serão as ULS capazes de assegurar equidade, coordenação, integração de cuidados, qualidade e eficiência em saúde?

Sob determinadas condições, as ULS podem facilitar estes processos, mas vai ser necessária uma laboriosa transformação cultural e organizacional alavancada por um dispositivo robusto de governação clínica e de saúde, a nível local. Uma ULS tem de virar-se para "fora de si" — para proteger e promover a saúde e bem-estar das pessoas e da população. Tal requer um papel claro da Saúde Pública em cada ULS no planeamento de estratégias locais que orientem uma governação integrada em saúde, e um ambiente laboral capaz de gerar motivação e satisfação nos profissionais.

A manterem-se os modelos de organização e gestão dos serviços e de prestação dos cuidados é provável que nem triplicando os recursos humanos, financeiros e materiais se resolvam as crescentes necessidades

A integração pode e deve começar nos cuidados de saúde primários e no seu entrosamento com as comunidades. As equipas de saúde familiar e de cuidados na comunidade devem interligar-se, além dos manuais de articulação, com as diferentes competências disponíveis como nutrição, psicologia, serviço social, fisioterapia entre outras. Nos hospitais, é urgente uma reorganização interna, com definição de percursos assistenciais horizontais em vez da organização por especialidades médicas em silos verticais. Por fim, são necessários percursos assistenciais integrados entre os diferentes tipos de cuidados, incluindo os cuidados continuados e paliativos, promovendo a circulação simplificada, sem atrasos, perda de tempo e de informação. Isto é, o foco essencial deve ser sempre o percurso de cada pessoa no sistema de saúde.

*Médico
**Fisioterapeuta da Fundação para a Saúde

Ricardo Costa

QUANDO MAIS NÃO É A MAIS

Há poucas coisas com uma reação tão previsível como o anúncio de um curso de Medicina. Desde 1995 que é assim. Quando o então primeiro-ministro António Guterres quis avançar com os cursos na Covilhã e em Braga, a reação da Ordem dos Médicos foi dura: há médicos a mais em Portugal, o desemprego será inevitável, o ensino não terá qualidade.

Quem não se recorda desta polémica talvez se lembre das dificuldades que a Universidade Católica teve em criar o seu curso, inaugurado em 2021. As críticas foram iguais às de 1995.

A reação ao discurso de Luís Montenegro no Pontal foi tirada a papel químico. Estamos no mesmo país, com os mesmos problemas e as mesmas "forças vivas". A reafirmação de avançar com cursos em Évora e Vila Real fez ressoar os trovões corporativos.

"Espero chegarmos a 2023 com a possibilidade de termos escolas de Medicina em Aveiro, Vila Real e Évora." A frase, de 2021, é do ex-ministro Manuel Heitor. A escola de Aveiro foi aprovada este ano, as outras duas são agora objetivos claros do Governo do PSD. Ainda bem!

Portugal tem tido, com pequenas exceções, sorte com os ministros do Ensino Superior. O ministro Fernando Alexandre sabe muito bem qual o papel do ensino superior no território, na dinamização da ciência, na ligação a empresas e na formação em geral.

Quando se afirma que o rácio de médicos por habitante em Portugal é alto, está-se a cair num velho erro

Quando se afirma que o rácio de médicos por habitante em Portugal é alto, está-se a cair no mesmo erro de quem afirma que em Portugal há casas a mais. São proposições quantitativamente verdadeiras, mas qualitativamente falsas, no sentido em que não resolvem os problemas porque são incapazes de os ver.

Portugal tem muitos médicos à beira da reforma, uma enorme assimetria geográfica e constrangimentos extremos em várias especialidades. Além disso, continuará a ter muitos profissionais a emigrar, sobretudo dentro da UE. Muitos estudantes de Medicina optarão pela investigação ou pelo trabalho em empresas de ponta no sector. Outros vão avançar para as áreas de gestão e consultoria ou, mais natural, para trabalhar em inteligência artificial (IA).

Em vez de repetirem argumentos de 1995, os críticos do Governo deviam pensar mais neste último tema. Como é que os médicos vão lidar com a IA, que atos podem ser substituídos por máquinas, que intervenção devem ter os profissionais. Isso, sim, seria uma discussão de 2024.

rcosta@expresso.impresa.pt

VERÃO 2024

O Homem que Comia Tudo Onde se fala dos azeites P24

"BCBM" Descobrir a Terceira guiados por Nemésio P25

Manuel Cardoso A restauração precisa de um restauro P25

Há quase 8000 doentes oncológicos à espera de uma cirurgia

De maio até 5 de agosto houve uma redução de 15% na lista de espera para cirurgia oncológica

Foi uma das bandeiras do Plano de Emergência para a Saúde: até ao final de agosto todos os doentes oncológicos em lista de espera para lá do tempo máximo de resposta recomendado seriam operados. Para tal, o Governo publicou uma portaria que dava um incentivo financeiro às equipas médicas no valor de 90% da cirurgia a efetuar. Estes incentivos extinguem-se a 31 de agosto. Mas não vai ser possível operar todas estas pessoas neste espaço temporal, como admitiu ao Expresso o gabinete de Ana Paula Martins. Apesar de até ao final de agosto todos estes doentes terem uma data para a sua cirurgia, "em setembro ainda haverá operações no âmbito do Oncostop".

Segundo dados do Ministério, a 5 de agosto havia 7973 doentes oncológicos à espera de serem operados. No arranque do programa, em maio, eram 9374 pessoas nesta situação. Em três meses e cinco dias a lista perdeu 1401 pessoas o que se traduz numa redução de 15%. Em relação aos que estavam acima do tempo de espera recomendado, a quebra foi mais significativa. No final de abril eram 3242 os doentes nesta situação, a 5 de agosto o número tinha baixado para 1424. Destes, assegura fonte do ministério, só estão fora do agendamento para cirurgia além do dia 31 de agosto aqueles que por opção não aceitaram a marcação feita pelo SNS (muitas vezes para um hospital diferente daquele onde estão a ser seguidos).

As listas de espera para cirurgia tinham em julho mais 16.990 doentes do que no mesmo período do ano passado

Em junho, no Parlamento, a ministra da Saúde dizia que tinha enviado um *e-mail* a todas as unidades de saúde para que fossem agendados "até ao limite da capacidade" todos os doentes da lista de espera oncológica acima do tempo máximo de resposta recomendado e que as cirurgias acontecessem até ao dia 31 de agosto. Questionado sobre se o Governo vai estender o programa de incentivos Oncostop para lá dessa data, o ministério não respondeu.

Listas de espera gerais aumentam

Em julho havia quase 270 mil pessoas em lista de espera para cirurgia no SNS. Um aumento de 6,7% face ao mesmo período do ano passado. Destas, 27,5% ultrapassavam o tempo recomendado para serem operadas: são mais de 74 mil pessoas. Aqui a variação é mais pequena: o valor subiu apenas 0,3 pontos percentuais em relação a 2023.

Num comunicado enviado às redações a DE-SNS destaca que "nunca se realizaram tantas cirurgias no SNS". De facto, a subida em relação a 2023 foi de 8,5% no que respeita ao número de doentes operados: eram mais de 466 mil em julho. Ainda assim, houve uma subida no tempo de espera para cirurgia na ordem dos 6%, passando de 3 meses para 3,2 meses.

O Ministério da Saúde está a preparar uma portaria para responder a estas listas de espera, não querendo adiantar se será seguido o mesmo sistema de incentivos financeiros que foi adotado para os doentes oncológicos.

Um começo de etapa... original

VUELTA Depois de três etapas inicias em Portugal, a corrida espanhola está já no país vizinho. A 6ª tirada, entre Jérez de la Frontera e Yunquera, teve um arranque singular: por razões publicitárias, o pelotão deu as primeiras pedaladas dentro de um hipermercado. À falta de 15 etapas, a Vuelta é liderada por Ben O'Connor, australiano. O português João Almeida é 3º da geral, a 4,59 minutos. FOTO DARIO BELINGHERI/GETTY IMAGES

Concurso extra para escolas

Subsídio para docentes deslocados junta-se a novo concurso de colocações

O Governo aprovou um concurso extraordinário de vinculação para escolas com "carências" de professores nas "disciplinas deficitárias". A somar a isso, aprovou ainda um subsídio de apoio aos professores deslocados nestas instituições no valor entre €70 e €300. Ambas as medidas irão a discussão "intensa" no Parlamento, "com o objetivo de entrarem em vigor no início do ano letivo", anunciou António Leitão Amaro, ministro da Presidência, no fim do Conselho de Ministros desta quinta-feira. O objetivo, disse, é acabar com situações de "alunos sem aulas".

Na saúde, o ministro da Presidência anunciou a aquisição de 320 veículos de emergência médica. "Destes, 120 para os bombeiros e os restantes para o INEM", explicou, adiantando que os custos irão rondar os €19 milhões. Estas medidas surgem pouco depois de as dificuldades nos transportes do INEM terem levado à demissão do seu presidente, Luís Meira.

O Governo aproveitou para materializar outras promessas, como o aumento do suplemento de risco para as forças de segurança e o recém-conhecido suplemento extraordinário para pensionistas.

Expresso

Sexta-feira 23 de agosto de 2024

23 08

#2704
expresso.pt

Últimas

€1 milhão para poupar água O Governo atribui um milhão de euros do Fundo Ambiental para uma campanha de "sensibilização para o uso eficiente da água no Algarve". O anúncio, feito pela ministra do Ambiente e Energia, Maria da Graça Carvalho, prevê ações e atividades de sensibilização até 2025 a cargo da Agência Portuguesa do Ambiente (APA) e da Águas do Algarve (AdA).

IGF audita caixa de previdência dos advogados O Governo 'enterrou' a comissão de avaliação à Caixa de Previdência dos Advogados e Solicitadores (CPAS) criada pelo anterior Governo, criou outra e mandatou a Inspeção-Geral de Finanças (IGF) para fazer uma auditoria às contas. Pelo meio lançou farpas aos seus antecessores, sugerindo que se limitaram a fazer um trabalho de fachada.

Feira do Livro no Porto O Palácio de Cristal volta a ser o palco de mais uma edição da Feira do Livro do Porto a partir desta sexta-feira. Até 8 de setembro, o evento reúne 115 editoras, livreiros e alfarrabistas em 130 *stands*, a par de atividades para todas as idades. Eugénio de Andrade, o "poeta da luz", é o autor homenageado na edição deste ano.

Subsídio para professores O Governo decidiu atribuir um subsídio de deslocação a professores que deem aulas a mais de 70 quilómetros da sua residência fiscal, anunciou o ministro da Presidência no final de uma reunião do Conselho de Ministros. O apoio terá um valor de até 300 euros.

Governo afasta gestores da Parpública O Executivo decidiu demitir a administração da Parpública, entidade que gere as participações empresariais do Estado. O presidente, José Realinho de Matos, estava no cargo desde novembro do ano passado.

Militares de Taiwan condenados por espionagem Oito soldados taiwaneses foram na quinta-feira condenados a penas de até 13 anos de prisão por espionagem a favor da China. Os arguidos eram militares no ativo e "foram seduzidos pelo dinheiro", justificou o tribunal.

Hungria ameaça mandar migrantes ilegais para Bruxelas O ministro do Interior da Hungria ameaçou, na quinta-feira, enviar para Bruxelas os migrantes irregulares que entrem no país. A posição decorre de uma alegada falta de apoio por parte da União Europeia para proteção das fronteiras húngaras.

Taxa extra da AL eliminada O Governo aprovou um decreto-lei que elimina a Contribuição Extraordinária sobre o Alojamento Local (AL) e o agravamento do IMI destes imóveis, depois de já ter tido 'luz verde' no Parlamento. A medida terá efeitos retroativos a 31 de dezembro de 2023.